

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

WILLIAM PEREIRA PENNA

**ESCREVIVÊNCIAS DAS MEMÓRIAS DE NEUSA SANTOS SOUZA:
APAGAMENTOS E LEMBRANÇAS NEGRAS NAS PRÁTICAS PSIS**

NITERÓI
2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

P412e Penna, William Pereira
 Escrevivências das memórias de Neusa Santos Souza :
Apagamentos e lembranças negras nas práticas psis / William
Pereira Penna ; Arthur Arruda Leal Ferreira, orientador ;
Abrahão de Oliveira Santos, coorientador. Niterói, 2019.
 124 f. : il.

 Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2019.m.11226933629>

 1. Relações raciais. 2. Subjetividade. 3. Memória
(Psicologia). 4. Psicanálise; aspecto histórico. 5.
Produção intelectual. I. Ferreira, Arthur Arruda Leal,
orientador. II. Santos, Abrahão de Oliveira, coorientador.
III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia.
IV. Título.

CDD -

Bibliotecária responsável: Thiago Santos de Assis - CRB7/6164

WILLIAM PEREIRA PENNA

**ESCREVIVÊNCIAS DAS MEMÓRIAS DE NEUSA SANTOS SOUZA:
APAGAMENTOS E LEMBRANÇAS NEGRAS NAS PRÁTICAS PSIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Arruda Leal Ferreira

Co-orientador: Prof. Dr. Abrahão de Oliveira Santos

Área de concentração: Subjetividade, política e exclusão social

NITERÓI
2019

WILLIAM PEREIRA PENNA

**ESCREVIVÊNCIAS DAS MEMÓRIAS DE NEUSA SANTOS SOUZA:
APAGAMENTOS E LEMBRANÇAS NEGRAS NAS PRÁTICAS PSIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Subjetividade, política e exclusão social.

Prof. Dr. Arthur Arruda Leal Ferreira – UFF
(Orientador)

Prof. Dr. Abrahão de Oliveira Santos – UFF
(Co-orientador)

Prof^a. Dr^a. Luiza Rodrigues de Oliveira - UFF
(Examinadora)

Prof. Dr. Hildeberto Vieira Martins - UFF
(Examinador)

Prof. Dr. Izaque Miguel da Silva - FAETEC
(Examinador)

Prof. Dr. Amauri Mendes Pereira - UFRRJ
(Examinador)

Niterói, 01 de julho de 2019.

À minha avó Ana Monteiro Pereira, costureira do tecido da vida.
Ao meu avô Antônio Martins Pereira e sua persistência em adoçar as palavras.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Rosa Maria Pereira Penna e Guilherme Aparecido Penna, professores da educação pública que acreditam e apostam sempre na minha. Pelo apoio, pela amor, pela presença, mesmo que à distância. Amo vocês.

Ao meu irmão Wesley Pereira Penna, que me agraciou durante esse percurso com um sobrinho. Pedro Moraes Penna seja muito bem vindo!

Aos meus avós, princípio de tudo, Antônio Martins Pereira, Ana Monteiro Pereira e Luzia Porto Penna. À Thais Pereira, pela companhia e parceria na vida. À todas e todos da minha família.

À Ayana Sisi, seu amor encanta minha vida.

À todas as pessoas que integram o Laboratório Kitembo. Aquilombar-se é preciso! Sou muito grato por poder viver o sonho da *continuidade histórica* com vocês. À Abrahão de Oliveira Santos, pela referência, pela escuta atenta e intervenção cuidadosa e certa. Por ter me ensinado que é possível cuidar mesmo quando se está ferido.

Às organizadoras do evento *Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza*. Maria da Conceição Nascimento, Carina Cruz, Tainara Cardoso, Alline Pereira, Luiza Oliveira, Abrahão de Oliveira Santos e Fernando Rodrigues. Obrigado por terem construído essa homenagem comigo. À todas e todos que participaram do evento como um todo.

Aos integrantes da Supervisão Preta, Isabela Coutinho, Carla Gomes, Cristiane Rocha, Lucas Veiga e Vanessa Diniz. Os encontros alegres do grupo foram cruciais para que esse trabalho fosse realizado.

À Thaíssa Gonçalves e Leonardo Lino, dividir a moradia com vocês foi decisivo.

Aos amigos cotistas da pós, Áurea, Alline, Ayana, Camila, Juliana, Patrícia, Tainara e Jefferson. Aos que não são cotistas, mas lutaram conosco, Stallone, Vivi, Danielle, Elis e Lucila.

Ao amigo querido Izaque Miguel por ter acompanhado esse processo me presenteando com conversas instigantes, desestabilizadoras e necessárias.

Às amigas e amigos queridos: Polyana Alves, Ramiro Faria, Bruno Rossotti, Natasha Iane, Clara Camatta, Luisa Sader, Laura Mumić, Maria Zaú, Renata Chiquetto, Lara Vieira, Antônio Costa, Fabiana Lemos, Maísa Carvalho e Clara Jorge. À Anaís Fiorani *em memória*. À Caroline Amanda Lopes Borges.

À Roberta Federico, pela participação fundamental nesse processo.

Ao Tata Luazemi Roberto Braga e ao Lumyjacarê Junçara pelo acolhimento e cuidado.

Ao Arthur Arruda Leal Ferreira por acolher o meu projeto. Pela parceria e amizade.

Ao Amauri Mendes Pereira, pela generosidade de ter feito uma leitura cuidadosa do trabalho e enviado o seu parecer para a banca da defesa mesmo quando estava se recuperando de uma cirurgia.

Às pessoas que entrevistei durante esse percurso: Paulo Vidal, Ana Rocha, Edson Saggese, Francisco Leonel Fernandes, Ana Beatriz Freire, Maria Tavares, Maria Isabel Lins, Jurandir Freire Costa e Lúcia Mariano. Obrigado pela contribuição e confiança.

À CAPES pelo auxílio financeiro.

RESUMO

O presente trabalho visa discutir a trajetória de vida e a obra da psiquiatra e psicanalista negra brasileira Neusa Santos Souza. Para isso refletimos sobre as condições de produção do seu relativo esquecimento nas práticas psi's, entrevistamos algumas pessoas que a conheceram em vida e realizamos um evento em sua homenagem intitulado *Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza*. Todas essas ações em conjunto com a participação no *Kitembo - Laboratório de estudos da subjetividade e cultura afro-indígena-brasileira* possibilitaram deslocamentos nos modos de construção da pesquisa. Além de focar na autora, esta passou a contar com uma reflexão sobre o processo de implementação das políticas de ações afirmativas do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, além de toda uma discussão sobre as relações étnico-raciais no âmbito da produção de conhecimento acadêmico. Para isso, dialogamos com um referencial que se aproxima de uma perspectiva descolonizadora do saber a partir de algumas ferramentas conceituais construídas por intelectuais negras e negros como Conceição Evaristo, Maria Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Abdias Nascimento, Frantz Fanon e Achille Mbembe. Desse modo, abordamos a trajetória de vida e a obra de Neusa Santos Souza em articulação íntima com o seu livro *Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*.

Palavras chave: Neusa Santos Souza. Relações étnico-raciais. Escrivência. Memória.

ABSTRACT

The present work discusses the life trajectory and the work of Brazilian black psychoanalyst Neusa Santos Souza. For this we reflect on the conditions of production of their relative forgetfulness in the psi practices. We interviewed some people who knew her in life and held an event in her honor entitled "Psychology, Racism and the Legacy of Neusa Santos Souza". All these actions together with the participation in the *Kitembo* - Laboratory of studies of the afro-indigenous-brazilian culture permitted displacements in the construction of the research. In addition to focusing on the author, the research started to have a reflection on the process of implementation of affirmative action policies in the Post Graduate Program in Psychology of the Federal Fluminense University, in addition to a whole discussion on ethnic-racial relations in the scope of academic knowledge production. In order to do this, we dialog with references that approach a decolonizing perspective of knowledge from some conceptual tools built by black intellectuals such as Conceição Evaristo, Maria Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Abdias Nascimento, Frantz Fanon e Achille Mbembe. In this way, we approach the life trajectory and the work of Neusa Santos Souza in intimate articulation with her book "Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social".

Keywords: Neusa Santos Souza. Ethnic-racial relations. Escrivência. Memory.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Foto de Neusa Santos Souza.....	55
IMAGEM 2 – Programação do curso “Conscientização da Cultura Afro-Brasileira”.....	62
IMAGEM 3 – Divulgação do evento <i>Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza</i>.....	91
IMAGEM 4 – Foto do Zoológico Humano (1).....	96
IMAGEM 5 – Foto do Zoológico Humano (2).....	97
IMAGEM 6 – Quadro sobre os experimentos de Charcot.....	97
IMAGEM 7 – Fotografia com Ana Rocha, à esquerda, e Neusa Santos Souza, à direita (1).....	106
IMAGEM 8 – Fotografia com Ana Rocha, à esquerda, e Neusa Santos Souza, à direita (2).....	107
IMAGEM 9 – Fotografia com Neusa Santos Souza sorrindo, ao centro.....	107

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	CAPÍTULO I: EPISTEMICÍDIO E INTELECTUALIDADES NEGRAS.....	22
2.1	Uma busca por autonomia.....	23
2.2	Apagamento da produção negra: O <i>epistemicídio</i>	24
2.3	Racismo e sexismo na produção de conhecimento.....	29
2.4	Possibilitando o encontro: <i>Escrevivência</i> e Memória.....	32
2.4.1	<i>Escrevivência</i>	32
2.4.2	<i>Sobre o processo de construção das memórias</i>	39
2.5	Quilombismo e aquilombamento: ideias-forças de luta.....	45
3	CAPÍTULO II: UMA TRAJETÓRIA DE NEUSA SANTOS SOUZA QUE NÃO É SÓ DELA.....	53
3.1	Infância e graduação na Bahia.....	56
3.2	Chegada ao Rio de Janeiro: IPUB e a escrita de <i>Tornar-se Negro</i>	58
3.3	Do Núcleo de Atendimento Terapêutico ao “Engenho de Dentro”: um dos inícios da Reforma Psiquiátrica.....	63
3.4	Saída do Engenho de Dentro, independência institucional e intelectual: a clínica e a prática de um lacanismo muito particular.....	67
3.5	<i>A Psicose: um estudo lacaniano</i> , clínica de Neusa Santos Souza e seus Seminários na Casa Verde.....	79
3.6	Outros trabalhos, artigos e livros de Neusa Santos Souza.....	84
3.6.1	<i>A ciência e a verdade: um comentário</i>	85
3.6.2	<i>A elaboração de O Objeto da Angústia</i>	86
3.6.3	<i>Grupos de estudo e outros trabalhos</i>	87
4	CAPÍTULO III: PSICOLOGIA, RACISMO E O LEGADO DE NEUSA SANTOS SOUZA.....	89
4.1	Os encontros do Encontro.....	89
4.2	Construção de uma memória coletiva: Novas informações e discussões a partir do evento <i>Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza</i>	92
4.2.1	<i>Mesa de abertura</i>	92
4.2.2	<i>35 anos de Tornar-se Negro: Psicologia, Saúde Mental e Racismo</i>	94

<i>4.2.3 É preciso saber de onde se veio para saber para onde se vai: Neusa Santos Souza e memórias insurgentes dos movimentos negros.....</i>	101
<i>4.2.4 Roda de Conversa: A trajetória e o pensamento de Neusa Santos Souza.....</i>	105
<i>4.2.5 Lançamento de Livros.....</i>	108
5 CONCLUSÃO.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114
ANEXO A - Especial de Neusa Santos Souza para o Correio da Baixada: <i>Contra o racismo: com muito orgulho e amor</i>.....	121
ANEXO B - Recortes da dissertação original de Neusa Santos Souza.....	122

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata da vida e obra da psiquiatra e psicanalista negra Neusa Santos Souza (1948-2008). No entanto, ao falar de sua trajetória, busco fazer isso de uma maneira não objetificante, compondo uma *escrevivência*¹ do processo que construí durante estes dois anos de trabalho em que estive a procura de vestígios que pudessem construir uma memória possível da história de vida e da produção intelectual desta importante autora. Entrevistei seus amigos e pares de trabalho nos campo da psicanálise e dos movimentos negros, fui em busca de seus livros e entrevistas e procurei todas as homenagens registradas e endereçadas a ela após a sua morte. Além disso, construí em conjunto com o *Laboratório Kitembo* e a Coordenação do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFF o evento *Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza*, que ocorreu durante no dia 7 de dezembro de 2018, no campus Gragoatá da UFF.

Sendo assim, em seu desenrolar, a pesquisa foi se tornando muito mais do que um trabalho biográfico, discorrendo também sobre uma série de mecanismos que produzem e reforçam desigualdades raciais que estão presentes na vida acadêmica e que de formas distintas marcaram tanto o relativo esquecimento de Neusa Santos Souza neste ambiente, quanto a minha própria experiência enquanto homem negro e aluno primeira turma de ações afirmativas do Programa onde se desenvolveu esta pesquisa. Dessa forma, ao longo dessa busca por reconstruir a memória desta ancestral, apostei na construção de um tipo de memória que não é desinteressada e nem fala de um lugar distanciado ou neutro. Entendo que a busca por Neusa Santos Souza não só tem aumentado nos últimos anos, bem como têm adquirido uma força importante para a intensificação do debate das questões étnico-raciais na e da psicologia, assim como a expansão das políticas necessárias de ações afirmativas nas universidades brasileiras.

O trabalho se desenvolve em um contexto específico: o da reviravolta produzida pela onda negra nas universidades públicas, principalmente na UFF, estabelecimento ao qual estou ligado. Construir o caminho dessa escrita tem me levado a um processo de reconstrução de minha negritude, de minha vida e apostas políticas, ideológicas, conceituais. Ingressando na primeira turma de ações afirmativas do PPGP-UFF e engajado em sua implementação e continuidade, tenho vivido em um ambiente de grandes tensões, brigas epistemológico-políticas, marcações de posições diversas e tenho feito escolhas nele, apostando em uma

¹ O conceito de *escrevivência* será discutido na seção 2.4.1 desta dissertação.

configuração de pesquisa que tenha um caráter resolutivo², que possa de alguma maneira contribuir para a ampliação e intensificação dessa reviravolta.

A proposta primeira dessa pesquisa, apresentada em anteprojeto para a seleção do PPGP-UFF era a de, a partir do artigo *Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre as relações étnico raciais* de Santos, Schucman e Martins (2012), seguir a indicação dos autores e aprofundar essa pesquisa, construindo uma história desde os três momentos de articulação entre a psicologia e as relações étnico-raciais propostos por eles. Estes momentos seriam *biológico-causal*, *culturalista e relacional*, que apresentariam um rol de autores e discussões que iriam desde a construção da Escola Nina Rodrigues no período pós-abolição da escravidão no Brasil e seu projeto médico-jurídico de eliminação da população negra, passando por um momento de crítica ao biologicismo dessa escola e abertura a outros temas, até o momento atual, onde o debate sobre a identidade racial da população branca, a branquitude, começa a se fazer presente nessa articulação, deixando assim de naturalizar somente a tematização das pessoas negras enquanto racializadas.

Porém, logo na entrevista sou indicado a repensar essa escolha, visto que ela era muito abrangente e que em verdade havia muitos outros trabalhos, reflexões e atuações em psicologia do que conseguira supor durante a construção do anteprojeto. Prova disso foi quando no próprio PPGP-UFF encontrei e me integrei ao *Kitembo - Laboratório de estudos da subjetividade e cultura afro-indígena-brasileira*. Muito mais do que um grupo de pesquisa, o *Kitembo* é um nkisse que na cosmogonia banto é o próprio tempo. O vento, a bandeira indica a direção para onde o grupo deve ir, em busca de bons caminhos. Lugar de acolhimento e de trocas produtivas, de construção de quilombo. A entrada no laboratório possibilitou um reencontro comigo mesmo, minha negritude e tradições, que longe de parecer um retorno ao que já está dado era e é uma invenção do novo, de um modo de ocupar a universidade em conjunto com as pessoas e os saberes das favelas, dos quilombolas, dos povos de terreiro e dos povos indígenas. Suleados por essa direção, no final do ano de 2017 pude participar da construção do *III Encontro Kitembo*, onde estive junto de representantes desses povos falando

² Antônio Bispo (2015) aposta na criação de pesquisas que tenham um caráter resolutivo ao invés do meramente reflexivo. Por pesquisa resolutiva, entendo aquelas que possam ser construídas com as comunidades e pessoas pesquisadas, adquirindo um sentido e uma utilidade para elas, para além do interesse único e exclusivo dos pesquisadores e da academia. Nesse sentido, a resolutividade tem a ver com a necessidade dos povos africanos e panorâmicos de construir estratégias e atuações contra as ações destrutivas dos colonizadores. Entendo que a resolutividade desta pesquisa em particular está em construir esta memória de Neusa Santos Souza, reunindo informações já publicadas sobre sua trajetória de vida e produção intelectual, bem como produzindo outras informações a partir das entrevistas. Além disso, durante a produção do evento *Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza* pudemos ampliar o aspecto resolutivo da pesquisa ao produzir esse encontro, que contou com mais de 100 pessoas, que discutiram conosco sobre a vida e obra de Neusa Santos Souza, bem como coletivamente construíram uma série de sentidos que apontam para a importância deste debate na atualidade.

por eles mesmos sobre suas formas de conhecimento e suas relações com a pesquisa, em diálogo com pesquisadores universitários do próprio Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (PPGP-UFF). Contamos com a participação de mestres de saberes tradicionais - como o quilombola Antônio Bispo -, representantes do povo Potiguara - como o Capitão Potiguara e Bruno Rodrigues Silva -, representantes do povo Xucuru - como o Mestre Cecílio Santana Feitosa e Guila Xucuru -, Sacerdotes do candomblé banto - como o Pai Roberto Braga e Mãe Arlene de Katendê -, além de representantes dos movimentos de favela - como o Ocupa Alemão -, e de outros movimentos sociais - como a ocupação da biblioteca do Engenho do Mato de Niterói -.

Esse encontro foi um marco em minha trajetória acadêmica, onde pude vivenciar um modo de estar na universidade muito distinto do qual estava habituado. Um modo ainda por fazer, em construção, mas já com algumas apostas importantes. Uma das mais cruciais delas é a de que é preciso estar junto, ao lado desses povos e, com eles, aprender e criar um modo de produzir a pesquisa e a luta. Assim, buscamos sair do modo de funcionamento das pesquisas habituais - de objetificação e fala sobre os outros - para poder construí-las, a partir de uma construção conjunta, não mais falar do outro, mas falar de nossas experiências nesse estar junto, de escrever a partir da oralidade³ e de nossas ancestralidades⁴, estando atento às capturas tão fáceis de se cair nesse processo.

As experiências com o evento e a participação no laboratório foram me dando aos poucos um deslocamento, no sentido da minha pesquisa. Fui percebendo que ela tinha a ver também com a aposta na oralidade como uma ferramenta, como um jeito de não só basear nossas pesquisas e produções no sentido livresco, de gabinete, mas de nos lançar ao encontro

³ A Oralidade é um dos valores civilizatórios da população Afrobrasileira. É a através dela que os saberes africanos foram mantidos e reinventados, nos mais variados aspectos de sua expressão. A tradição oral africana, para Amadou Hampaté Bâ (2010), não se limita a lendas ou relatos mitológicos e históricos. Ela é a própria tessitura da Unidade primordial do mundo onde tudo se religa e interage. A oralidade é ao mesmo tempo espiritual e material, “religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação” (HAMPATÉ BÂ, 2010, 169).

⁴ Eduardo David de Oliveira (2005), em sua tese de doutorado em educação, *Filosofia da ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*, escurece que o termo ancestralidade é um termo em disputa nos movimentos negros, nas religiões de matriz africana, nas políticas do governo e na academia. No entanto, ele utiliza o termo ao longo de toda a tese passando por uma série de definições situadas. Uma definição que indica esse conceito-força pode ser essa: “A ancestralidade é uma categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Ela, ao mesmo tempo, é enigma-mistério e revelação-profecia. Indica e esconde caminhos. A ancestralidade é um modo de interpretar e produzir a realidade. Por isso a ancestralidade é uma arma política. Ela é um instrumento ideológico (conjunto de representações) que serve para construções políticas e sociais.” (OLIVEIRA, 2005, n.p.).

com o nosso povo e de não nos perdermos nessa travessia. Pensando no certo tipo de memória que busco produzir sobre Neusa Santos Souza, a pesquisa foi tomando para mim outro sentido, que não era somente uma pesquisa relativa a uma grande personagem da história da psicanálise e do movimento negro brasileiro, mas um exercício de reverência e resgate da memória de uma ancestral.

Nesse sentido é que, acompanhando os desvios do caminhar da pesquisa, *peço licença* à Neusa Santos Souza para que possa realizar esse trabalho.

Ao ingressar como cotista na primeira turma com ações afirmativas do mestrado, fui sabendo aos poucos de tudo que aconteceu no programa durante o processo de implementação da política. A *Ocupação Preta*⁵, quando mencionada, era tratada de forma superficial. Porém, percebia-se nos corpos e nos não ditos do cotidiano certo mal-estar acompanhado pelo medo de muitas pessoas em falar abertamente sobre esse acontecimento e a relação que ele tinha com o programa. Até hoje não sei se entendo muito bem o que de fato está em questão e de onde vem tanta dificuldade. Sinalizo esse mal-estar difuso, pois acredito que ele tem a ver com uma coisa: o racismo. Daqueles que se vêm como progressistas, mas colhem os louros e os privilégios de, sendo brancos, pesquisarem a anos as vidas das populações negras sem, contudo, problematizar o seu lugar e fazer valer o que tanto se escreve e se defende quando se tem uma oportunidade como a de efetivar uma mudança no acesso e na permanência no programa de pós-graduação.

Além do mais, durante o processo da construção da política, uma série de falas racistas apareceram na voz de alguns professores do PPGP, como insinuações de que ribeirinhos não seriam bem vindos ali, ou o questionamento de que se teria que ministrar aulas de reforço para os optantes pelas ações afirmativas, as considerações de que estas eram pessoas que não saberiam escrever ou sinalizações que as ações afirmativas poderiam fazer com que a nota do programa diminuísse. Essas e outras falas estão registradas e foram discutidas de forma brilhante na dissertação da psicóloga que se autodeclara com pertencimentos indígenas e

⁵ “Atentos ao cenário político aterrorizante e às ameaças que representam a Proposta de Emenda à Constituição nº55 (PEC 55) para a vida da população negra, jovens negras e negros, em sua maioria graduandos, realizaram um movimento chamado Ocupação Preta, na Universidade Federal Fluminense (UFF) Campus Gragoatá, entre os meses de novembro de 2016 e janeiro de 2017, com cerca de 25 jovens de diferentes cursos de graduação. (...) A partir disso, convidamos os membros da Ocupação Preta a participar de algumas reuniões do colegiado. Eles aceitaram e essa presença causou espanto e certa desconfiança. Alguns professores e alunos, visivelmente incomodados, preferiram se retirar das reuniões. Assistimos a manobras retóricas muito bem manejadas pelos que defendiam a permanência da configuração tradicional, branca e eurocêntrica, do espaço de saber - desde solicitação de amenização do clima de tensão e de tentativas de esvaziamento da pauta, até a citação de que já haviam estudantes negros que conseguiram entrar no programa sem precisar de cotas, pois estavam qualificados, segundo os critérios estabelecidos pelo programa.” (ANDRADE, 2017, p. 61/62).

pretos, Áurea Alves Cardoso (2018), intitulada *Um rio de memórias, experiências e vivências: Guerrilha do Araguaia*. A construção do trabalho de Áurea Cardoso se deu durante o processo de discussão e implementação das ações afirmativas e ela decidiu acrescentar à sua reflexão esses embates que aconteceram no programa de pós-graduação. Ela, uma ribeirinha do Araguaia, ouviu durante as reuniões de colegiado as falas que mencionei e, em uma virada político-conceitual, afirmou que é preciso *ribeirinhar* e racializar as discussões que ela estava produzindo em sua dissertação.

Assim, o que essas falas fazem ecoar é que, para estes professores, as pessoas negras, indígenas, transexuais e deficientes só são interessantes enquanto objetos de suas pesquisas ditas “progressistas”, mas quando elas podem falar não mais somente a partir deste lugar, mas também como sujeitos, que podem colocar suas questões, desenvolvê-las a partir de suas próprias perspectivas, aí está instalado o problema. São chamadas de radicais, de identitárias, ou outras acusações que serviriam à manutenção do mesmo estado de coisas antes da implementação das ações afirmativas no programa.

Paradoxalmente, havia também uma grande expectativa e atenção especial a nós, mestrands pretos e cotistas. Em uma das reuniões do colegiado da pós uma pessoa surpresa com a minha participação em uma determinada discussão disse: “Que bom, alunos que falam!” com um misto de espanto e admiração, que para mim foram evidentemente forçados. Afinal, como poderiam estes negros falar coerentemente, defender argumentos e pontos de vista de forma não submissa? Sentia que tudo que aconteceu durante o processo de implementação das cotas que eu não podia nem sabia localizar muito bem, estava muito presente por onde quer que eu circulasse na UFF, seja nas aulas, nos colegiados ou nos espaços de grupo de pesquisa em que participava. Olhe: um preto! E uma série de comportamentos forçados, cumprimentos estranhos já determinados no sentido de “não parecer racista” se apresentavam a mim. O que me faz lembrar-se de um trecho de Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas*:

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!”

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos.

Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraíndo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu. (FANON, 2008, p. 103).

Por várias vezes me peguei perplexo, atônito com o que se estava produzindo nas salas de aula, nos bastidores e nos corredores do PPGP-UFF. Como esse lugar que vende uma imagem de progressista poderia produzir tanto racismo, de formas tão sorrateiras?

Nas aulas de subjetividade e exclusão social, matéria obrigatória para a parcela de ingressantes que está vinculada à linha de pesquisa homônima do programa, tivemos um curso voltado para a discussão sobre o racismo. Proposta por Abrahão Santos - um dos dois professores que se autodeclararam negros do PPGP-UFF – a disciplina, além de possibilitar leituras e trocas extremamente ricas para a minha pesquisa e a de outras pessoas que optaram por debater a questão racial, disparou também um laboratório para se pensar coletivamente o que estava acontecendo no programa.

Um analisador interessante se deu quando já na metade do semestre percebeu-se que as pessoas brancas (a maioria da turma) permaneciam caladas e manifestadamente incomodadas em tratar do tema quando ele surgia. A situação ganhou contornos da ordem do insustentável, até que eu e minha companheira malunga de travessia desse percurso, Alline Pereira, pontuamos que este silêncio se relacionava a uma das características da própria branquitude e propusemos que discutíssemos o texto de Maria Aparecida Bento, *Branquitude e Branqueamento no Brasil*, como um disparador da discussão e da análise do que estava se passando em sala de aula. Foi então que um, mestrando do curso comentou do seu estranhamento quando marcávamos as pessoas brancas como “pessoas brancas”. Comentou que nunca tinha se entendido como branco e que não sabia muito bem como se posicionar e falar sobre os debates que estávamos tendo em aula. O próprio texto de Maria Aparecida Bento nos ajuda a entender essa dificuldade:

Assim, não é à toa que mesmo os pesquisadores mais progressistas não percebam o seu grupo racial, implicados num processo indiscutivelmente relacional. Não é por acaso a referência apenas a problemas do Outro, o negro, considerado diferente, específico, em contraposição ao humano universal, o branco. Esse daltonismo e cegueira caracterizam um estranho funcionamento de nossos cientistas e estudiosos, aqui incluídos psicólogos e psicanalistas, que conseguem investigar, problematizar e teorizar sobre questões referentes aos indivíduos de nossa sociedade de forma completamente alienada da história dessa sociedade. (BENTO, 2014, p. 41).

Por que não se percebe o grupo racial, que, de forma hegemônica, conduz as pesquisas no Brasil? A posição cômoda de sempre colocar em análise os problemas do Outro, o negro, pobre, favelado, como é tão comum nesse programa que tem como uma das linhas de pesquisa subjetividade, política e exclusão social, parece indicar que estas realidades pesquisadas não têm nada que ver com a própria posição do grupo que ocupa a pós-graduação. O branco que busca se esconder a todo tempo, que se coloca como o padrão de

humanidade desaterrada e imaterial, se sente violentado quando dizemos que ele sim tem um corpo. Mais do que isso, que para esse corpo existir, pesquisar e teorizar sobre os chamados Outros, uma série de violências e opressões têm que existir juntas e se atualizarem em suas vidas e pesquisas.

Esses são somente alguns fios desse emaranhado de sutilezas⁶, mas, por várias maneiras, foi se tornando evidente que “não havia coerência entre a psicologia que aprendemos nos textos e em palestras de colegas, que por tantas vezes nos orgulhamos de afirmar, e a conduta que presenciávamos.” (ANDRADE, 2017, p. 61/62). Por mais que o curso de Psicologia e o PPGP da UFF sejam bastante reconhecidos por seu caráter progressista na psicologia, quando se trata da questão racial a distância entre o que se escreve e o que se faz é abissal.

Em meio a essa abertura e expansão de mundo e em busca de uma definição de um tema de pesquisa é que me encontro com Neusa Santos Souza. A psicanalista negra, militante que se mudou da Bahia para o Rio de Janeiro, onde se estabeleceu e construiu sua vida e carreira notáveis, deixando marcas profundas para o movimento negro brasileiro e para os círculos psicanalíticos aos quais se articulou. Neusa Santos Souza, como iniciar um diálogo, uma conversa respeitosa?

O interesse por pesquisar a obra e a trajetória de vida de Neusa Santos Souza, advém principalmente do encontro com o livro *Tornar-se Negro* (1983) e com a constatação do seu relativo esquecimento no campo psi do Rio de Janeiro, local em que ela atuou e fez diversas parcerias de trabalho, escrita e prática clínica. Surpreende notar que, em um intervalo de menos de dez anos após o seu falecimento, eu fiz a graduação em psicologia na UFRJ e iniciei o mestrado também em psicologia na UFF e em nenhuma dessas formações tive uma menção sequer de sua vida e obra em sala de aula, mesmo tendo cursado diversas disciplinas com pares dela, que a acompanharam e que dividiram momentos de sua trajetória. Dada a composição colonial dos sistemas de formação em psicologia, o que temos em nossas graduações, de forma hegemônica, é uma restrição do ensino às teorias e conhecimentos produzidos pelos “grandes autores” europeus. Autores estes brancos, homens, que são tidos como produtores de conhecimentos universais, como se eles pudessem ser aplicados a todas as outras populações do planeta. Em toda a formação psi, é rara a referência e a dedicação

⁶ “De início, o que ela [Beatriz Nascimento] denomina de ‘um emaranhado de sutilezas’ pode ser uma trama de fios finos e complexos, mas astuciosos. Quer dizer, tratado como velado ou mesmo inexistente, o racismo no Brasil se mostra como uma sofisticada rede de pensamentos e ações, que varia para determinados contextos. Multifacetado em sua existência é um fenômeno que merece análises e possibilidade de reações multidimensionais.” (RATTS, 2006, p. 47).

séria a produções de conhecimento de autoras nacionais ou africanas, do continente ou da diáspora. Como, nesse quadro, se poderia achar relevante e digna de citação uma mulher negra nordestina brasileira?

Fui saber da existência de Neusa Santos Souza através de uma atividade do movimento negro, onde uma denúncia de racismo acometia um dos professores do Instituto de Psicologia da UFRJ⁷ e, em uma fala, um integrante da atividade comentou sobre o racismo epistemológico, o apagamento de Neusa Santos Souza e sobre seu livro mais famoso: *Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social* (1983). Após esse episódio, fui buscar saber sobre esse livro e sobre a sua história por conta própria, como tantos outros estudantes negros de psicologia acabam tendo que fazer. Uma mudança começava a se processar em minha vida e formação, produzindo efeitos que se prolongam ao longo do tempo e se conectam com outras trajetórias de pessoas negras em formação em psicologia. Para nós, Neusa Santos Souza é uma referência, uma aliada, uma das poucas pessoas negras no meio das práticas psis eurocêtricas que com sua obra se conecta e contribui com nossa realidade existencial e com uma psicologia que nos interessa produzir.

Assim como Conceição Evaristo conta que sua família e ela liam a obra de Carolina Maria de Jesus “não como leitores comuns, mas como personagens das páginas de Carolina. A história de Carolina era nossa história” (EVARISTO, 2010 *apud* MACHADO, 2014). Quando li a obra de Neusa Santos Souza, *Tornar-se Negro*, a li como personagem, como uma das pessoas entrevistadas por ela e que passa por questões que ela descreve e analisa em seu texto. A surpresa por esse contágio se dá não pelas escolhas teóricas e metodológicas do trabalho, mas por aquilo que ele comunica de forma tão potente: a experiência negra e as estratégias de se haver com ela numa sociedade racista como a nossa.

Nesse sentido, o trabalho de Neusa Santos Souza é uma referência e é reverenciado e saudado em vários espaços negros⁸ e de insurgência acadêmica nesse momento em que as

⁷ O caso foi parar na ouvidoria da UFRJ após uma Assembleia Geral que acontecia no Instituto de Psicologia durante a greve geral de estudantes, técnicos administrativos e professores em 2015. Após a denúncia, a ouvidoria encaminhou para a Direção do Instituto um documento que dava um prazo de alguns meses para que algum encaminhamento fosse dado à denúncia. Instaurou-se uma Comissão de Apuração dos Fatos, que por conta da pressão estudantil, tornou-se paritária, tendo dois professores, dois técnicos administrativos e dois estudantes. Eu fui um dos estudantes delegado pelo movimento a acompanhar e trabalhar na Comissão. Após alguns meses, a Comissão emitiu um parecer que atestava que o professor alvo da denúncia, trazia uma pesquisa com conteúdo racista (Que atrelava QI à grupos raciais afirmando que o QI da raça negra era inferior) para o debate em sala de aula sem discuti-la com a criticidade necessária para tal. Após isso, a disciplina em que a pesquisa era apresentada semestralmente foi desmembrada em duas, deixando opção para que os estudantes escolhessem ou não cursar a disciplina com o referido professor.

⁸ Neusa Santos Souza é homenageada no I Encontro Nacional de Psicólogos Negros e Pesquisadores Sobre Relações Interraciais e Subjetividade, o PSINEP (2010); é saudada pelo CFP (2017) que após pressão dos movimentos negros, lançou recentemente um guia de referências técnicas para a atuação dos psicólogos, no que

políticas de ações afirmativas⁹ têm possibilitado a entrada de um número maior de estudantes negros na universidade. Estes, fazendo-se agentes de suas próprias histórias e formações, têm trazido uma série de experiências, discursos e enunciados que desafiam o status quo acadêmico e pautam possibilidades de outras agendas e objetivos para esse espaço. Não só como um espaço de formação técnica para obtenção de títulos, essa entrada tem possibilitado a formação de movimentos insurgentes, conectados com as múltiplas realidades de nosso país.

Assim, algumas questões estão colocadas para nós, pessoas negras que acessaram a academia e que tem se disposto a pensar a qualidade e o objetivo desse acesso. O que fazer? Quais são as nossas possibilidades nesse ambiente? Um efeito dessa entrada tem sido um discurso que ouvi por diversas vezes e coloca como se com a política de ações afirmativas, pela primeira vez, a população negra estivesse presente no espaço acadêmico. Assim, ignora-se que:

Paradoxalmente, a universidade sempre foi aberta ao negro. Sempre estivemos presentes nos corredores do saber como funcionários terceirizados, “negros invisibilizados” nas portarias, limpando as salas e os banheiros para o bom funcionamento da instituição. E ainda, na condição de “visibilizados” como objetos de estudo, material de pesquisa e de laboratório, sendo escarafunchados nas nossas comunidades, retalhados nas macas dos hospitais universitários, expostos nos diários de campo. Enquanto objetos, nossa negrura por muito tempo foi investigada e a ela atribuída a responsabilização pela condição desumana a que estávamos condenados na sociedade. É preciso dizer que a “casa grande do saber”, a universidade, é alimentada por institutos que funcionam como engenhos de produção e publicação de discursos ditos verdadeiros, que moem os modos de existência dos sujeitos pertencentes aos grupos minoritários (Deleuze & Guattari, 2011). O líquido preto extraído da seiva das nossas vidas misturados com o sangue dos nossos jovens, que estão sendo exterminados, é lançado na brancura do papel e vira fonte de financiamentos e pontos nas plataformas de pesquisa. (ANDRADE, 2017, p. 56/57).

Além dessa invisibilização-visibilização, constitui-se uma lógica presentista, em que não se reconhece e retoma a participação de intelectuais negras e negros que passaram pelos bancos universitários e construíram saberes e atuações contra o racismo, como é o caso de Maria Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento, Virgínia Bicudo, Milton

tange às relações raciais; em 2015, foi criado no curso de psicologia da UERJ o Coletivo de Estudantes Neusa Souza; o livro “Afrocentricidade, uma abordagem epistemológica inovadora” (2009), o volume quatro da importante coleção Sankofa, é dedicado à sua memória; em 2016 ela foi homenageada no XII Encontro Clio-Psyché – Saberes Psi: Outros Sujeitos, Outras Histórias, por uma mesa de encerramento do encontro coordenada por um professor negro da UFF, Hildeberto Vieira Martins e, também em 2016, foi realizado um Seminário em sua homenagem produzido pelo grupo GEPARREI (Grupo de estudos, pesquisas e ações sobre racismo e relações étnicorraciais e indígenas) do Colégio Pedro II. Há também um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) que leva seu nome no bairro Senador Camará, no Rio de Janeiro.

⁹ A lei de cotas (Lei nº 12.711/2012) foi instituída em 2012 e determina a reserva de 50% das vagas das instituições de ensino superior para estudantes oriundos das escolas públicas. Dentro desse percentual, tem-se a definição de um número mínimo de vagas para negros (pretos e pardos) e indígenas, de acordo com as proporções relativas a cada estado da união (BRASIL, 2012).

Santos, a própria Neusa Santos Souza e tantos outros que podem ter existido e até hoje nos são desconhecidos. Assim, a história e formação das graduações em psicologia são mais um dentre outros vetores do eurocentrismo que produz nas vidas negras o que o psicólogo negro estadunidense Wade Nobles chama de descarrilhamento:

A metáfora do descarrilhamento é importante, porque quando isso ocorre o trem continua em movimento fora dos trilhos; o descarrilhamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência continuam. A experiência de movimento (ou progresso) humano continua, e as pessoas acham difícil perceber que estão fora de sua trajetória de desenvolvimento. A experiência vivida, ou a experiência dos vivos, não permite perceber que estar no caminho, seguindo sua própria trajetória de desenvolvimento, proporcionaria a eles uma experiência de vida mais significativa. (NOBLES, 2009, p. 284).

Descarrilhados da sua ancestralidade e pautados pelo eurocentrismo, uma série de mecanismos perversos acometem a população negra que vive em uma realidade anti-negra, onde nossas referências e experiências só valem na medida em que servem à brancura e ao embranquecimento. O descarrilhamento se articula à situação africana iniciada pelo que a antropóloga negra estadunidense e uma das maiores intelectuais da afrocentricidade, Marimba Ani (1994), conceitua como a *Maafa* (o holocausto negro ou o “Grande Desastre”) ocorrida através da invasão Europeia e do comércio atlântico, que perpetuou a morte de um sem número de africanos e o desprezo e desrespeito contínuo a seus descendentes no que tange ao seu direito de existir nos mais variados níveis.

Wade Nobles ainda afirma que “cem anos de embranquecimento causaram mais danos psíquicos aos africanos do que quatrocentos anos de escravidão racista e dominação colonial” (NOBLES, 2009, p. 287). Por isso, tornar-se negro nesse cenário é uma tarefa política, mas também uma questão de saúde, e a obra de Neusa Santos Souza nos dá ótimas contribuições nesse sentido. Não existem receitas e fórmulas prontas para esse processo, entretanto ela aponta alguns caminhos, um deles é pela via do resgate da História.

2 CAPÍTULO I: EPISTEMICÍDIO E INTELECTUALIDADES NEGRAS

*Da conjuração dos versos
-nossos poemas conjuram e gritam-*

*O silêncio mordido
rebela e revela
nossos ais
e são tantos os gritos
que a alva cidade,
de seu imerecido sono,
desperta em pesadelos.*

*E pedimos
que as balas perdidas
percam o nosso rumo
e não façam do corpo nosso,
os nosso filhos, alvo.*

*O silêncio mordido,
antes o pão triturado
de nossos desejos,
avoluma, avoluma
e a massa ganha por inteiro
o espaço antes comedido pela ordem.*

*E não há mais
quem morda a nossa língua
o nosso verbo solto
conjugou antes
o tempo de todas as dores.*

*E o silêncio escapou
ferindo a ordenança
e hoje o anverso
da mudez é a nudez
do nosso gritante verso
que se quer livre.*

(Conceição Evaristo, 2017c)

2.1 Uma busca por autonomia

*“Uma das formas de exercer autonomia é possuir
um discurso sobre si mesmo.”
(SOUZA, 1983, p. 17).*

Neusa Santos Sousa abre seu livro *Tornar-se Negro* com a frase citada acima. Lança uma flecha, anuncia o seu discurso, tornando mais possível que outras pessoas negras também o façam nas profissões psi e na vida. É importante, contudo, fazer esse exercício de autonomia reconhecendo os avanços e aprendizados deixados por quem pavimentou a estrada para que pudéssemos chegar até aqui. Ao fazer esse gesto, nós nos conectamos com uma luta de um povo pela possibilidade de existir nesse país que tenta nos exterminar desde a sua criação das mais diferentes maneiras.

A necessidade de produzir um discurso das pessoas negras sobre elas mesmas tem sido apontada por uma série de intelectuais negras de destaque como a historiadora, filósofa e antropóloga Lélia González, a historiadora, roteirista e poetisa Maria Beatriz Nascimento e a própria Neusa Santos Souza, que em *Tornar-se Negro* parte de uma “(...) constatação inequívoca da precariedade, no Brasil, de estudos sobre a vida emocional dos negros e da absoluta ausência de um discurso, a esse nível, elaborado pelo negro, acerca de si mesmo” (SOUZA, 1983, p.17).

Para Achille Mbembe (2018) aquilo que se constituiu como a primeira razão negra, a chamada *consciência ocidental do negro*, é composta por uma série de saberes e práticas dos brancos em torno da ciência colonial que buscava em uma relação de domínio produzir e fixar o negro em um determinado “não lugar”. Como o do selvagem, do diferente e do anormal que era então desqualificado moralmente e instrumentalizado, justificando assim, a dominação racial.

Em resposta esse primeiro texto, há o surgimento de um segundo texto, *a consciência negra do negro*, que vem no sentido de uma tentativa de autodeterminação onde o negro “diz de si mesmo ser aquele sobre o qual não se exerce domínio; aquele que não está onde se diz estar, muito menos onde é procurado, mas sim ali onde não é pensado” (MBEMBE, 2018, p. 62). É assim que essa escrita vai procurar fundar um arquivo e recontar a história do negro por ele mesmo:

Acreditamos que a instauração de um arquivo é indispensável para restituir os negros à sua história, mas é uma tarefa extraordinariamente complicada. Com efeito, nem tudo o que os negros viveram como história necessariamente deixou vestígios; e, nos lugares onde foram produzidos, nem todos esses vestígios foram preservados. Assim, como é que, na ausência de vestígios, de fontes de fatos historiográficos, se escreve a História? Rapidamente se tem a impressão de que a escrita da história dos negros só pode ser feita com base em fragmentos, mobilizados para dar conta de uma experiência em si mesma fragmentada, a de um povo em pontilhado, lutando para se definir não como um compósito disparatado, mas como uma comunidade cujas manchas de sangue são visíveis por toda a superfície da modernidade. (MBEMBE, 2018, p. 63).

Assim, essa segunda razão enfrenta alguns desafios importantes ao lidar com a escassez de fontes, fazendo uma história em pontilhado, a partir de fragmentos de experiências individuais e coletivas também fragmentadas. Dado o desinteresse da psicologia, psicanálise e psiquiatria brasileiras na questão da saúde mental da população negra brasileira, essa fragmentação e precariedade que Neusa Santos Souza e Achille Mbembe pontuam parece se intensificar no que toca ao esquecimento das intelectuais negras que produziram ações e obras discutindo o racismo nesses âmbitos.

2.2 Apagamento da produção negra: O *epistemicídio*

É contra essa precariedade, advinda do esquecimento da intelectualidade negra, que esse trabalho e minha atuação na psicologia se constroem. É surpreendente que nesse campo, 35 anos após Neusa Santos Souza ter publicado o livro *Tornar-se Negro*, nos deparemos de forma majoritária com o relativo esquecimento da própria autora e com a hesitação de pensar sobre o racismo na e da psicologia, bem como os efeitos dele na produção das subjetividades brasileiras. A produção do esquecimento da história e das vidas e culturas negras vêm de muito tempo no Brasil. Abdias Nascimento nos diz do esforço feito logo após a abolição da escravatura com:

(...) o ato de 1899, do ministro das Finanças, Rui Barbosa, ordenando a incineração de todos os documentos – inclusive registros estatísticos, demográficos, financeiros, e assim por diante – pertinentes à escravidão, ao tráfico negreiro e aos africanos escravizados. Assim, supunha-se apagar a “mancha negra” da história do Brasil. (NASCIMENTO, 2017, p. 93).

Essa tentativa de apagamento é sem dúvida uma tentativa de dificultar a reconstrução dessa história fragmentada e as possibilidades de reparação decorrentes dela. Para Achille Mbembe há também uma vontade de ignorar, uma verdadeira política da ignorância onde em

um contexto de guerra das raças o que se faz valer é a força e não uma vontade de conhecimento e de encontro genuíno com os negros:

A outra pedra angular da consciência imperial sempre foi a formidável vontade de ignorar, que, a cada vez, tenta se disfarçar de saber. A ignorância que falamos aqui é de uma espécie particular – uma ignorância desenvolta e frívola, que arruína de antemão qualquer possibilidade de encontro e de relação que não sejam baseados na força. Em sua *Lettre sur l'Algérie* (1837), Tocqueville põe o dedo justamente na ferida dessa política da ignorância. Sugere que, no contexto da política do império (que é outro nome para a política da guerra), essa vontade de ignorar se assenta no princípio segundo o qual, “num campo de batalha, a vitória é [...] do mais forte e não do mais sábio”. O fato de não sabermos praticamente nada e não nos preocuparmos em aprender se explica pela convicção de que, nas relações com os africanos, a força sempre compensará a ausência de verdade e a vacuidade do direito. (MBEMBE, 2018, p. 130).

O geógrafo negro Alex Ratts (2006), em *Eu Sou Atlântica, sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*, traz a questão do esquecimento de autoras negras na academia brasileira. Além da barreira étnico-racial, que faz com que se tenha uma baixa presença de homens negros e quase uma ausência de mulheres negras no corpo discente das universidades, tem-se a produção de alguns mecanismos de apagamento das poucas pessoas que conseguem ir adiante nesse meio. Um desses mecanismos residiria na dificuldade de reconhecer a população negra como capaz de produzir conhecimento. Assim, a produção negra é ocultada pela academia, até mesmo no âmbito dos estudos acerca das relações étnico-raciais e das religiões de matriz africana! São raros os cursos sobre a formação social brasileira que utilizam intelectuais negras e negros. Sobre esses mecanismos de produção da “invisibilidade negra”, Alex Ratts nos dá uma pista: “Uma mulher negra pesquisadora jamais é imperceptível no campus, mas talvez o seja nesse campo enquanto autora.” (RATTS, 2006, p. 29). De modo semelhante, a socióloga e feminista negra Phill Collins aponta que:

(...) sociólogas negras reportam a omissão de fatos ou de observações sobre mulheres afro-americanas nos paradigmas sociológicos que encontram. Como observa Scott, “ao ler a literatura, pode-se facilmente desenvolver a impressão de que as mulheres negras nunca desempenharam nenhum papel na sociedade” (Scott, 1982: 85) (...) acadêmicas afro-americanas são constantemente atingidas por sua própria invisibilidade, tanto como sujeitos humanos plenos incluídos em fatos e observações sociológicos, quanto como praticantes da disciplina em si. Não deveria ser surpresa que muito do pensamento feminista negro tem como objetivo contornar essa invisibilidade, ao apresentar análises de mulheres negras enquanto sujeitos humanos plenos. (COLLINS, 2016, p. 120).

Essa dupla invisibilidade também pode ser pensada nas práticas psi's: ao estudar a bibliografia dos cursos de graduação e de pós da área, bem como as produções das pesquisas nesse âmbito, também podemos ter a impressão de que as mulheres negras não produziram

nada na psicologia brasileira, bem como de que elas estão fadadas a serem pensadas pelos outros em condições de menos-valia e inferioridade. Como a produção sobre a atuação psi nas favelas, nos presídios, no sistema socioeducativo e na saúde, ambientes em que se atendem majoritariamente pessoas negras, não discute o racismo como um atravessamento importante de seus trabalhos? Como também as pessoas negras que são praticantes ativas e produtoras de conhecimento dessas áreas não são levadas em consideração, como Virginia Bicudo, Neusa Santos Souza, Isildinha Batista Nogueira, Maria Aparecida Bento e tantas outras? O silêncio das práticas psis no que tange ao racismo é gritante. Este, em conjunto com o medo, forma umas das características próprias à branquitude brasileira, que evita de todas as formas se reconhecer como grupo racial e como beneficiários de uma história e um presente racistas. Como nos diz Maria Aparecida Bento:

É compreensível o silêncio e o medo, uma vez que a escravidão envolveu apropriação indébita concreta e simbólica, violação institucionalizada de direitos durante quase 400 dos 500 anos que tem o país. Assim, a sociedade empreendeu ações concretas para apagar essa "mancha negra da história", como fez Rui Barbosa, que queimou importante documentação sobre esse período. Essa herança silenciada grita na subjetividade contemporânea dos brasileiros, em particular dos brancos, beneficiários simbólicos ou concretos dessa realidade. (BENTO, 2014, p. 45).

Em um sentido parecido, Grada Kilomba (2010) reflete sobre a máscara do silenciamento, instrumento de tortura durante a escravização perpetrada pelo projeto colonial. Consistia em um metal colocado na boca dos sujeitos negros entre a língua e a mandíbula e amarrado por detrás da cabeça para evitar que estes comessem a cana de açúcar ou cacau enquanto trabalhavam. Contudo, segundo a escritora e artista portuguesa, a sua principal função era produzir a mudez e o medo. “Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos (as) chamados (as) ‘Outros (as)’” (KILOMBA, 2010, p. 172). A máscara opera seu poder sobre a boca, órgão de opressão por excelência no âmbito do racismo, repreendendo e controlando a fala e a enunciação daquilo que é adverso e que a branquitude recusara a ouvir, ou seja, seus racismos e privilégios: “Verdades que tem sido negadas, reprimidas, e mantidas guardadas, como segredos” (KILOMBA, 2010, p. 177).

No trabalho acadêmico, condições de classe, raça e gênero comparecem numa inserção diferenciada e desigual no campo das referências, nas alianças e desdobramentos textuais. Tendo uma determinada política de citações na qual é materializado o “esquecimento” dos nomes e de alguns aspectos das discussões de intelectuais negras e negros (RATTS, 2016). Como se daria essa política? A partir da desqualificação das suas produções,

tidas como “não acadêmicas”, mas também da prática comum de se apropriar das teorias e trabalhos sem citá-los devidamente, se restringindo ao campo das homenagens, das dedicatórias e dos bastidores das universidades. Outro obstáculo apresentado por Alex Ratts e Flávia Rios (2010) é a dificuldade de construir centros de memória para se manter os registros, documentos e fotografias desses intelectuais, pois, em geral, os espólios se perdem ou ficam dispersos entre amigos e parentes, dificultando o acesso dos pesquisadores.

No caso de Neusa Santos Souza, tem-se também a questão do seu suicídio e do tabu que se gerou em torno de sua morte (TRAPP, 2015). No entanto, embora seja uma questão importante para ser cuidada, não me parece que ela seja a principal responsável por seu relativo esquecimento, visto que uma série de intelectuais e ativistas brancos cometeram suicídio e nem por isso deixaram de ter suas histórias contadas. A pouca recepção da obra de Neusa Santos Souza, refletida na ausência de estudos e escassez de informações acerca da sua trajetória de vida, aponta principalmente para o funcionamento da universidade e da própria reprodução da estrutura racial brasileira.

Esse esquecimento diz de um problema ético e político. Nesse caso, não se trata de um esquecimento ativo, potencializador da vida e da criação, onde o passado deixa de ser um aprisionador do presente, como preconizado por Nietzsche (1998), mas sim de um processo violento e exterior, descolado da agência das populações negras que são submetidas a um amplo apagamento das suas referências e matrizes. Com base nesse apagamento é que a filósofa e militante negra Sueli Carneiro pontua um conceito próprio de epistemicídio:

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p. 97).

O epistemicídio constitui-se como um dos instrumentos mais eficazes da dominação racial por não somente negar formas de conhecimento desses povos, mas também de desqualificá-los individual e coletivamente como capazes de produzir conhecimento. Opera

pela produção subjetiva da inferioridade¹⁰, incutindo a culpabilização e a marginalização, desqualificando tanto os conhecimentos desses povos, que pela supremacia branca não valem de nada, quanto a capacidade destes de produção intelectual. No Brasil, há também outros mecanismos de desqualificação desses conhecimentos e da capacidade intelectual de nós, negros e negras, principalmente na academia o epistemicídio:

(...) se manifesta também no dualismo do discurso militante versus discurso acadêmico, através do qual o pensamento do ativismo negro é desqualificado como fonte de autoridade do saber sobre o negro, enquanto é legitimado o discurso do branco sobre o negro. Via de regra a produção branca e hegemônica sobre as relações raciais dialoga entre si, deslegitimando a produção dos pesquisadores e ativistas negros sobre o tema. (...) Os ativistas negros, por sua vez, com honrosas exceções, são tratados, pelos especialistas da questão racial, como fontes de saber, mas não de autoridade sobre o tema. Os pesquisadores negros em geral são reduzidos também à condição de fonte e não de interlocutores reais no diálogo acadêmico, quando não são aprisionados exclusivamente ao tema do negro. (CARNEIRO, 2005, p. 60).

Assim, a morte e desqualificação da história e dos conhecimentos da população negra brasileira não são sem efeitos. Ela prepara e integra o genocídio¹¹, como nos diz Cheikh Anta Diop, resgatado em um texto de Izaque Miguel para a Revista Òkòtó¹²:

O imperialismo, como o **caçador pré-histórico**, mata primeiro **espiritual e culturalmente o ser**, antes de tentar sua eliminação física. A negação da **história** e das **realizações intelectuais** dos povos africanos é a morte cultural, **mental** que já preparou o genocídio aqui e acolá, em todo o mundo. (DIOP 2015, p. 28 apud MIGUEL, 2018, grifos do autor).

A morte cultural do nosso povo tem que acontecer para que o genocídio continue. Resgatar a trajetória de Neusa Santos Souza, suas realizações intelectuais, é, portanto, estratégico para contribuir para a construção de uma narrativa de luta e combate ao projeto genocida.

¹⁰ Abrahão de Oliveira Santos (2018), em seu artigo *Saúde mental da população negra: uma perspectiva não institucional*, acrescenta que a educação poderia possibilitar um espaço profícuo para a construção de um sentido de autovalorização e de prática de saúde psíquica, mas em geral o que acaba acontecendo com a população negra nos bancos escolares é que ela vivencie em silêncio um aprofundamento da falta de pertencimento histórico e cultural.

¹¹ Caso reste alguma dúvida que vivemos em pleno genocídio negro no Brasil, conferir o Mapa da Violência (2012, p. 39), que nos diz que “Entre 2002 e 2010, segundo os registros do Sistema de Informações de Mortalidade, morreram assassinados no país 272.422 cidadãos negros, com uma média de 30.269 assassinatos ao ano.” Paralelamente a um aumento assombroso do número de mortes por assassinatos das pessoas negras, o que se vê é uma redução significativa dos mesmos índices na parcela da população autodeclarada como branca. Muitos outros dados poderiam ser analisados, pois na maioria das pesquisas em que o quesito cor/raça é utilizado a desigualdade racial comparece de forma gritante. Para uma discussão mais concisa sobre o genocídio negro, consultar o livro de Abdias Nascimento (2017), *Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*.

¹² Disponível em: <https://medium.com/revistaokoto/há-graus-de-racismo-e4700dd536e>. Acesso em agosto de 2018.

Sueli Carneiro nos diz que mesmo diante da quebra das inúmeras barreiras quando há o alcance da excelência acadêmica por pessoas negras, como é o caso de Neusa Santos Souza, não se está livre do epistemicídio. Ainda assim, tem-se a propensão a processos de aculturação pelo sistema colonial de educação e pela desvalorização das formas de conhecimento do povo negro. Outro risco que deve ser levado em conta é o de essas pessoas constituírem exceções que confirmem o discurso meritocrático. Por um lado, o reconhecimento delas é importante, mas ele pode ser capturado pela afirmação de que essas pessoas sejam exemplos de uma vitória individual, advinda unicamente de seus esforços pessoais, o que justificaria e naturalizaria a situação em que se encontra a esmagadora maioria da população negra brasileira.

2.3 Racismo e sexismo na produção de conhecimento

Na vida intelectual negra, é frequente a necessidade de “afirmar e defender a humanidade do povo negro incluindo sua habilidade e capacidade para raciocinar logicamente, pensar coerentemente e escrever lucidamente” (WEST, 1999, p. 7). Essa pressão acaba, muitas vezes, minando a energia e a criatividade desses intelectuais, que comumente habitam um lugar de isolamento e solidão. Restaria a estes uma aceitação acrítica dos paradigmas predominantes e dos programas da academia burguesa branca, ou uma encapsulação dentro dos círculos acadêmicos e de militância negra. A descrição dele não diz de um fatalismo, como se já estivessem caminhos pré-determinados e imutáveis para esses intelectuais, mas é interessante por mapear alguns dilemas que estes acabam vivendo por circunstâncias às quais não escolheram. Durante a execução desta pesquisa, percebi algumas relações entre a realidade que vivi no programa e essa pressão ressaltada por West na vida intelectual negra norte-americana. Nós negros e negras da pós-graduação temos que nos articular incessantemente para enfrentar os ataques racistas às políticas de ações afirmativas e à coordenação do programa, que atualmente está sendo exercida por Luiza Oliveira - a única professora negra e mulher do PPGP-UFF.

É importante ressaltar a crítica de bell hooks¹³ que, também em diálogo com o texto de West, vai pontuar que o papel do sexismo não é discutido em sua análise sobre as questões da comunidade intelectual afro-estadunidense:

¹³ A intelectual negra estadunidense adotou o uso de seu nome sempre em letras minúsculas. Em respeito à sua decisão, reproduzimos essa maneira ao citá-la nessa dissertação.

Quando eruditos negros escrevem sobre a vida intelectual negra em geral só focalizam as vidas e obras de homens. (...) West não olha especificamente a vida intelectual da negra. Não reconhece o impacto do gênero nem discute o modo como as ideias sexistas de papéis masculino/ femininos são fatores que informam e moldam tanto nosso senso do que é ou pode ser a intelectual negra quanto sua relação com um mundo de ideias que transcende as produções individuais. Apesar do testemunho histórico de que as negras sempre desempenharam um papel importante como professoras pensadoras críticas e teóricas culturais na vida negra em particular nas comunidades negras segregadas muito pouco se escreveu sobre intelectuais negras. Quando a maioria dos negros pensa em grandes mentes quase sempre invoca imagens masculinas. (...) a tradição intelectual negra até bem pouco praticamente as ignorava e desvalorizava sua erudição como visivelmente subordinadas a produzida por negros homens. (hooks, 1995, p. 466).

A discussão do gênero nesse âmbito é importante para colocar em análise os privilégios que compõem essa *escrevivência* no encontro com Neusa Santos Souza, mas também no sentido de entender os mecanismos que produzem distintos lugares para os homens e mulheres negras no âmbito acadêmico. Em terras brasileiras, podemos seguir viagem com Conceição Evaristo (2005), que, em seu texto *Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face*, discute como a mulher negra é representada na literatura e na história dita oficial, onde suas perspectivas e vivências são mencionadas através de um discurso *sobre* elas, calcadas em estereotípias como a da “mulata” e da “mãe preta”.

Nesse sentido, Lélia Gonzalez (2018) vai propor uma análise das noções de *mulata*, *doméstica* e *mãe preta*, no seu importante artigo *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Para ela, o racismo se constitui em uma “sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (p. 191), pois ao mesmo tempo em que o discurso dominante busca construir uma ideia de democracia racial, oculta-se toda a opressão e violência atreladas à culpabilidade branca, que constitui a sociedade brasileira. Assim, as noções de *mulata* e *doméstica* são complementares e sempre atribuídas aos corpos das mulheres negras jovens. Durante o carnaval estas saem do anonimato ao serem exaltadas e altamente sexualizadas, mas logo depois, quando a “festa” acaba e o cotidiano é retomado, a mesma sociedade que a consagra como “Rainha do carnaval”, a subjuga e transforma na *empregada doméstica*. Lélia González vai mais além ao buscar a gênese desta “dupla função”, que está relacionada à figura da *mucama*, a escrava que cuida dos afazeres domésticos da casa grande, ao mesmo tempo em que é estuprada e usada como objeto sexual pelos escravizadores. A autora ainda acrescenta a figura da *mãe preta*, que se refere à mulher negra utilizada como “burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (p. 199), que é vista como uma figura boa que cuida da família branca brasileira: cozinha, amamenta, dá banho, limpa cocô, põe pra dormir etc.

Nessa narrativa colonizadora, impõem-se lógicas de subjogação da população negra presentes no projeto europeizante de país: a desumanização, o seu embranquecimento e o

ideal da mestiçagem. A dupla face evocada por Conceição Evaristo (2005) diz de uma inseparabilidade entre o racismo e o sexismo, marcando assim formas de ser negra, vividas através do gênero, e formas de ser mulher, experienciadas através da raça. Desse modo, conjecturamos que não existem separações entre estas vivências de opressão, nem uma identidade única das mulheres, nem uma única experiência de ser negra. Assim, existem especificidades, formas do racismo se expressar quando o alvo da vez é homem ou quando é mulher.

O racismo e o sexismo combinados produzem uma representação das negras mulheres como se elas estivessem no mundo única e exclusivamente para servir os outros. Produzem barreiras ao desenvolvimento intelectual delas, atribuindo-lhes o papel de cuidadoras, de corpos animalizados e próximos de uma natureza primitiva (hooks, 1995). Nesse cenário, dialogando com Luiza Bairros, Conceição Evaristo (2005) menciona como essa discussão atravessa também as masculinidades negras, pois embora os homens vivenciem a raça através do gênero, muitas vezes acabam não percebendo as opressões de sua própria condição ao confundir as desigualdades de gênero com um antagonismo entre homens negros e mulheres negras.

É preciso entender que nós homens negros enfrentamos o racismo, mas não experienciamos da mesma maneira as opressões de gênero. Assim, o nosso trabalho tende a ser menos suspeito e mais recompensado que o delas (hooks, 1995). Quando estava cursando as disciplinas do primeiro semestre do mestrado, tive uma conversa importante com Alline Pereira sobre isso. Chegamos juntos à conclusão de que a minha voz era mais ouvida nas discussões sobre a temática racial, pois ela reverberava mais comentários e atenção das turmas hegemonicamente brancas. Mesmo que o conteúdo dos nossos questionamentos estivesse extremamente afinado e direcionado para um lugar muito próximo, com toda a dificuldade que compartilhávamos e estávamos sentindo em ocupar alguns espaços, ainda assim, o que eu falava parecia ter mais impacto. bell hooks (1995) aponta que embora existam distinções, não estão excluídas as possibilidades de cooperação entre pessoas negras, mulheres e homens. Acredito que essa é uma aposta da autora que só faz sentido ao ser construída efetivamente no nível das práticas, do cotidiano, onde se podem debater politicamente essas atuações, seguindo a direção que ela nos dá de que a luta contra o sexismo é parte fundamental para a insurgência intelectual negra.

Nesse mesmo sentido, a socióloga negra Patrícia Hill Collins (2016), em seu artigo *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*, discute como a posição das mulheres negras na sociedade estadunidense é marcada por

uma simultaneidade de opressões, o que faz com que elas tenham ocupado posições marginais em ambientes acadêmicos. No entanto, a autora argumenta que muitas delas têm feito um uso criativo dessa marginalidade, produzindo uma perspectiva sociológica única. Utilizando-se de suas próprias biografias pessoais e culturais, tendo adquirido os conhecimentos no campo da sociologia e questionando eles através dessa perspectiva, a autora aposta na potência tanto para a sociologia quanto para o pensamento negro que se desenvolve a partir desses lugares de enunciação. É interessante essa demarcação por acompanhar uma perspectiva de produção não só dos pontos repressivos da participação negra no universo acadêmico, mas também das saídas possíveis desde esses lugares.

De acordo com a construção de um saber aterrado, conforme estamos construindo no *Kitembo*, o que busco pensar é a minha posição nessa rede de especificidades, de marcas racializadas e generificadas. Assim, é importante me situar nessa política da localização para especificar a singularidade que compõe essa escrita: Sou um negro, homem, que escreve em um tempo próprio e está junto a uma rede de insurgência negra. O encontro com a obra e com a trajetória de Neusa Santos Souza vem desse lugar, o que fica atestado em experiências que trago ao longo da dissertação e que me levam e instigam a pensar e a articular o modo como faço esta pesquisa.

2.4 Possibilitando o encontro: *Escrevivência* e Memória

2.4.1 *Escrevivência*

*A nossa escrevivência não pode ser lida como
“histórias para ninar os da casa grande” e sim para
incomodá-los em seus sonhos injustos.
(Conceição Evaristo)¹⁴*

Inspirando-me no modo como Neusa Santos Souza construiu a sua dissertação de mestrado, *Tornar-se Negro*, busco com essa pesquisa também narrar experiências minhas em seu desenrolar, não no sentido individualista ou intimista, mas, no sentido do compartilhamento vivo de alguns pontos da problemática da questão racial. Neusa também falou de suas experiências em sua dissertação, veremos o que ela diz:

¹⁴ Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>. Acesso em março de 2019.

(...) saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. Aqui esta experiência é a matéria prima. É ela quem transforma o que poderia ser um mero exercício acadêmico, exigido como mais um requisito da ascensão social, num anseio apaixonado de produção de conhecimento. É ela que, articula com experiências vividas por outros negros e negras, transmutar-se-á num saber que – racional e emocionalmente – reivindico como indispensável para negros e brancos, num processo real de libertação. (SOUZA, 1983, p. 18).

A leitura desse trecho foi surpreendente para mim. Fico pensando como uma psicanalista em plena década de 80 afirma nesse campo extremamente branco e elitista que a matéria prima da sua dissertação era a sua própria experiência articulada com a de outros negros e negras? Como esse discurso se tornou possível? Quantas pressões, constrangimentos e experiências de opressão racial podem ter permeado a construção desse trabalho e a sua circulação naquele momento?

Assim como Neusa Santos Souza, penso que esse trabalho é uma busca pelo resgate da história negra. É também um trabalho que se volta sobre mim mesmo, sendo parte desse processo de me recriar em minhas potencialidades em conjunto com uma atuação na psicologia. A matéria prima com que lidamos é, então, a dessa experiência negra: minha e de outras pessoas com quem me articulo para a execução do trabalho. Contudo, a experiência não se contrapõe à racionalidade e ao trabalho acadêmico. Como Lélia González afirma:

(...) é importante ressaltar que emoção, a subjetividade, e outras atribuições dadas ao nosso discurso não implicam na renúncia à razão, mas, ao contrário, num modo de torná-la mais concreta, mais humana e menos abstrata e/ou metafísica. Trata-se, no nosso caso, de uma outra razão. (...) O que não se percebe é que, no momento em que denunciemos as múltiplas formas de exploração do povo negro em geral, e da mulher negra em particular, a emoção, por razões óbvias, está muito em quem nos ouve. (GONZÁLEZ, 1979 apud BARRETO, 2018, p. 27).

Tornar a razão menos metafísica e/ou abstrata, aterrar o conhecimento: é nesse sentido que temos ensaiado, no *Kitembo*, a utilização da *escrevivência* como aposta e ferramenta de pesquisa e de escrita. Ao ler a literatura negra brasileira, principalmente a obra de Conceição Evaristo e de Carolina Maria de Jesus, estamos nos inspirando em um modo de trazer essas experiências negras que não são individuais, mas remetem a uma coletividade. O conceito inventado pela escritora mineira Conceição Evaristo diz de um modo de escrita do corpo, da condição e experiência negra no Brasil.

Assim como Maria-Nova, que, em *Becos da Memória*, percorre os becos das suas memórias e as dos seus familiares, de sua comunidade como um todo, durante o processo de

desfavelamento desse lugar, nessa pesquisa, percorro as memórias evocadas nas entrevistas acerca da trajetória de vida de Neusa Santos Souza. Construindo assim, uma *escrevivência* dos encontros que teço com seus pares, seus textos e demais vestígios que ela deixou. Dessa forma, sigo a aposta de Maria-Nova:

Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo. (EVARISTO, 2017a, p. 177).

Dessa forma, a *escrevivência* que construo aqui é uma estratégia de furar os silêncios em torno das experiências negras deste país. A experiência de pesquisar e produzir um encontro e um resgate da trajetória da ancestral Neusa Santos Souza, que, assim como Conceição, contribuiu para que narrativas abafadas pudessem ecoar. Maria-Nova, personagem escritora e apaixonada, assume a possibilidade de criação de uma vida para além da história oficial que lhe era ensinada sobre os negros e a sua escravização. A história que ela narraria seria outra:

Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma história muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente (EVARISTO, 2017a, p. 150).

As apostas da menina e de Conceição Evaristo apontam para a possibilidade de invenção de um futuro para si e para o seu povo, através de um acreditar na memória e na escrita atrelada e apaixonada à vida. Para Evaristo (2005, p. 2) “Escrever pode ser uma espécie de vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança”. O ato de escrever vai além de uma estratégia política de ocupação de espaços em geral fechados a nós, é também um ato de criar alma, de construir autonomia e constituir-se de outra forma (ANZALDÚA, 1981). Nesse sentido, escrever pode se conectar com o que Neusa Santos Souza afirma como a possibilidade de construção de uma nova identidade para os negros em ascensão que não a construída como uma caricatura do branco. Essa é:

(...) gerada a partir da voz de negros que, mais ou menos contraditória ou fragilmente, batem-se por construir uma identidade que lhe dê feições próprias, fundada, portanto, em seus interesses, transformadora da História – individual e coletiva, social e psicológica (SOUZA, 1983, p. 78).

Processo de reconstrução de si e do mundo, gesto apaixonado de teimosia e esperança. Também escrevo este trabalho com o compromisso de ir para além de cumprir mais uma etapa de ascensão social e de obtenção de um título em um programa de pós-graduação. Escrevo para me reconstruir e me recriar em conjunto com a comunidade negra. Aprendi isso ainda com Maria-Nova, que ouve as histórias dos mais velhos, acompanha as trajetórias particulares e coletivas, estando junto com elas e adotando como saída desse desmantelamento, a afirmação da vida e a escrita dessas memórias.

A vida parecia uma brincadeira de mau gosto. Um esconde-esconde de um tesouro invisível, mas era preciso tocar para a frente. Ela sabia que a parada significava recuo, era como trair a vida. A menina ia à procura, à cata de algo e não queria voltar de mãos vazias. Olhou a tia, Maria-Velha, a mãe e os irmãos, **e sentiu que era preciso caminhar junto com eles**, arrumando, consertando, melhorando, modificando a vida. (EVARISTO, 2017a, p.177, grifos nossos).

Nessa pesquisa, me inspiro em Maria-Nova e em seu método de afirmação da vida. Estou junto dos meus, reconheço as distorções e os silenciamentos que a história oficial têm feito a nós e aposto como uma saída possível a escrevivência desde este estar junto, arrumando e construindo uma psicologia que não está pronta, mas está sendo construída agora e em um porvir. Reconheço também que a tarefa com a qual me envolvi – a de construir uma memória de Neusa Santos Souza – é uma grande responsabilidade que não se esgota nesse trabalho e não é só minha. Penso que ela é um passo, um início, para que outras pessoas venham e possam seguir caminhada. Esse trabalho prontamente tem ganhado apoio e força de colegas, entrevistados e desconhecidos, enfim, de todos a quem recorri e que me deram apoio em prol da importância do resgate da trajetória de Neusa Santos Souza. Assim, não há espaço para se fixar na tristeza, é o que o personagem Negro Alírio diz para Maria Nova:

Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos. (EVARISTO, 2017a, p. 111).

Entendo que a realização dessa pesquisa é também a realização de muitas pessoas por meio dela, de uma vontade coletiva de saber mais sobre a trajetória de Neusa Santos Souza. Assim, acredito que a construção dessa memória pode ser um disparador para muitas outras pessoas tornarem-se negras e se afirmarem nos mais variados sentidos. É o que acontece com o irmão de Ponciá Vicêncio, Luandi José Vicêncio, que durante praticamente o livro inteiro

sonha em se tornar soldado e ter assim uma voz alta e firme, parecida com a da dos brancos. Queria mandar. Prender. Bater. Mas, ao efetivamente conseguir esse cargo, abre mão dele logo depois ao encontrar, sem querer, com sua irmã desaparecida. Pôde então entender que a sua vida só faria sentido se estivesse conectada com a vida dos seus:

Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentimentos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser. (EVARISTO, 2017b, p. 110).

É nesse sentido que a escrevivência desse trabalho está construída: na conexão com os meus, na construção e criação de uma memória e na construção de outra vida, outro futuro, individual e coletivo, no que tange à psicologia e as relações étnico-raciais.

Na escrita literária negra, há uma proximidade muito grande entre a literatura e a vida. É o que Carolina Maria de Jesus afirma de forma belíssima: “A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.” (JESUS, 1960, p. 155). Apesar de o termo *escrevivência* ter sido cunhado por Conceição Evaristo, podemos dizer que há toda uma literatura afro-brasileira que a antecede e que tece cada qual de forma singular uma forma de escrita articulada às subjetividades negras brasileiras. É o que a própria Conceição Evaristo defende:

Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral. (EVARISTO, 2009, p. 19).

Nesse cenário, a escrita de Carolina Maria de Jesus tem uma presença muito importante. Sua obra *Quarto de Despejo* (1960) adquiriu sucesso internacional por trazer uma literatura a partir de suas experiências na favela do Canindé em São Paulo, que nos força a pensar a especificidade das experiências das mulheres negras na favela daquele momento, tanto seus obstáculos para se tornarem escritoras quanto a fome, o trabalho para sobrevivência como catadora de papel e o trabalho doméstico de sua casa, além do cuidado de seus três

filhos. Em um lugar em que a vida se faz possível em uma situação limite, em que o acesso ao saneamento básico, à água, luz estão precarizados e constantemente ameaçados. Ela própria registra o impacto desses obstáculos em sua vida e no seu modo de escrever que oscila por todo o livro: “Eu parei de escrever o diário porque fiquei desiludida. E por falta de tempo.” (JESUS, 1960, p. 150).

Tudo isso se soma a toda a sorte de violências, desprezos e discriminações raciais, de gênero e classe que Carolina Maria de Jesus narra ao circular pelo “quarto de alvenaria” da cidade, lugar onde é indesejada e em que lhe é dispensado restos e maus tratos. Frente a todos esses obstáculos, a escritora, confrontada por um morador da sua favela, Seu João, que disse a ela que nunca tinha visto uma preta gostar tanto de livros como ela, prontamente o responde: “Todos têm um ideal. O meu é gostar de ler.” (JESUS, 1960, p. 19). A audácia de Carolina Maria de Jesus ao não abrir mão desse ideal e de romper de diversas formas a muitas dessas barreiras, se denominando escritora sem contar com respaldos simbólicos e materiais em geral requisitados pela instituição literária para tal, já seria digna de nota e reconhecimento no âmbito da literatura afro-brasileira. A escrita de seu diário, ao qual ela parecia se agarrar com todas suas forças em todos seus tempos livres, é constantemente articulada aos fazeres e experiências dela, que são matéria prima de sua criação. Seu livro é realista, sem ser meramente uma descrição de uma realidade, mas sim trazer uma operação literária de escrita dessas vivências que são tidas como menores e não aconselháveis de serem escritas, como fica marcante em: “(...) Fui na sapataria retirar os papéis. Um sapateiro me perguntou se o meu livro é comunista. Respondi que ele é realista. Ele me disse que não é aconselhável escrever a realidade.” (JESUS, 1960, p. 97). Que realidade não é aconselhável ser escrita? E por quê? Há uma tentativa de silenciamento das vozes como a dela, advindas do “quarto de despejo” de nossas cidades e dos demais setores que não ocupam os espaços de poder na esfera pública e privada, já que outras vozes podem tranquilamente descrever suas realidades eurocentradas e vindas dos palacetes da Casa Grande, ou descrever de fora, em uma relação objetificante, a vida de quem não habita estes espaços.

Escrever, desde essa condição de negra, mulher e favelada, comporta um risco que Carolina de Jesus enfrenta com coragem, pois “(...) Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.” (JESUS, 1960, p. 33). Enfrenta a morte para criar e têm a consciência de que, como disse em uma entrevista às pesquisadoras Maryvonne Lapouge e Clélia Pisa, “não escreve como quem manda flores”. (JESUS, 1960, p. 182).

Essa escrita que reflete sobre a condição de opressão e das experiências das pessoas que são colocadas no quarto de despejo, marca um lugar para essa atividade: “Quem escreve gosta de coisas bonitas. Eu só encontro tristezas e lamentos.” (JESUS, 1960, p. 170). Há que se viver a dor, mas a perspectiva de Carolina não se restringe a isso. É lugar de afirmação de si, de restituição da humanidade e história negada pelo racismo e machismo. É a possibilidade de exercer autonomia e de redistribuir em algum plano a violência que o mundo lhe faz. Uma tática de lidar com o nervosismo: “Aqui todos imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dia eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.” (JESUS, 1960, p. 16). Sentar no quintal e escrever, e ao fazer isso, retratar as negações e afirmar a sua raça e a sua vida:

(...) Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles me respondia:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 1960, p. 58).

A saída de Carolina não passa por uma busca por branquear, por tentar se assimilar e igualar ao branco. É também uma forma de se vingar e denunciar todos aqueles que lhe menosprezam. Ao longo de todo o diário Carolina ameaça colocar em seu texto as pessoas, instituições e situações que lhe discriminam:

Saí e fui no empório. Comprei arroz, café e sabão. Depois fui no Açougue Bom Jardim comprar carne. Cheguei no açougue, a caixa me olhou com um olhar descontente.

- Tem banha?

- Não tem.

- Tem carne?

- Não tem.

Entrou um japonês e perguntou:

- Tem banha?

Ela esperou eu sair para lhe dizer:

- Tem.

Voltei para a favela furiosa. Então o dinheiro do favelado não tem valor? Pensei: Hoje eu vou escrever e vou xingar a caixa desgraçada do Açougue Bom Jardim. Ordinária! (JESUS, 1960, p. 140/141).

Fica evidente que Carolina tinha consciência de sua situação e do que querem fazer com quem está nas favelas, da condição de ser negra e mulher no Brasil. Uma das frases mais marcantes dela aponta justamente para isso: “Devo me incluir porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou se

queima ou se joga no lixo.” (JESUS, 1960, p. 32). Dessa forma, nessa escrita não há um simples depósito das experiências vividas no papel. Isso seria uma forma epistemicida de desqualificar a potente criação literária destas e de outras autoras. É justamente isso que Conceição Evaristo vai nos dizer na abertura de seu livro de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016, p. 8):

(...) estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência.

A escrevivência, portanto, envolve um processo de criação de algo que se passa entre o vivido e a escrita negra. É por isso que o desafio que Conceição Evaristo faz a todos nós ressoa no esforço de elaboração desta pesquisa, pois as memórias de Neusa Santos Souza que trabalho no texto também passaram por uma operação ativa de traduções e inscrições que merecem alguns escurecimentos. Assim, entendo que a memória é construída, e essa construção não é natural ou dada. O que busco trabalhar na próxima parte é exatamente o que entendo por memória, em especial a negra, e como trabalhei com ela neste esforço de resgate da trajetória de Neusa Santos Souza.

2.4.2 Sobre o processo de construção das memórias

Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

*O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,*

salgando-me o rosto e o gosto.

*Sou eternamente náufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.*

Uma paixão profunda é a boia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas.

(Conceição Evaristo, 2017c)

Neusa Santos Souza desenvolveu sua carreira na cidade do Rio de Janeiro, então muitos dos seus pares estão vivos e podem nos contar sobre suas memórias, suas lembranças e afetos relativos à sua trajetória. Essa pesquisa se faz principalmente por meio de entrevistas com essas pessoas. Assim, ganham destaque principalmente as narrativas orais que ouço ao entrevistar pessoas que a conheceram construindo, através desses encontros, uma trajetória de Neusa Santos Souza. Na relação entre a memória e a identidade negra, busco afirmá-las com base em uma oralidade. Mas esse não é um trabalho de memória qualquer, pois para a população negra a memória adquire uma singularidade e importância capital. É o que o filósofo e cientista político camaronês Achille Mbembe diz nesse importante trecho:

As formas negras de mobilização da memória da colônia variam segundo as épocas, as questões e as situações. Quanto aos modos de representação da experiência colonial propriamente dita, vão desde a comemoração ativa até o esquecimento, passando pela nostalgia, pela ficção, pelo recalque, pela amnésia, pela reapropriação e por diversas formas de instrumentalização do passado nas lutas sociais em curso. À contrapelo das leituras instrumentalistas do passado, sustento, porém, que a memória, tal como a lembrança, a nostalgia ou o esquecimento, é constituída em primeira linha por um entrelaçado de imagens psíquicas. É sob esta forma que ela surge no campo simbólico, também no campo político ou ainda no campo da representação. Seu conteúdo são imagens de experiências primordiais e originárias situadas no passado e que não se pôde necessariamente testemunhar. O importante na memória, na lembrança ou no esquecimento não é pois tanto a verdade, mas o jogo de símbolos e a sua circulação, os desvios, as mentiras, as dificuldades de articulação, os pequenos atos falhos e os lapsos, em suma, a resistência à admissão. **Enquanto complexos de representação poderosos, a memória, a lembrança e o esquecimento são, estritamente falando, atos sintomáticos.** Esses atos só têm sentido em relação a um segredo, que não chega realmente a sê-lo, mas que nos recusamos a admitir. É nesse aspecto que derivam de uma operação psíquica e de uma crítica do tempo. (MBEMBE, 2018, p. 186, grifos nossos).

Construir uma memória no que tange ao racismo e ao seu desenvolvimento posterior à colônia, não é só algo que remete a um indivíduo que acessa as memórias em um arquivo, pessoal e fechado, mas é também operar uma crítica do tempo e das estátuas, monumentos e demais artefatos que buscam ser a substituição da própria materialidade do tempo (MBEMBE, 2018). Esse aspecto de crítica do tempo toma um relevo muito importante para a população afrobrasileira. A luta pelo direito à memória é crucial para nós¹⁵, pois quando

¹⁵ Essa luta é tão importante que virou uma frente de ações do *Fórum Grita Baixada*, a partir do projeto *Direito à Memória e Justiça Racial*, coordenado por Fransérgio Goulart, com parceria da *Rede de Mães e Familiares*

nossos ancestrais foram arrancados de suas terras pelos colonizadores portugueses, a única coisa que puderam trazer consigo foram justamente as suas próprias memórias. A partir delas é que conseguiram criar aqui na diáspora brasileira um modo de vida próprio, portanto, a luta pela memória e pela criação a partir dela é fundante na vinda forçada dos africanos para o Brasil. É o que Conceição Evaristo vai defender em sua tese de doutorado¹⁶ *Poemas Malungos – Cânticos Irmãos* (2011), onde ela vai discorrer sobre a singularidade e a importância da memória para o povo negro brasileiro. De acordo com a sua pesquisa, a travessia forçada feita pelos navios negreiros, principalmente para o povo banto (que foi a primeira e a maior parte do contingente de escravizados trazidos para o Brasil), significou para eles uma experiência de serem mortos-vivos:

A travessia do oceano, destino incógnito dos transterrados, constitui o rompimento de um espaço físico e simbólico, já que o “mar ou outro corpo de água grande”, (...) como destaca Robert Anderson (1996, p. 115), guarda a divindade Kalunga. Atravessar tantas águas, para muitos dos africanos tornados escravos, causava-lhes a sensação de terem sido transformados em “mortos vivos”, conforme afirma o autor em sua obra, pois eles haviam cruzado o mar, espaço guardador do espírito da morte (p. 116). “Kalunga é mesmo a morte”, assevera o narrador do conto “A Náusea” de Agostinho Neto. Kalunga, mar, mortalha envolvente daqueles que cruzam o espaço de tantas águas. Mar que traz o invasor com seus barcos gigantes. Mar que invade adentrado, com seu cheiro nauseante, até o interior do homem. (...) Nesse mesmo barco gigante, se muitos africanos (muitos e muitos) foram entregues ou tragados por Kalunga, outros, muitos e muitos também se salvaram. E no corpo/corpus do africano sobrevivente (...) a memória coletiva vingou, retendo lembranças de bens culturais, de modos e visões de vida, de línguas, etnias, que faziam parte de todo um saber anterior. (BRITO, 2011, p. 27/28).

O vingar de uma memória dolorida, mutilada e esgarçada de todas as formas pela experiência colonial foi o que os primeiros escravizados conseguiram a muito custo elaborar. Foi também o que permitiu e permite até hoje alguma existência negra na *Maafa*:

Foi a África, portanto, âncora dos navios de nossa memória, que vestiu a nudez do africano para cá deportado. Como afirma Gates, “os africanos que cruzaram o Mar Oceano não viajaram e sofreram sós” (apud MARTINS, 1997, p. 25). O primeiro exercício de sobrevivência efetuado pelos povos africanos embarcados nos negreiros para o Brasil, assim como em toda a diáspora, foi talvez o de buscar recompor o tecido cultural africano que se desteceu pelos caminhos. Recolhendo fragmentos, traços, vestígios, lograram elaborar, compor uma cultura de exílio, e assim refazer as suas identidades (...). (BRITO, 2011, p. 30).

No entanto, esta recomposição não se deu somente pela retomada de algo que já estava dado em África e que fora perdido, mas também através de uma criação em consonância com

Vítimas da Violência do Estado da Baixada Fluminense. Para mais informações, conferir: <https://forumgritabaixada.org.br/direito-a-memoria-e-justica-racial>, Acesso em maio de 2019.

¹⁶ Em sua tese Conceição Evaristo é referenciada com o seu último nome, Brito. O que não ocorre em sua obra literária. Reproduzi essa diferença no texto, mas trata-se da mesma autora.

a própria experiência africana na diáspora brasileira. Assim, todas as tradições africanas foram afirmadas não como um quadro estático e paralisante, mas como a configuração de um paradigma vivo de permanência negra nesse contexto. Dessa forma, uma série de experiências africanizantes vão se manter, apesar de toda a descontinuidade:

(...) tais experiências proporcionadas por uma África, por mil Áfricas, ou ainda por Áfricas invisíveis que nos habitam, explicitam-se constantemente no cotidiano brasileiro. Há um Brasil rememorativo de África em nós. Lembranças africanas reconstruídas na diáspora. (BRITO, 2011, p. 46).

Nesse contexto, os terreiros de candomblé vão ter um papel fundamental. Tanto no sentido de possibilitar uma experiência africana no Brasil, quanto no de preservar e reconstituir essa memória coletiva e ancestral. Assim, a tradição africana vai ser reterritorializada aqui no Brasil principalmente a partir do espaço do terreiro. Espaço onde as pessoas negras vão poder reviver o sentido da comunidade que extrapola os laços sanguíneos e buscar um pertencimento a uma coletividade e a uma nação. O espaço do terreiro vai atuar na preservação de tradições, e possibilitar que determinados comportamentos africanos se perpetuem. Sobre esse aspecto de criação a partir de uma memória ancestral, Muniz Sodré afirma que:

A construção do grupo "negro de terreiro" no Brasil obedeceu, como já se observou, a uma reterritorialização condensadora. A questão dos orixás: na África Ocidental, originalmente, uma região ou uma cidade tinha como patrono às vezes um único orixá, pois se supunha uma relação de ancestralidade entre a dinastia local e o deus cultuado. Assim, um orixá como Oxalufã predominava em Ifan; Oxaguiã, em Ejibé; Xangô, em Oyó, e assim por diante. No Brasil, entretanto, os orixás concentravam-se numa mesma região ou cidade, propiciando a criação de um novo espaço mítico e histórico, onde estava em primeiro plano a preservação de um patrimônio simbólico, que seria responsável pela continuidade da cosmologia africana no exílio. Aqui, portanto, reelaboravam-se ou redefiniam-se as regras originais com o objetivo de preservar uma matriz fundadora. A tradição afirmava-se não como uma forma paralisante, mas como algo capaz de configurar a permanência de um paradigma negro na descontinuidade histórica. (SODRÉ, 2002, p. 59).

Um dos maiores indícios de que essa busca pela tradição não se remetia a uma paralisação no tempo ou em referenciais de uma África mítica é a abertura nos terreiros de candomblé ao culto dos caboclos, marca do respeito e relação profícua com os povos originários dessa terra que depois foi chamada de Brasil:

Sabe-se igualmente que no Ilê Oxóssi, um dos três terreiros nagôs fundadores, existe um assentamento para "caboclo" (entidade que representa o índio brasileiro junto à cosmogonia negra). Explica-se: o índio é, para o terreiro (...) o dono original da terra brasileira, e através daquela inscrição simbólica, é reverenciado do mesmo modo

que os antepassados ilustres da comunidade negra, os Eguns. O próprio culto ao caboclo, apesar de toda a sua simbologia indígena, é uma reelaboração nacional do culto negro aos ancestrais. (SODRÉ, 2002, p. 60).

Dessa forma, o que predomina na cosmopercepção¹⁷ de mundo negra brasileira é uma determinada abertura para as diferenças - das diversas etnias africanas entre si, dos africanos com os indígenas e até dos africanos com os brancos. Assim, o que se construiu aqui foi na direção contrária da matriz eurocêntrica em que o diferente é tornado Outro, sendo desprezado e visto como inimigo a ser combatido ou anormal a ser controlado e governado. Assim, Muniz Sodré vai nos dizer que essa abertura às diferenças propiciou uma expansão da matriz simbólica negra para outras práticas a partir do próprio espaço do terreiro. Dessa forma, aponta para:

(...) urna disposição de expansão simbólica negra, de busca de contato. A sedução (palavra aqui usada em sua acepção mítico-teológica e não libertina) das diferenças adequava-se a uma estratégia de reterrorialização, evidenciada no fato de que os negros jamais limitaram a sua "atração" cultural ao espaço físico dos terreiros. Estes, enquanto comunidades responsáveis pela preservação de um patrimônio mítico-cultural, sempre foram pólos de identificação ou plataformas de penetração em espaços intersticiais, propiciando um desdobramento de suas matrizes simbólicas por meio de afoxés (grupos carnavalescos), congadas, maracatus, folias, grupos de samba. Dessa base territorial, teatro de **uma memória coletiva ancestral**, irradiaram-se para corpos negros ou não as inscrições simbólicas que constituiriam aquilo depois designado como "jeito negro-brasileiro de ser". (SODRÉ, 2002, p. 62, grifos nossos).

Apesar de toda a desgraça que atingiu o povo negro desde a fundação desse país e permanece atingindo até os dias atuais, os ancestrais africanos puderam, com muita ginga¹⁸,

¹⁷ “O termo ‘cosmovisão’ é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo ‘cosmopercepção’ é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais” (OYÉWÚMÍ, 2007, p.3). Além disso, a autora menciona que no mundo ocidental a visão tem um papel importante para a produção de diferenciações e opressões como as separações presentes no que tange ao sexo, a cor da pele e ao tamanho dos crânios. Ainda segundo ela, “O olhar é um convite para diferenciar” (OYÉWÚMÍ, 2007, p. 3). Seguindo a orientação da autora, utilizo o termo “cosmovisão” quando estiver me referindo à maneira ocidental de descrever seus próprios sentidos culturais, e lanço mão do termo “cosmopercepção” quando descrevo povos que privilegiam outros sentidos que não só o visual, ou até uma combinação de mais de um sentido na sua maneira de experimentar o mundo.

¹⁸ O gingar, segundo Barbosa (1994 apud EVARISTO, 2011, p. 36), remete a uma sabedoria corporal africana que diz não só de posturas corporais, mas de uma postura existencial negra: “Conhecemos a ginga como um movimento de avanço e recuo, um negócio feito com o corpo, uma forma de deslocamento reto ou circular; este movimento de dança varia de ritmo e velocidade, e tal como nos recordamos dele, assim de pronto, ele está relacionado com a prática da capoeira. Ou seja, o capoeira ginga para adquirir velocidade; para dissimular o golpe; para surpreender o adversário com seu movimento; para escapar ao golpe do adversário. Este é um bom ponto de partida para o nosso entendimento de hoje. A ginga é, pois, um movimento equilibrador para aquele que a pratica; desequilibrador, para aquele que não a pratica. Ela elimina surpresas para quem a pratica; e gera movimentos surpreendentes, para aquele que não a pratica.” (1994, p. 26).

resistência e sabedoria construir autonomamente a sua própria existência coletiva, histórica, física, psicológica e espiritual:

Foi a ginga de corpo e mente que lhes permitiu produzir exercícios memoráveis no tempo. Exercícios fertilizados por uma memória em busca de uma continuidade, apesar de vários momentos de intersecção. Uma memória recriadora que reinventa uma tradição, que propõe a criação de mitos fundantes como o de Zumbi. Uma memória que se converte no próprio elogio da memória (...). (BRITO, 2011, p. 46).

Assim, o estatuto da memória para o povo negro brasileiro é distinto daquele abstraído de uma tentativa de universalização desse conceito para uma faculdade psicológica interiorizada ou um modo de funcionamento elaborado a partir de bases eurocentradas. Essa memória portaria uma singularidade que Conceição Evaristo na mesma obra traça algumas especificidades. Apesar do esgarçamento, seria uma memória “(...) da qual brotam Zumbi dos Palmares, Dandara, Chico Rei, Luiza Mahin e outros. Memória, força-motriz de movimentações e movimentos. Força impulsionadora do negro em movimento e do Movimento Negro.” (BRITO, 2011, p. 47).

Então, uma memória negra, que não está calcada em um arquivo pessoal íntimo onde se prende a um passado mítico ou paralisante. É sempre uma memória intencional, elaborada e voltada para as experiências e para questões do presente: “A memória como busca, como afirmação do passado é transmissora de experiência. Ela traz um passado elaborado, analisado, filtrado pelos olhos do presente. O passado surge como esforço de uma memória que está a construí-lo no presente” (BRITO, 2011, p. 52), e é, sobretudo, uma memória que está aberta à criação, que gesta análises e críticas:

(...) a memória gesta uma ficção que passeia pelos interstícios dessa história e gesta também análises, críticas, movimentos e movimentações que forjam uma outra leitura histórica. Foi a memória celebrante de Zumbi que instituiu o 20 de novembro e constantemente pede uma revisão da história não só do negro brasileiro, mas do país. É esta memória que está sempre a lembrar que a história também é suscetível de utilização, manipulação e esquecimento. (BRITO, 2011, p. 53).

Dessa forma, há um exercício da memória que remete a condições da sobrevivência e da própria existência do povo negro brasileiro. É desse sentido que parto para a construção da memória de Neusa Santos Souza - memória esta que certamente não é só dela. Assim, ao mesmo tempo em que busco construir uma memória de combate ao projeto epistemicida e ao racismo, que de muitas formas segue acometendo as vidas negras, busco também a construção de uma memória coletiva, criativa, produtora de análises voltadas para a atualidade de questões para as práticas psi's. Tendo em vista que a construção de memórias da população

negra é uma tarefa crucial ainda hoje, meu intuito é que a construção dessa pesquisa intensifique outras travessias que possam ser cada vez mais acompanhadas por ancestrais importantes como Neusa Santos Souza. Assim, seguimos para outro tema importante para esse trabalho, a saber, a discussão sobre os Quilombos e o Quilombismo como ideia-força de luta da população negra brasileira.

2.5 Quilombismo e aquilombamento: ideias-forças de luta

Uma das intelectuais que mais se dedicou ao estudo sobre os quilombos foi, sem dúvida, Maria Beatriz Nascimento. A historiadora, roteirista e poeta dedicou-se durante mais de vinte anos a esse tema, confrontando em conjunto com outros intelectuais e ativistas a visão estereotipada advogada por alguns intelectuais brancos brasileiros (RATTS, 2006). É justamente esse aspecto que Beatriz Nascimento vai discutir e combater nos seus estudos sobre os quilombos. De acordo com em seu texto *Por uma história do homem negro* (NASCIMENTO, 2006a) há um desleixo dos intelectuais brancos brasileiros ao tratar de aspectos relativos à discussão racial, não havendo uma proposta realmente séria de estudo do povo negro. É o que fica escurecido no trecho a seguir:

O branco brasileiro de um modo geral, e o intelectual em particular, recusam-se a abordar as discussões sobre o negro do ponto de vista da raça. Abominam a realidade racial por comodismo, medo, ou mesmo racismo. Assim perpetuam teorias sem nenhuma ligação com nossa realidade racial. Mais grave ainda, criam novas teorias mistificadoras, distanciadas desta mesma realidade. (NASCIMENTO, 2006a, p. 95).

Assim, os estudos sobre os quilombos vão ser marcados por teorias desconectadas da realidade racial ou mistificadoras desta. Como, por exemplo, o modo usual de se definir os quilombos “como se em todo o tempo de sua história fossem aldeias do tipo que existia na África, onde os negros se refugiavam para ‘curtir o seu banzo’” (NASCIMENTO, 2006d, p. 120). É a partir destes estudos enviesados que Beatriz Nascimento vai compreender a necessidade de elaborar um projeto de construção de uma história da raça negra brasileira: “A história da raça negra ainda está por se fazer, dentro de uma História do Brasil ainda a ser feita. Este projeto é difícil, é um desafio.” (NASCIMENTO, 2006a, p. 95). E Beatriz Nascimento efetivamente encarou esse desafio. Produziu uma série de entrevistas, artigos e trabalhos acadêmicos que marcaram a intelectualidade e militância negra e/ou atenta seriamente às questões raciais em nosso país. Em conjunto com intelectuais como Lélia González, Abdias Nascimento e a própria Neusa Santos Souza, apostou em uma construção

de um gênero de conhecimento do negro sobre ele mesmo, recusando qualquer paternalismo branco ou a absorção acrítica de teorias eurocêntricas em seus estudos. Pois de acordo com ela:

Essa importação de “ideologias” é típica dos pensamentos da intelectualidade brasileira, a mais branca, a mais europeizada de todo o chamado 3º Mundo. Ou seja, a mais complexada das elites, justamente por ser aquela que jamais se conformou em trazer no seu todo social elemento tão degradante, mas que por força das circunstâncias históricas foi o mais importante no seu processo de formação. (...) Para todo o lado que o branco olhar, deparar-se à com o espectro daquele que escravizou e que corrompeu. É justamente o fato de nos ter corrompido que maltrata as consciências salvadoras de muitos dos nossos “defensores”, daqueles que atualmente nos querem redimir estudando-nos através de aspectos sócio-econômicos e apressando-se em se “sentir” negros, como se séculos de sofrimento e marginalização pudessem ser redimidos por uma sensação de “ser negro”. Ser negro é enfrentar uma história de quase quinhentos anos de resistência à dor, ao sofrimento físico e moral, à sensação de não existir, a prática de ainda não pertencer a uma sociedade na qual consagrou tudo o que possuía, oferecendo ainda hoje o resto de si mesmo. Ser negro não pode ser resumido a um “estado de espírito”, a “alma branca ou negra”, a aspectos de comportamento que determinados brancos elegeram como sendo de negro e assim adotá-los como seus. (NASCIMENTO, 2006b, p. 99).

A construção desse projeto de estudos, desse “grande sonho” de Beatriz Nascimento, apresentou de início algumas dificuldades, como encontrar uma metodologia e conceitualização adequadas, que ajudasse ela própria a se livrar da dominação colonial:

A “aceitação”, a “integração”, a “igualdade”, são pontos de vista do dominador. Tomando como exemplo estes três conceitos poderemos demonstrar como se torna difícil para o negro, que se propõe estudar a discriminação racial (e não só ela em si, mas toda a história do negro brasileiro). Conceituar do seu ponto de vista sua situação e suas aspirações dentro da sociedade dominante. Torna-se ainda mais difícil a metodização deste estudo, pois impregnado de uma cultura em todos os sentidos branca e europeizada se faz necessário perguntar-se a si próprio se determinados termos correspondem à sua perspectiva, se não são somente reflexos do preconceito, repetidos automaticamente sem nenhuma preocupação crítica. (NASCIMENTO, 2006b, p. 102).

Atenta a esses desafios, Beatriz define que o seu projeto consiste em “demonstrar que os homens e seus grupamentos, que formaram no passado o que se convencionou chamar ‘quilombos’, ainda podem e procuram fazê-los” (NASCIMENTO, 2006c, p.109). Seria a busca de uma *continuidade histórica*, conceito que ela propõe e que busca interpelar a tradição de se pensar a história negra somente a partir do momento em que esta se encontra com a civilização ocidental. Em seu texto *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra* (2006d), a autora discute alguns dos seus objetivos com seu projeto de pesquisa:

- 1) Caracterizar o quilombo como instituição africana, de origem angolana, na história da pré-diáspora.

- 2) Indicar as conotações que tal instituição recebe no período colonial e Imperial no Brasil.
- 3) Caracterizar a instituição quilombo na passagem para princípios ideológicos como forma de resistência cultural.
- 4) Historicizar a ideologia junto às etapas do movimento de conscientização do negro e da sociedade brasileira no século XX. (NASCIMENTO, 2006d, p. 117).

De acordo com este texto, no momento em que os colonizadores portugueses invadem o território da África centro-ocidental, as sociedades que ali viviam estavam passando por um momento de reorganização a partir da emergência de alguns Estados Nações, como o Reino do Congo. Essa forma de Estado chocava-se com algumas formações tradicionais e uma das etnias que se opunham a essa formação e à invasão portuguesa era a dos *Imbangalas* (também conhecidos como Jangas), que, por volta de 1569, conseguiu expulsar o rei do Congo e os portugueses da Capital. A expulsão durou cerca de cinco anos e em 1574 os europeus fizeram esse povo recuar.

De acordo com Beatriz Nascimento, os *Imbangalas* eram um povo muito temido, pois era nômade e “viviam inteiramente do saque, não criava gado, nem possuía plantação.” (NASCIMENTO, 2006d, p. 118). Para a autora, essa característica nômade desse povo pode ser reconhecida na instituição *Kilombo*, pois a sociedade guerreira *Imbangala* era aberta aos estrangeiros, desde que eles fossem iniciados. Eles não conviviam com os próprios filhos, mas iam adotando os adolescentes dos povos com quem iam entrando em contato e saqueando, e cortava-se assim “transversalmente as estruturas de linhagem e estabelecia uma nova centralidade de poder frente às outras instituições de Angola” (NASCIMENTO, 2006d, p. 119). Mas, *Kilombo* no momento pré-diaspórico também tinha outros sentidos, como a nomeação dos indivíduos que se incorporavam à *Imbangala*, como casa sagrada onde se fazia o ritual de iniciação e como acampamento de escravos fugitivos do comércio negreiro português (NASCIMENTO, 2006d).

Após estas considerações, Beatriz Nascimento aponta como o quilombo se tornou uma instituição no período colonial e imperial brasileiro. As autoridades colonizadoras mencionam o quilombo pela primeira vez em documento oficial, em 1559, e definem ao seu modo o que significa quilombo para elas: “toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”. Beatriz Nascimento por sua vez vai notar o paralelo que existe entre o quilombo de Palmares e o *Kilombo* como instituição Angolana:

Se inferirmos, através de coincidência de datas, vamos notar que o Quilombo de Palmares não deixa de ser fenômeno paralelo ao que está se desenrolando em Angola no final do século XVI e início do século XVII. Talvez seja este

quilombo o único a se poder fazer correlação entre o *Kilombo* instituição angolana e quilombo no Brasil colonial. O auge da resistência Jaga se dá exatamente entre 1584 e meados do outro século (...). Neste mesmo momento se estrutura Angola-Janga, conhecido como quilombo dos Palmares no Brasil. Alguns outros fatores coincidentes com a realidade angola podem ser remarcados, como por exemplo, a nomeação do chefe africano de Palmares Ganga Zumba. Tal título era dado ao rei Imbangala com uma pequena variação: Gaga. (NASCIMENTO, 2006d, p. 120).

Beatriz Nascimento considera que provavelmente representantes da dinastia *mbundu* foram transferidos pelo tráfico escravista para o Brasil e que se associaram aos *Imbangalas* no quilombo dos Palmares, o que remeteria ao nome Brasil Angola-Janga. Essa articulação era exatamente a mesma que estava marcada no controle do território *mbundu* em Angola naquele momento. Porém, nossa autora vai marcar que essa é uma característica bem demarcada do quilombo dos Palmares, mas que de um modo geral os outros quilombos vão se distanciando do modelo africano e procurando se reorganizar de acordo com as suas necessidades no território brasileiro. Assim:

É no final do século XIX que quilombo recebe o significado de instrumento ideológico contra as formas de opressão. Sua mística vai alimentar o sonho de liberdade de milhares de escravos das plantações em São Paulo, mais das vezes através da retórica abolicionista. (NASCIMENTO, 2006d, p. 122).

Esta passagem de instituição em si para sinônimo de resistência cultural negra e esperança de uma vida melhor para esta população, redefine mais uma vez o quilombo. Há todo um esforço de ressignificação dos quilombos no campo da literatura, da história, da militância e cultura negra em geral. E é nesse mote que em 1974 o grupo Palmares do Rio Grande do Sul propõe a data da morte de Zumbi e da queda do Quilombo dos Palmares, dia 20 de novembro, como substituto do feriado nacional de 13 de maio, apontando assim mais para a luta e para a resistência negra do que para a falaciosa dádiva vinda de cima para baixo da princesa Isabel (NASCIMENTO, 2006d).

No entanto, não é só Beatriz Nascimento que se dedica seriamente ao estudo dos quilombos. O intelectual, poeta, ator, escritor, dramaturgo e artista plástico Abdias Nascimento foi outro estudioso importantíssimo que, nutrido das informações de Beatriz Nascimento, vai se somar a essa reflexão e ao valor da luta quilombista para a população negra brasileira. Para Abdias Nascimento, em seu livro *Quilombismo: Documentos de uma militância panafricanista* (1980), os quilombos advêm de uma necessidade urgente dos povos negros escravizados de lutar por sua sobrevivência e sua existência de ser. A partir de

considerações sobre essa luta histórica, suas características e enfoques, ele vai propor o conceito de Quilombismo:

Os quilombos resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativeiro e da organização de uma sociedade livre. A multiplicação dos quilombos fez deles um autêntico movimento amplo e permanente. Aparentemente um acidente esporádico no começo, rapidamente se transformou de uma improvisação de emergência em metódica e constante vivência das massas africanas que se recusavam à submissão, à exploração e à violência do sistema escravista. O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da continuidade africana. Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochês, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém, tanto os permitidos quanto os <ilegais> foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta *práxis* afro brasileira, eu denomino de quilombismo. (NASCIMENTO, 1980, p. 255).

Pela própria maneira em que se expressa a conceitualização de Abdias, podemos entender que o quilombismo não remete a uma essencialização, mas a uma plasticidade e concretude interente à experiência africana no Brasil:

O modelo quilombista vem atuando como ideia-força, energia que inspira modelos de organização dinâmica desde o século XV. Nessa dinâmica quase sempre heroica, o quilombismo está em constante reatualização, atendendo exigências do tempo histórico e situações do meio geográfico. Circunstancia que impôs aos quilombos diferenças em suas formas organizativas. Porém no essencial se igualavam. Foram (e são), nas palavras da historiadora Beatriz Nascimento, <um local onde a liberdade era praticada, onde os laços étnicos e ancestrais eram revigorados> (1979:17). Esta estudiosa mulher negra afirma ter o quilombo exercido <um papel fundamental na consciência histórica dos negros> (1979:18). (NASCIMENTO, 1980, p. 256).

Porém, nosso autor vai além ao propor características e princípios quilombistas, construindo uma perspectiva política, teórica e ética a partir e em conjunto com essa luta afro-brasileira. Recusa a importação de produtos culturais prontos do exterior, apostando em um caráter nacionalista do movimento quilombista, em articulação com o pan-africanismo e na luta contra o imperialismo e a opressão neocolonial. Consequentemente, recusa também uma “adaptação aos moldes de sociedade capitalista e de classes” (1980, p. 262), pois ela se baseia

na busca do lucro a todo custo, principalmente daquele que é extraído a partir do sangue do africano escravizado. A aposta que ele faz é na aproximação aos moldes da realidade brasileira do “comunitarismo e/ou ujamaísmo da tradição africana” (1980, p. 263). Todas estas perspectivas estão entrelaçadas entre si e subsidiadas por uma ética: “Assegurar a condição humana das massas afro-brasileiras, há tanto séculos tratadas e definidas de forma humilhante e opressiva, é o fundamento ético do quilombismo.” (1980, p. 264). Assim, podemos afirmar mais uma vez: “Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência e comunhão existencial.” (1980, p. 263).

Outro intelectual interessante para o debate quilombista é Antônio Bispo dos Santos. O autor oriundo do quilombo Saco-Curtume, localizado no município de São João do Piauí/PI, é uma das principais referências que orientam o sentido desta dissertação. Ele esteve no III Encontro *Kitembo* e pôde partilhar ensinamentos e contribuições muito interessantes para a construção do Laboratório e das pesquisas que estão articuladas a ele. Em seu livro *Colonização, quilombos: Modos e significações* (2015), ele vai discutir alguns efeitos das guerras da colonização ainda presentes atualmente e o combate da cosmovisão cristã monoteísta com as cosmopercepções¹⁹ pagãs e politeístas, africanas²⁰ e indígenas. Assim, em uma perspectiva resolutiva ele nos traz mais informações sobre os quilombos, que ele nomeia como comunidades contra colonizadoras. A descrição de Antônio Bispo dos Santos (2015) remonta o comunitarismo ressaltado por Abdias Nascimento: uma forma de relação onde a terra era de uso comum em prol do beneficiamento de todas as pessoas de acordo com as suas necessidades. Nessa perspectiva, a ideia de acumulação só seria plausível para os períodos de escassez por conta do clima ou da guerra, ou quando a acumulação visava longos períodos de festividades. Ele afirma ainda que os quilombos eram vistos como organizações criminosas pelos colonizadores desde o início da colonização até a promulgação da Lei Áurea em 1888. “Porém, a criminalização e a violência contra essas comunidades permaneceram, tendo como alvo seus modos de vida, suas expressões culturais e seus territórios, isto é, as suas formas de resistência e de auto-organização comunitária contra colonial.” (SANTOS, 2015, p. 49).

¹⁹ O autor usa o termo cosmovisão, mas seguindo a indicação de Oyèwùmí (2007) já levantada em outro momento da dissertação, tomei liberdade para distinguir o termo cosmovisão, oriundo da tradição branca ocidental do termo cosmopercepção, mais concernente ao modo de experienciar o mundo de outros povos.

²⁰ Por entender que esse combate (entre a cosmovisão cristã monoteísta e as cosmopercepções africanas) se dá até os dias atuais, Dandara Rosa, Nathália Nascimento e Viviane Moraes (2018) vão afirmar que não basta a psicologia cuidar da saúde mental da população negra, ela tem que fazer isso se articulando às próprias experiências e teorias africanas.

Para Antônio Bispo dos Santos, um aspecto importante das guerras da colonização é a tentativa de destruição dos modos de vida e das expressões culturais dos povos africanos e indígenas. O embate entre a cosmovisão cristã monoteísta com as cosmopercepções pagãs politeístas nos ajudaria muito a pensar algumas violências que a colonização produziu. O autor vai destrinchando aspectos destas diferenças de modos de experimentação do mundo, da religiosidade, do trabalho e demais manifestações culturais. Enquanto os colonizadores partiriam de um pensamento monista desterritorializado, os contracolonizadores viriam de um pensamento pluralista territorializado. Enquanto os europeus construíram uma elaboração e estruturação vertical e desenvolvimentista de suas sociedades e de suas relações com seu deus e a natureza, os povos afropindorâmicos teriam elaborado e estruturado um modo circular de biointeração com os deuses e os entes da natureza. Por fim, enquanto o povo monoteísta estivesse regido pela lei da *transfluência*, que estabelece relações de transformação da natureza, os povos politeístas estabeleceriam *confluências*, ou seja, a convivência entre a pluralidade dos elementos da natureza (SANTOS, 2015).

Assim, esses modos e significações estão presentes até o momento nos diversos embates entre os quilombos e a luta quilombista dos dias atuais com o Estado racista, capitalista e desenvolvimentista que têm ameaçado ainda hoje a existência de comunidades tradicionais e demais aquilombamentos rurais e urbanos. Escurecendo estas nuances e o que entendemos enquanto construção de quilombo, discussão necessária para o debate que atravessa todo o trabalho, mas que tem um ponto culminante na realização do evento *Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza*, que será melhor discutido no terceiro capítulo.

Pudemos discutir como a produção negra esteve em busca de uma autonomia para tematizar suas próprias questões saindo da mera condição de objetos de estudo. Também pude apontar para questões como o racismo e sexismo na esfera acadêmica, o epistemicídio, o apagamento de produções e da própria intelectualidade negra brasileira. No entanto, esse exercício não tem como objetivo operar uma crítica pela crítica, desresponsabilizada e descolada de ações concretas²¹ para a mudança desse cenário. Se fiz um determinado diagnóstico da situação ainda hegemônica de desigualdades raciais no ambiente acadêmico, é com o objetivo de construir saídas a esse quadro e de pensar e apontar algumas pistas que possam ser intensificadas em outros lugares por outros grupos e pessoas.

²¹ Ao mesmo tempo em que construí essa pesquisa, participei do processo da reforma do currículo do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF que, no final, pôde contar com o acréscimo em uma de suas referências do livro *Tornar-se Negro* de Neusa Santos Souza.

Dessa forma, acredito que a adoção de reformas nos currículos de disciplinas obrigatórias e eletivas, o fortalecimento de ações afirmativas em todos os níveis da esfera acadêmica, o incentivo à que pessoas negras possam cada vez mais se afirmar como produtoras de conhecimento e de pesquisa no Brasil, bem como o debate e o estudo franco da questão racial possam ser algumas saídas para que coletivamente possamos construir uma psicologia e uma realidade acadêmica diferente. Tendo em vista esse horizonte e discutido alguns temas relevantes para a construção desta memória de Neusa Santos Souza, passemos para o próximo capítulo.

3 CAPÍTULO II: UMA TRAJETÓRIA DE NEUSA SANTOS SOUZA QUE NÃO É SÓ DELA

Este capítulo se refere mais diretamente a uma memória de Neusa Santos Souza que pude construir durante essa pesquisa. Construção essa que se fez a partir de diversos encontros: com as nove entrevistas com pares dela que ainda estão em atividade no Rio de Janeiro; com a leitura de seus textos e entrevistas publicadas; com homenagens que pessoas fizeram a ela após a sua morte e quaisquer outros vestígios que pude encontrar. Assim, o que se seguirá remonta uma polifonia, de vozes e encontros, que não busca encerrar ou trazer a verdade última sobre essa trajetória de toda uma vida de Neusa Santos Souza, mas trazer com a maior riqueza possível o que eu pude reconstruir ao longo do trabalho.

Poderíamos pegar carona na discussão que o sociólogo branco e francês Pierre Bordieu faz sobre as biografias em seu texto *A ilusão biográfica*²². Nele, o sociólogo sustenta um conceito de *trajetória*, que seria definido como uma “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a constantes transformações” (BOURDIEU, 2006, p. 189). Interessante definição que pode muito ajudar a pensar o exercício de construção de uma memória de Neusa Santos Souza. Porém, é preciso uma inflexão na definição de Bordieu, pois apesar do espaço ao qual ele se refere ser passível de transformações, a concepção do autor no texto é um tanto quanto endurecida, na medida em que construir as trajetórias só seria possível a partir do enquadramento, passo por passo, delas em um contexto que é tido como um dado estável. Nesse sentido, é mais interessante para a perspectiva construída nesse trabalho a discussão do historiador branco italiano Alessandro Portelli e o modo como ele pensa alguns aspectos da História Oral, pois a:

(...) História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido. (PORTELLI, 1997, p. 16/17).

Assim, a aposta no mosaico e na colcha de retalhos dialoga mais com o meu esforço de articulação das entrevistas, dos textos de Neusa Santos Souza e demais fontes que fui cruzando para montar essa trajetória. Construindo, desta forma, uma aproximação da

²² Esse texto em conjunto com o de Giovanni Levi, *Usos da biografia* (2006), publicado no mesmo livro, são comumente referenciados nos trabalhos biográficos. Para uma discussão mais detalhada dos dois textos e dos dilemas desse gênero de escrita (inclusive para a psicologia) conferir o texto de Heliana de Barros Conde Rodrigues, *O zero e o infinito - Reflexões sobre o método biográfico em pesquisa histórica* (2013).

discussão de Alessandro Portelli, que aposta em uma perspectiva dialógica onde nossas interpretações e reflexões coexistem com os depoimentos e também com as interpretações das pessoas que entrevistamos: “(...) Consequentemente, aquilo que criamos é um texto dialógico de múltiplas vozes e múltiplas interpretações: as muitas interpretações dos entrevistados, nossas interpretações e as interpretações dos leitores.” (PORTELLI, 1997, p. 27). No entanto, a centralidade destes diálogos cruzados não exclui a valorização das singularidades dos encontros que fui vivendo durante a produção da pesquisa. Cada entrevista tem uma importância especial, pois:

Cada pessoa é um amálgama de grande numero de histórias *em potencial*, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados. Como historiadores orais, nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência. Cada um de meus entrevistados – talvez quinhentos -, e na afirmação que se segue não há nenhum clichê, representou uma surpresa e uma experiência de aprendizado. Cada entrevista é importante, por ser *diferente* de todas as outras. (PORTELLI, 1997, p. 17).

A importância à qual Alessandro Portelli comenta, toma uma proporção ainda maior no meu caso, pois Neusa Santos Souza afirmava que o seu tesouro era justamente os seus amigos (FERNANDES, 2018). E foi precisamente com alguns deles com quem me encontrei para conversar sobre sua trajetória, desenvolvimento intelectual e profissional, enfim, sobre sua vida. Fiz questão de começar todos os encontros agradecendo pela disposição de cada pessoa em me conceder a entrevista e falar sobre uma amiga que havia tido uma morte tão trágica. Este agradecimento se fez cada vez mais importante a partir das falas emocionadas e em alguns casos até acompanhada de lágrimas destas pessoas. Assim, muitas delas sinalizaram a dificuldade de falar e lembrar sobre a vida vivida ao lado de Neusa Santos Souza e da surpresa que as acometeu quando ela faleceu. Mas logo outras coisas iam entrando em cena e a afirmação da vida de Neusa Santos Souza, suas realizações e produção intelectual iam ganhando mais espaço e alterando o tom desses encontros.

Quando perguntei ao Paulo Vidal (2018) como ele achava que Neusa Santos Souza gostaria de ser lembrada, ele logo me disse que era pela sua alegria e por sua potência que tanto marcou todo mundo que pode a conhecer. Assim, decidi adotar também como o tom desse trabalho essa perspectiva, apostar na alegria e na afirmação da vida que Neusa Santos Souza teve. E nada melhor do que essa foto com o belo sorriso que ela tinha para nos ajudar a expressar isso:

Imagem 1 – Foto de Neusa Santos Souza



Fonte: Encontro de Filosofia, História e Epistemologia da Psicologia, 2017.

Que a própria Neusa Santos Souza se apresente:

Neusa Santos Souza: Bom, primeiro, meu nome é Neusa Santos Souza. Sou psiquiatra, psicanalista. Vivo aqui no Rio e faço clínica psicanalítica e também tenho uma atividade de ensino, de transmissão. Eu trabalho dando seminários clínicos num hospital chamado Casa Verde que é um hospital para pacientes graves, e a referência, assim, fundamental, talvez, na minha trajetória seja o fato de eu ter escrito *Tornar-se Negro*. Que foi a rigor uma dissertação de mestrado e que virou um livro e que parece que hoje ainda é uma referência. As pessoas continuam me procurando muito em função desse livro e enfim, foi um livro que escrevi, portanto, há 25 anos. (SOUZA, 2008).

Essa foi a primeira entrevista de Neusa Santos Souza que encontrei e foi concedida meses antes de seu falecimento, sendo transmitida após esse fato como homenagem do programa do Canal Brasil. Optei por começar essa trajetória dela por ela mesma, pois como aprendi com seu livro *Tornar-se Negro*: poder dizer de si autonomamente já é uma forma de produzir autonomia.

3.1 Infância e graduação na Bahia

Neusa Santos Souza nasceu no ano de 1948 em Cachoeira, no recôncavo Baiano, uma cidade histórica e fortemente marcada por tradições afro-brasileiras, tendo destaque especial pela sua importância para o Candomblé. Têm-se poucas informações sobre sua infância e família, pois ao que parece Neusa Santos Souza não comentava muito sobre isso com os amigos. Porém, estes ressaltam que ela veio de uma “origem humilde”.

Outro ponto que é comum entre essas memórias de amigos é que ela cresceu em meio a um ambiente de terreiros de candomblé, de pessoas muito próximas a ela ligadas a estes, como alguns de seus familiares que eram mães e pais de santo. Em *Neusa Santos Souza: um Encontro; uma Homenagem*²³, Marco Aurélio Luz conta que ela lhe disse em uma conversa que era neta de Sr. Arsênio dos Santos, um importante sacerdote do culto Baba Egun brasileiro. Embora Marco Aurélio afirme que parece que Neusa Santos Souza e seu núcleo familiar mantiveram-se afastados dessa tradição, em sua entrevista a própria afirma que tem experiências de vida e de familiares próximos ao candomblé, como uma de suas tias:

A religião não dá conta de tudo. Sobre tudo a religião do candomblé que se sabe não onipotente. Por que talvez existam certas religiões que se creiam onipotentes e que queiram dar conta de tudo. A minha experiência de vida, inclusive com pessoas próximas da minha família, muito próximas, ligadas ao candomblé é de que o candomblé não responde tudo. Eu tenho uma tia que ela é mãe de santo e que ela me disse: minha filha, eu sou do candomblé, mas eu não sou invocada com o candomblé. Eu perguntei - o que é ser invocada, minha tia, com o candomblé? Então ela me explicou: ser invocada com o candomblé é querer explicar tudo com o candomblé. (SOUZA, 2008).

Neusa Santos Souza não chegou a se iniciar, nem a se vincular a um terreiro específico, mas tinha alguma proximidade que se manteve durante a sua vida. Já quando ela se mudou para o Rio de Janeiro, Edson Saggese (2018) afirma que ela se tornou amiga e ficou muito íntima de Pai Agenor²⁴, uma autoridade no Candomblé. Além disso, como nos contou Ana Rocha, ela deu de presente ao seu afilhado, (filho de Ana) um objeto ligado à religião, que lhes remetiam de forma saudosa à Bahia. Essa é outra característica interessante que

²³ http://amaivos.uol.com.br/amaivos2015/?pg=noticias&cod_canal=71&cod_noticia=17513. Acesso em março de 2018.

²⁴ Agenor Miranda Rocha (1907 – 2004), o professor Agenor, foi um personagem importante durante quase um século do Candomblé. Sua casa no Engenho Novo, no Rio de Janeiro, era muito frequentada pelas mais diversas pessoas em busca de conselhos e orientações. Era muito reconhecido pelos seus conhecimentos referentes aos Odús e ao trato e uso das folhas. Publicou alguns livros como *As nações Kêtu: origens, ritos e crenças - os candomblés antigos do Rio de Janeiro* (2000); *Caminhos de Odu* (2009); *Oferenda* (1998). Para mais informações, conferir *Um Vento Sagrado – História de vida de um adivinho da tradição Nagô - Ketu brasileira* (1996), de Muniz Sodré, e de Luiz Felipe de Lima (BASSO, 2015).

aparece nas entrevistas. Algumas pessoas com quem pude conversar tinham uma relação de serem comadres ou compadres de Neusa Santos Souza. Ou seja, ela foi madrinha de vários filhos de seus amigos próximos, inclusive de um sobrinho da Bahia que chegou a morar com ela por algum tempo no Rio de Janeiro.

Neusa Santos Souza permaneceu em Cachoeira até o momento em que foi para a casa de uma tia, no bairro de Campo Grande, em Salvador, para cursar Medicina na então Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia²⁵. Mulher negra, de origem pobre e do interior do estado, não é difícil imaginar as dificuldades de se cursar Medicina naquela época. Isso também foi bastante ressaltado nos encontros, das dificuldades financeiras que Neusa Santos Souza enfrentou para se tornar médica e psicanalista. Ana Rocha a conheceu durante o curso e nos contou que desenvolveram uma grande amizade nessa época, tendo enfrentado juntas as discriminações raciais e a travessia dessa graduação. Contou-nos que eram lembradas sempre que “não tinham pinta de médicas”, e que ela foi obrigada a alisar o cabelo para a foto de formatura sem nenhuma possibilidade de contestação. Não sabemos se Neusa Santos Souza também passou por este constrangimento, mas outro fato é que havia naquele período uma assimetria ainda maior entre docentes e discentes, tendo em vista que o curso era organizado pelo sistema de cátedra. Porém, na entrada do curso a jovem Neusa Santos Souza já estava interessada pela psiquiatria:

Lázaro Ramos: Porque que a senhora escolheu a psicanálise?

Neusa Santos Souza: Pois é, por que é que eu escolhi a psicanálise? É difícil a gente dizer aquilo que é a causa do nosso desejo, né? Mas o que eu posso lhe dizer é que quando eu entrei na universidade eu já queria fazer psiquiatria.

Lázaro Ramos: Desde sempre?

Neusa Santos Souza: Desde sempre. Então eu entrei na faculdade de medicina, no primeiro ano o terror dos alunos de medicina é anatomia. Eu ao invés de estudar anatomia ia para a biblioteca e pegava qualquer livro para estudar psiquiatria. Quer dizer, estava interessada. E nesse percurso de estudar psiquiatria eu descobri Freud. Então achei aquilo bastante interessante, aquilo me respondia a muitas questões inclusive questões minhas, obviamente. A gente é sempre movida a priori por suas razões, por suas questões. E a partir daí não parei mais. Isso foi desde o terceiro ano de medicina. O terceiro ano de medicina você tem uma matéria que se chamava, não sei agora como estão as coisas, se chamava relação médico-paciente. Relação médico-paciente nada mais é que um espaço afetivo que se estabelece entre médico e paciente e torna possível o efeito terapêutico. Sem esse laço afetivo não há trabalho possível. Mesmo, digamos assim, quando se trata de questões mais objetivas, da medicina. Imagine quando se trata de questões psicológicas, questões psíquicas, questões emocionais. Então a questão da transferência que se estuda desde o terceiro ano de medicina, nessa matéria, relação médico-paciente. A transferência é questão central da psicanálise. A transferência e o manejo dessa transferência. Como trabalhar com isso. Então isso é a psicanálise. Desde sempre, talvez, eu tenha sido fisgada por ela. (SOUZA, 2008).

²⁵ Atualmente Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia.

Ao terminar o curso no início dos anos 1970, Ana Rocha foi trabalhar no Sanatório Bahia, uma clínica de saúde mental localizada no Largo da Lapinha, em Salvador. E Neusa Santos Souza, ainda na graduação, a acompanhou enquanto sua assistente. Lá puderam realizar um trabalho com os pacientes psiquiátricos a partir de dispositivos outros que não o estritamente medicamentoso e enclausurador. Ana Rocha narra com bastante carinho que conseguiram desenvolver um trabalho com grupos e também com o manejo de hortas que construíram no próprio espaço do Sanatório. Essa prática instituinte, em momento anterior à reforma psiquiátrica, já nos sinaliza uma aposta das duas em outra forma de lidar com pacientes psicóticos.

Nesse momento elas também participaram de grupos de estudo que foram importantes para a formação do pensamento de Neusa Santos Souza, com o que parece ser a continuação do contato dela com a psicanálise. Assim, fizeram parte do Núcleo de Estudos Psicanalíticos (NEP), onde se tinha o esforço de levar à Bahia psicanalistas de outras regiões do país, como a psicodramatista Martha Berlin, o Kleiniano Emilio Marcus Rodrigué e Carlos César Castellar Pinto (COUTINHO & SABACK, 2007). A essa época, Ana Rocha conta que elas discutiam alguns autores como Franz Alexander, Melanie Klein e Pichon Rivier. Foi em meio a esse cenário que Neusa Santos Souza e Ana Rocha decidem mudar para o Rio de Janeiro por indicação de um dos participantes do grupo, pois lá seria um local onde poderiam expandir suas formações e experiências de trabalho.

3.2 Chegada ao Rio de Janeiro: IPUB e a escrita de *Tornar-se Negro*

Sobre a chegada de Neusa Santos Souza ao Rio de Janeiro seguimos viagem com Edson Saggese, que a conheceu justamente nesse momento, em 1975, na moradia do IPUB da UFRJ, o Pavilhão Maurício Medeiros. Até hoje o local é destinado às pessoas oriundas de outras regiões do país que cursam mestrado ou residência no Instituto:

Eu conheci a Neusa em 1975, que eu a vi pela primeira vez (...) eu e a Neusa moramos aqui [no pavilhão]. Então eu encontrei com ela por isso, ela vindo da Bahia, e eu que sou de bem mais perto, de Petrópolis, mas eu também morei aqui por dois anos. Então nós nos conhecemos aqui. E a chegada da Neusa da Bahia já foi uma coisa interessante, por que na época o usual era você começar a estudar aqui no instituto fazendo um concurso para especialização. Depois você fazendo especialização você se candidatava se quisesse o mestrado, que é um segundo tempo. Por que era difícil você entrar diretamente no mestrado. Pois bem, a Neusa chega aqui e já não tem mais inscrição para a especialização e a saída que ela encontra é se candidatar logo ao mestrado. E passa. O que era pouco usual, já mostra uma trajetória diferente da média (...) eu não lembro os detalhes de por que ela

perdeu o tempo da especialização, se ela não estava bem informada, eu não sei isso. Eu sei que ela fez uma trajetória, começou no instituto numa trajetória já um passo acima do que era o usual na época. Hoje isso mudou muito, não tem relação da especialização com o mestrado. Mas na época tinha, era muito mais rígida essa escala de valores, de acesso. E aí assim, a primeira convivência foi aqui no instituto, ela fazendo mestrado, eu fazendo especialização depois eu fiz mestrado também e nós moramos aqui nessa residência. (SAGGESE, 2018).

Neusa Santos Souza passa para o mestrado e constrói sua dissertação, *Tornar-se Negro*, que é orientada por José Otávio de Freitas Júnior e co-orientada por Gregório Baremlitt.

Soube através de entrevista com Paulo Vidal (2018) que Neusa Santos Souza fez parte de um grupo de estudos que ocorreu durante alguns anos no IBRAPSI, Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições. Fundado em outubro de 1978 por Chaim Samuel Katz, Gregório Baremlitt e Luiz Fernando de Mello Campos, o IBRAPSI tinha um enfoque institucionalista, trazendo para o cenário carioca uma formação que se articulava com sindicatos, partidos políticos e comunidades de base e recusava o horizonte de construção de uma “psicanálise pura”. Desde o seu lançamento com o I Congresso Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições, contando com a presença de Guattari, Goffman, Castel, Basaglia dentre outros, o Instituto ganha bastante notoriedade no cenário carioca e entre os anos de 1978 a 1982 chega a ter 180 alunos inscritos e 75 terapeutas, inflando o mercado e questionando a “verdadeira psicanálise”, bem como a formação ligada à IPA como a única possível. O IBRAPSI sofre diversos ataques dos “psicanalistas oficiais”, seja pela via da imprensa, seja por cartas com ameaças a Gregório Baremlitt (COIMBRA, 1995).

A co-orientação de Gregório Baremlitt nos dá indícios de que ela tenha se aproximado dele em um período bem próximo ao surgimento do IBRAPSI, pois a sua dissertação de mestrado em Psiquiatria é defendida em junho de 1981 no Curso de Pós-Graduação do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O texto é basicamente o livro *Tornar-se Negro*, que em suas edições ganha o prefácio de Jurandir Freire Costa e um posfácio de Gregório Baremlitt. Na segunda edição, pela Graal, em 1983, é invertida a ordem dos capítulos: a metodologia deixa de estar no segundo e passa para o sétimo. É a própria Neusa Santos Souza que em uma entrevista comenta como foi esse processo de aproximação com ele:

Neusa Santos Souza: (...) Eu estava aqui no Rio de Janeiro, comecei a ouvir falar de Psicanálise. E ouvi dizer que existia uma pessoa que dava grupo de estudos de Freud. E eu quis. Fiquei um tempo com essa pessoa que foi o Gregório Baremlitt, antes do IBRAPSI existir.

Inês Lamy: Surgiu o IBRAPSI, você saiu correndo... (risos).

Neusa Santos Souza: É, surgiu o IBRAPSI e o nosso grupo continuou estudando com Baremlitt, mas sem se filiar ao IBRAPSI. Depois vieram outros grupos, outros coordenadores – Isidoro E. Americano do Brasil, Stella Jimenez, Eduardo Vidal – até o momento em que vi que podia continuar a estudar com meus pares, sem a presença de coordenadores. Foi mais ou menos assim meu percurso. (SOUZA, 1990, p. 49).

Para além dessa parceria com Gregório Baremlitt, a pesquisa e a escrita do *Tornar-se Negro* acontecem mediante a articulação que a Neusa Santos Souza ainda recém-chegada ao Rio de Janeiro fez com intelectuais importantes, mas que não pertenciam à corrente dominante da psicanálise da época. É o que nos conta também Edson Saggese:

Então eram pessoas que não eram da corrente dominante da época. Nem da psicanálise e nem da política. Eram pessoas a meu ver grandes intelectuais, intelectuais de respeito, mas não eram, não estavam no centro do poder. Nem do poder simbólico, né? E depois, o Jurandir, que sempre escreveu, sempre usou a psicanálise num contexto de discutir questões culturais, socioculturais usando a psicanálise, então tinha essa afinidade com a Neusa. A questão do negro na psicanálise eu acho que é muito uma questão assim, na época, sobretudo de muito desconhecimento, ou desinteresse. Era uma resistência muito mais no sentido de ignorar a questão. A psicanálise não se importava com isso. A psicanálise brasileira, do Rio de Janeiro, não se importava, não era uma questão. E por isso só essas pessoas, digamos assim, mais a margem de uma corrente dominante da psicanálise da academia, poderiam... A Neusa poderia se aproximar. (SAGGESE, 2018).

Ainda assim, Neusa Santos Souza não só se articulou ao IBRAPSI de Gregório Baremlitt e ao seu orientador José Otávio Nunes durante a escrita, bem como se pode dizer que foi o momento em que ela esteve mais próxima da militância negra e de esquerda:

Edson Saggese: Eu sei te dizer que a Neusa era uma pessoa muito intensa. E muito ligada em questões sociais então ela tinha contato não só com a militância negra como a militância política de maneira geral, né. Que era militância de esquerda, que se opunha à ditadura militar né. Ela tinha contato com a Convergência Socialista, acho que ela chegou a participar um tempo. Ela era uma pessoa muito intensa, muito preocupada com as questões sociais, as questões sociais não só com relação ao negro, mas também com as questões da liberdade, da democracia. E ela... Tudo que ela fazia era com bastante intensidade. Ou seja, não tinha aproximação só intelectual, apesar de transformar isso em preocupação intelectual. Com o tempo eu acho que ela foi se afastando mais de uma questão de militância em termos de militância direta política e mais, digamos, em uma militância intelectual. (SAGGESE, 2018).

Francisco Leonel Fernandes também me disse de sua participação mais direta na política partidária, no início da construção do Partido dos Trabalhadores: “Ela foi petista, (...) não que ela fosse organizadora de um quadro do PT, mas (...) ela tava no momento de construção do PT, acho que ela ficou ligada de alguma maneira” (FERNANDES, 2018).

Era um período de grande efervescência política e é nesse contexto em que os movimentos negros cariocas estavam se reconstruindo em conjunto com outros movimentos

populares no final da década de 70, com a emergência do movimento Soul/Black Rio e do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, o IPCN, fundado em 1976 (DOMINGUES, 2006). Neusa Santos Souza, assim como muitas outras pessoas militantes negras no Rio, frequentava as discussões e os debates deste movimento, que tinha o objetivo de disseminar a mobilização negra em África e na diáspora, discutindo a atuação das pessoas negras norte-americanas e das ex-colônias africanas, buscando criar aqui uma identidade negra positivada (MACHADO, 2014). Dessa participação, soubemos que o próprio lançamento do livro aconteceu na sede do IPCN. Como afirma Jurandir Freire Costa:

William Pereira Penna: É uma coisa que eu queria te perguntar por que ela menciona que quando estava escrevendo o *Tornar-se Negro* ela estava numa relação muito direta com o movimento negro.

Jurandir Freire Costa: Muito próxima. O lançamento do livro foi lá, né? Eu me lembro de ter ido, foi lá na sede, lá na Lapa. (...)

William Pereira Penna: O IPCN?

Jurandir Freire Costa: É eu acho que era. Eu não tenho mais certeza. Porque isso faz tanto tempo... Eu não tava frequentando muito próximo, aí você perde, né?

William Pereira Penna: Mas você sabe como que era essa relação que ela tinha nesse momento com o movimento negro?

Jurandir Freire Costa: Ah, ela tinha uma relação muito próxima, ela conhecia, ela discutia aquilo, naquilo que ela podia contribuir com o saber analítico ela fazia né? (COSTA, 2019).

Amauri Mendes, diretor do IPCN na época, me disse que Neusa, além de lançar o livro lá, ficou discutindo ele com um grupo de pessoas que se interessaram pela temática durante cerca de um ano. Segundo ele, Neusa sabia que aquele livro deveria ser discutido ali.

Consegui encontrar também uma atuação sua no Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO). No site deste, consta que ela ministrou um encontro do curso “Conscientização da Cultura Afro-Brasileira” que ocorreu entre os anos de 1984 e 1986 na PUC-SP e na UERJ. Na revista *Afrodiaspórica*, vol. 6 e 7 de 1985, está bem marcado que ela daria uma palestra sobre “Identidade Negra e Ascensão Social do Brasil” no dia 18 de junho, no Rio de Janeiro. Neusa Santos Souza está ao lado de outros palestrantes como Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, Muniz Sodré, Nei Lopes e Lélia Gonzalez:

Imagem 2 – Programação do curso “Conscientização da Cultura Afro-Brasileira”

Palestras: Rio de Janeiro, 1985	
Maio	
20	Abertura: Cerimônia candomblecista celebrada pela Iyalorixá Mona Bewyi da Nação Angola-Congo. Palestra do Professor Abdias do Nascimento, Diretor do IPEAFRO.
21	Observações iniciais do Professor Affonso Marque dos Santos, diretor do DGC, Secretaria Municipal de Educação e Cultura.
27	Palestra de Nei Lopes: “Cultura Malé no Brasil”.
28	Nei Lopes: Cultura Bantu no Brasil”.
	Lélia Gonzalez: “Mulher e Cultura Afro-Brasileira”.
Junho	
3 e 4	Helena Theodoro: “Cultura, Religião e Identidade Negra”.
10	Filme <i>Egungun</i> , palestra do seu diretor Carlos Blajblat.
11	Muniz Sodré: “Cultos Negros e Socialidade”.
17	Beatriz Nascimento: “O Conceito de Quilombo e a Cultura Negra de Resistência”.
18	Neusa Santos Souza: “Identidade Negra e Ascensão Social do Brasil”.
24 e 25	Djalma Corrêa: “Sensibilização e Percepção da Música Afro-Brasileira através da Percussão”.

Fonte: IPEAFRO.²⁶

Apesar disso, desses grandes nomes do movimento negro no curso, a menção de Neusa Santos Souza nos trabalhos sobre a história desses e de outros intelectuais negros e do movimento negro carioca não agrega muitos dados sobre suas atuações políticas e sua trajetória intelectual e de vida.

Ainda sobre o lançamento do livro e sua repercussão na época, a entrevista que fiz com Paulo Vidal em conjunto com Maria da Conceição Nascimento, dá alguns sinais:

²⁶ Disponível em: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/publicacoes-do-ipeafro/afrodiaspورا-vol-6-e-7/>. Acesso em março de 2018.

Maria da Conceição: Mas assim, como é que foi? Ele foi em 83 que ele foi publicado. Como é que, você lembra assim, a recepção dele no meio Psi? Você tava no IBRAPSI essa época né?

Paulo Vidal: 83... Já. Olha. Eu acho que teve uma repercussão, houve discussão, mas eu acho pequena. Frente a que é... Eu acho pequena. Tanto assim porque eu acho que assim... Deve ter poucos registros.

(...)

Paulo Vidal: Ela trouxe essa questão [O racismo] para a academia e para a psicanálise também. Ela trouxe essa batata quente para a psicanálise.

Maria da Conceição: Mas a academia e a psicanálise não acolheram isso.

Paulo Vidal: Não. Agora eu acho que não tem mais como. (VIDAL, 2018).

Jurandir Freire Costa que prefaciou a obra também mencionou essa pouca recepção. E mais, disse que havia uma visão da questão racial apenas como uma curiosidade pelos psicanalistas na época:

William Pereira Penna: Mas como é que foi a recepção do *Tornar-se Negro* na psicologia, na psicanálise naquele momento?

Jurandir Freire Costa: Nada de extraordinário. As pessoas viam aquilo como curiosidade. Mas os analistas não tinha interesse nele. Não tinham.

William Pereira Penna: É, tanto que você coloca, eu tava ontem retomando um pouco o texto e você diz "Depois do Reich: Escuta Zé Ninguém, aí veio o Fanon: Escuta Branco, e a Neusa estava falando: Escuta Psicanalista!", né?

Jurandir Freire Costa: Isso. Não tinha nenhuma sensibilidade a aquilo. Sobre tudo por que aquilo ali era uma coisa secundária. Você tem as tais estruturas do sujeito, elas são as mesmas, né? O resto é recheio imaginário, quer dizer: Os Freudianos, os Kleinianos, os Lancanianos, todos eles estavam juntos nisso. Não tinha essa ideia, quem tinha era outros movimentos, né? Eu fiquei um pouco sensibilizado não pela minha formação de analista. Mas porque eu tinha feito meu mestrado na França com o professor Georges Devereux que foi quem criou a etnopsiquiatria. (COSTA, 2019).

Ao perceber mais detidamente este período de alta produtividade de Neusa Santos Souza no que tange à sua atuação militante que não estava desassociada de sua escrita nem de sua prática, pode-se inferir que ela durou bastante tempo. Visto que Neusa Santos Souza chega ao Rio de Janeiro em 1975 e até 1985 temos registros de sua atuação no IPEAFRO, tem-se então pelo menos uma década de trabalho mais próximo com a questão racial em uma Psicanálise também em agitação com todo o cenário do IBRAPSI, da abertura para a saída do regime militar e dos anos anteriores à constituição da reforma psiquiátrica brasileira.

3.3 Do Núcleo de Atendimento Terapêutico ao “Engenho de Dentro”: um dos inícios da Reforma Psiquiátrica

Jurandir Freire Costa: (...) aquele prefácio que ela me procurou, ela não me conhecia. Ela leu o *História da Psiquiatria no Brasil*. E aí me procurou. Eu fiz o prefácio e a gente ficou próximo. (...) e fiquei trabalhando na Clínica Social de Psicanálise que era uma clínica comandada pelo Hélio Pellegrino. (...) A gente ficou lá e nesse período ela ficou comigo, a gente ficou lendo. Lendo psiquiatria... Lendo

aliás, teoria psicanalítica e de uma maneira muito curiosa porque era um tempo assim em que as teorias de Lacan chegaram no Brasil e chegaram com uma rigidez muito grande. Quer dizer, que era própria da época, aquele... Aquela espécie de império do significante que tudo mais psicanaliticamente falando era qualquer coisa que era secundário e aquilo acabou produzindo uma discussão muito rica e eu me coloquei ao lado dos que se interessavam em relativizar aquilo. E aí a gente começou a estudar... Habermas, porque o Habermas tem uma teoria da linguagem, teoria da linguagem inconsciente, e a gente começou a ler juntos, né? A Neusa começou a trabalhar comigo assim. (COSTA, 2019).

Após a saída da moradia estudantil no IPUB, Neusa Santos Souza se mudou para um apartamento no bairro Humaitá, na cidade do Rio de Janeiro, onde morou com sua amiga, também psiquiatra e psicanalista, Eliza Santa Roza. Neusa Santos Souza acompanhou de perto o trabalho de Jurandir Freire Costa nesses anos após a escrita e o lançamento de sua dissertação. Depois de se conhecerem através do contato que ela começou após ter lido seu livro *História da Psiquiatria no Brasil, Um corte ideológico* (1980), ele prefaciou o *Tornar-se Negro* e começaram a estudar juntos e trabalhar também no Núcleo de Atendimento Terapêutico, o NAT:

Jurandir Freire Costa: (...) eu falei com Hélio Pellegrino e fundei o Núcleo de Atendimento Terapêutico junto com alguns colegas. Todos talentosos. Atualmente são psiquiatras e analistas. O Otávio Serpa que atualmente é professor do Instituto [de Psiquiatria da UFRJ], o Júlio Vertzmann, que também é professor do Instituto, e convidei algumas pessoas para trabalharem lá. Depois quando foi isso foi, o NAT, foi 1981. Mas logo depois, 1983, aí eu saí e fui para o Pedro II. Fui chamado para o Pedro II, que eu preferia. Então o pessoal que ficou no NAT novamente, todo tinha uma inflexão muito Lacaniana. Que era a Bel [Maria Isabel Lins], minha amiga de Recife, de Paris, a Bel, a Amélia Santana, a Maria do Rosário, imagina, éramos melhores amigos. E a Alba Paiva e uma série de outras pessoas. Então eles continuaram lá no NAT e eu perdi o contato. Foi isso que aconteceu, o NAT funcionava na clínica social, fundado por Katarina Kemper e Hélio Pellegrino. E o Hélio eu conhecia, né. (COSTA, 2019).

O NAT de acordo com Maria Isabel Lins funciona até os dias atuais e foi lugar de passagem de muitos psicanalistas. A proposta era estudar, escrever e atender no mesmo lugar:

Maria Isabel Lins: Onde se atendia se estudava, se publicava artigos de psicanálise a partir da prática analítica. Esse núcleo desde o início de Núcleo de Atendimento Terapêutico, NAT. Isso há muitos e muitos anos. E funcionava inicialmente na Clínica Social de Psicanálise. Nessa época se situava em Copacabana. E a origem dessa Clínica Social vem de Katz Ventemper e foi um alemão que imigrou para o Brasil e foi uma das primeiras psicanalistas do Brasil. Inaugurou toda uma era de psicanálise aqui. Então começamos estudando, pesquisando, atendendo, a partir dessa clínica social. Mas a gente se distinguia como um departamento a parte. Depois a Clínica Social foi murchando, desaparecendo e nós continuamos esse trabalho até hoje, né. Muita gente passou por lá, né. Que hoje em dia estão em várias instituições, outros não estão. E o primeiro idealizador foi o Jurandir, junto com outros colegas que estavam chegando também da França como o Fernando Coutinho, o Carlos Motta que é daqui do Rio, quem mais nessa época? Benílton Bezerra passou por lá também, Francisco Leonel, aí se eu for falar é muita gente que

passou. Foi esse núcleo. E eu convidei, na época, eu convidei Neusa para frequentar, ela ficou algum tempinho, mas ela tinha de fato uma reação muito negativa com relação a qualquer institucionalização como eu dizia de início. Então ela começou a não se sentir tão bem e nos deixou, infelizmente, naquela época. (LINS, 2019).

Tanto Jurandir Freire Costa, quanto Neusa Santos Souza, por motivos distintos, evidentemente, saíram do NAT: Jurandir foi para o Pedro II e Neusa acabou indo para lá depois também, através de um concurso público. O Centro Psiquiátrico Pedro II - atual IMAS Nise da Silveira - foi local de aglutinação de muitos psiquiatras militantes que começavam a construir uma das primeiras experiências da reforma psiquiátrica no Brasil. Segundo entrevista de Ana Pitta ao Projeto Memória da Reforma Psiquiátrica²⁷, lá se construiu a primeira residência em Saúde Mental e tinham-se indícios de que “a grande revolução da psiquiatria aconteceria em Engenho de Dentro”. Então, muitos “ativistas” foram para lá como Benilton Bezerra, João Ferreira e Jurandir Freire Costa para fazer um trabalho de enfrentamento do Leonel Miranda, ministro da ditadura militar e dono do manicômio privado Eiras de Paracambi²⁸, o maior da América latina.

Como Jurandir Freire Costa nos aponta em uma entrevista concedida a Benilton Bezerra:

A reforma psiquiátrica no Brasil começou no final dos anos 1970, nutrindo-se da forte atmosfera de inquietação política e de mobilização social da época. A luta “por uma sociedade sem manicômios” era, na consciência de seus militantes (e a maioria dos profissionais de saúde mental era, de fato militante), a expressão localizada de um engajamento mais amplo por uma sociedade melhor – mais justa, mais tolerante, mais eficaz no cuidado com os mais frágeis e na defesa da autonomia do sujeito. A percepção da dupla natureza – clínica e política, científica e moral – inerente à prática psiquiátrica era algo natural para gerações que liam Basaglia, Foucault, Castel, Guattari, aprendiam psicopatologia com Jaspers e Henry Ey. (COSTA, 2014, p. 1024).

Neusa Santos Souza fez parte de uma dessas gerações, onde ampliou sua rede de contatos profissionais e de amizade. Ana Pitta cursou a faculdade de medicina concomitantemente com ela, e Benilton Bezerra e João Ferreira foram seus amigos, tendo em vista o agradecimento a eles em seus livros publicados. Maria Tavares afirmou, com surpresa, que Neusa Santos Souza era concursada no Engenho de Dentro, e que ela foi a única pessoa que ela tem notícia de que após passar para um concurso federal abriu mão da vaga. Sobre a experiência do trabalho no Engenho de Dentro, sigamos com o próprio Jurandir:

²⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pr0coKBOiHY&t=617s>. Acesso em agosto de 2018.

²⁸ O Manicômio Eiras de Paracambi chegou a ter 2,8 mil pessoas internadas de formas extremamente degradantes, sendo considerado como a versão fluminense dos maiores hospitais repressivos do país, junto ao de Barbacena, em Minas Gerais e o do Juqueri, em São Paulo. Foi fechado em 2012. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/881/terapeutas-em-choque>. Acesso em agosto de 2018.

William Pereira Penna: Como que foi, Jurandir, no Engenho de Dentro? O quê que aconteceu?

Jurandir Freire Costa: Ah, o Engenho de Dentro foi uma coisa muito boa. O que acontece é que a gente teve que enfrentar, digamos, aquele estamento corporativo burocrático que era umas pessoas que não tem como, né? São aquelas pessoas que têm essa relação de tutela com o Estado, com o serviço público, que não queriam trabalhar. Por mais que a gente tenha tido o cuidado para não chegar lá feito uma espécie de bosteio tecnocrata desses, que eu odeio né? Que vem para poder acabar e matar com tudo que há de velho e acabar dizendo que nada presta, tipo esse pessoal que chega agora e diz "o Estado é porcaria, acaba, fecha, prende", né? Por mais que a gente tenha tido cuidado a gente fez um concurso enorme, botou muita gente jovem, mas a situação era horrorosa, a gente fazia o que podia. Em matéria de experimentação, de centro de estudo, discussão de outras coisas, psicanálise, etnopsiquiatria, psiquiatria democrática, é que a gente queria fazer daquilo ali um centro não só de assistência, mas de produção teórica. A minha tese, no caso, era a seguinte, a minha e dos meus amigos: Que no Brasil, onde se faz não se pensa, onde se pensa não se faz.

William Pereira Penna: Uhum, sim. É isso.

Jurandir Freire Costa: Então eu sempre fui contra e eu acho que continua repetindo. Então eu queria recuperar uma tradição, até porque eu gosto muito de história, em que os grandes centros de pensamento da psiquiatria, a gente pode ser contra e o diabo a quatro, porque ela ali era racista, eu digo que o padrão de raça como chave para decifração, ela era de uma fenomenologia desligada da realidade, mas ela era produzida em serviço público, não em universidade. O estado era isso. Comparado aos grandes centros de produção, que eram os hospitais públicos onde os grandes professores estavam lá. Meu sonho era ver se a gente refazia isso. Meu sonho idiota porque eu tava achando que podia ir contra a história, né? Mas eu dizia, bom, aqui que a gente faz, é aqui que a gente produz. A gente não tem que pegar a experiência e dar para o outro teorizar. Daqui que deve nascer né? Mas eu só consegui fazer isso com *Psicanálise e Contexto Cultural*. Um ou outro trabalho não saía. As pessoas tem uma dificuldade! Aí eu to dizendo meus colegas, os outros nem se fala. De dizer: eu to fazendo e agora eu penso. Eu penso e agora eu faço, eu faço e agora eu penso. Enorme! A gente é muito colonizado. Quando você tá dentro da universidade é diferente. Porque você tá lidando ali com o lugar natural que lhe deram. Vou entrar lá, ou então você está discutindo teoria dos euroamericanos entre si, você tomando partido de A contra B e de C contra D. Mas eu lhe confesso que é uma tarefa que eu não tive capacidade, que um ou dois também não teve, a gente não conseguiu produzir. O que eu acho que saiu dali, mesmo da minha parte, por exemplo, foi o *Psiquiatria Burocrática*, duas outras coisas que são dela, e *Psicanálise e Contexto Cultural* que foi essa psicanálise de grupo em que eu fiz toda essa discussão sobre modo de comunicação, sobre ideia de temporalidade. E nisso a gente fazia os grupos, inventava uma série de coisas e quando mudou o governo, que antes era um militar bom, um militar franciscano que deixava a gente fazer. Quando entrou o governo entrou o Claudio Maciedo, aí, na DSAM, que eu conhecia que era meu colega da UERJ, entrou o Washington Loyele que eu também conhecia, mas todos os dois ligados ao Partido Comunista. Então na maneira mais contraintuitiva possível eles começaram a dizer que a gente ou era anarquista, ou era burguês. Ou vinha com teses anarquistas de Foucault, ou então vinha com Psicanálise, que era uma coisa Burguesa. Então, acabou.

William Pereira Penna: Muito contraintuitivo mesmo, né? Que normalmente se pensaria que o governo comunista teria abertura, né?

Jurandir Freire Costa: É, pois é. Teria abertura, né? Mas não tem não.

William Pereira Penna: Uhum.

Jurandir Freire Costa: Acho que era um peso. Aí foi o caos. Foi o caos porque a gente saiu e não era mais ditadura. Uma grande contradição. Aí antes era [risadas]. Tem esses paradoxos, né?

William Pereira Penna: Sim.

Jurandir Freire Costa: Foi quando a gente saiu e foi horrível, quer dizer, foi um trauma. Eu só vim ter depois outro agora com a UERJ de Sergio Cabral e Pezão, né?

Que aí eu também saí da UERJ, porque eu não posso mais trabalhar lá. Então, foram dois grandes impactos. (COSTA, 2019).

Durante esse processo de intervenção e de mudança na direção do trabalho²⁹ que até então estava sendo feito, que Paulo Vidal nos disse ter sido uma mudança muito reacionária, Edson Saggese tentou através do contato com um antigo professor seu da Universidade Federal Fluminense, intervir de alguma maneira para que a situação tivesse outro desfecho:

Edson Saggese: Quando lá da exclusão da Neusa... Eu cheguei a telefonar para ele, uma vez, achando que eu teria algum tipo de influência porque era amigo da Neusa e eu conhecia ele, me dava bem com ele. Naquela época não tinha mais tanto contato, mas eu tinha me dado bem com ele quando era aluno dele. Mas fui muito mal recebido, muito mal recebido assim, não destrutado, mas essas pessoas não interessavam à instituição. É gozado assim que um comunista as tratava como pessoas subversivas. Esse comunismo stalinista. (SAGGESE, 2018).

Ainda de acordo com ele, era um comunismo pouco aberto ao diálogo, burocrático e de fachada de ideias, mas sem um comprometimento com questões práticas e de transformações micropolíticas, como era o caso das propostas de Jurandir Freire Costa, de Neusa Santos Souza e de tantos outros que estavam lá. Porém, essa intervenção não deixou de ter efeitos e a partir da atuação das pessoas envolvidas, ter uma repercussão: “E isso gerou um bafafá, uma confusão. Uma série de movimentos, encontros, foi num desses episódios que pautaram a reforma. Entendeu? Foi nesses episódios, mas em mil outros.” (FERNANDES, 2018). Não pude precisar a data desta série de acontecimentos, mas, de acordo com a entrevista com Ana Beatriz Freire, parece que eles se desdobraram em meados da década de 80.

Foi em um desses encontros que Francisco Leonel Fernandes conheceu Neusa e, segundo ele, foi nesse ambiente também em que Neusa conheceu muitas pessoas e ampliou bastante seu trabalho no consultório clínico.

3.4 Saída do Engenho de Dentro, independência institucional e intelectual: a clínica e a prática de um lacanismo muito particular

Após esse incidente, Neusa opta por deixar o trabalho em instituições e passa a se manter com os rendimentos de seu trabalho em consultório clínico:

²⁹ Esse trabalho foi brevemente discutido no artigo de periódico *Algumas reflexões sobre um projeto alternativo de psicoterapia (1984)* assinado por Jurandir Freire Costa, Paulo Duarte de Carvalho Amarante, Benilton Carlos Bezerra Júnior, Elizabeth Adler, Neusa Santos Souza e Luís Alberto Hezsinger, como profissionais da área de Saúde Mental do CPPII.

Ana Beatriz Freire: (...) logo em seguida ela deixou toda instituição para ficar autônoma. Eu cheguei a conhecer quando ela estava lá [no Engenho de Dentro], mas ela saiu. Ela achou que podia abrir mão da instituição e ficar só de consultório. O que ela não estava errada, porque de fato ela se sustentou muito bem no consultório. Eu acho consultório legal, mas eu acho muito solitário. Eu sinto falta, por exemplo, eu mesmo aposentada eu ainda fico aqui pela universidade porque eu gosto de uma coisa mais coletiva. O coletivo dela era só a Casa Verde no fim. Quando saiu do Pedro II. Talvez ela tenha sofrido de solidão também. (FREIRE, 2018).

Ainda sobre a relação de Neusa Santos Souza com as instituições, sejam elas equipamentos psiquiátricos ou escolas de psicanálise, Ana Beatriz Freire nos ressalta um possível motivo dessa independência. “A instituição: ela não queria instituição porque ela ERA a instituição, eu acho isso também. Ela era... é. Ela era uma instituição. Se fazia uma corte em volta dela” (FREIRE, 2018). Isso estava em consonância com um modo de Neusa Santos ter estado nos mais diversos espaços. Isso reme também à sua atuação militante, que, ao que parece, se dava sem filiação a nenhuma escola e a nenhum grupo instituído, o que por sua vez não excluía o diálogo, mas sim permitia a circulação de Neusa Santos Souza por vários grupos.

Este modo de circular pelas instituições gerou inclusive uma entrevista que Neusa Santos Souza concedeu à Adriana Salgado, Cristina Duba, Inês Lamy e Marta Resende, intitulada: *Só e bem acompanhada (1990)*, publicada nos Cadernos de Psicanálise. As entrevistadoras abrem a conversa afirmando exatamente isso, que Neusa Santos Souza tinha uma posição muito singular no cenário psicanalítico do Rio de Janeiro, pois “Tornou-se analista sem atravessar esses campos áridos das instituições, ao mesmo tempo em que faz uma assunção teórica bem definida... e participa da prática de formação de várias instituições, está lá presente” (SOUZA, 1990, p. 41). O que permite Neusa Santos Souza dizer por si mesma de seu modo de estar nessas instituições e os motivos que a levaram a isso:

A vertente que sustenta isto fundamentalmente é a alegria que encontrei nesta forma de viver. Uma série de acasos me levaram a me organizar assim. Comecei a estudar psicanálise com um grupo de estudos, tendo um coordenador, e assim foi feito por um longo tempo, até o momento que senti que poderia estudar com meus pares, sem necessariamente ter um coordenador e gostei desse estilo. E como estou bem nesse estilo, gosto fundamentalmente disso, quero continuar assim, e também porque os ecos que me chegam de outros modos de se organizar não me interessam, não me fascinam, não me seduzem. No meu entender as coisas caminham bem nessa forma que encontrei, nessa forma que foi me oferecida por essa constelação de acasos. É fundamentalmente isso: uma vontade de permanecer nesse estilo. (SOUZA, 1990, p. 42).

Uma constelação de acasos que Neusa decidiu afirmar de forma alegre. Não lhe cabia “ser contra” o que se passava nas instituições. Ela reconhecia a importância destas, se situava

em uma relação de proximidade, mas havia apostado em outra forma de viver e trabalhar: “O que precisa ficar bem claro é que estou contando qual é o meu percurso, afirmando-o, e não sendo contra um percurso que não é o meu. Eu parto de uma posição afirmativa da vida. Eu sou a favor de alguma coisa, não contra outra.” (SOUZA, 1990, p. 44). O que não era como se Neusa recusasse qualquer tipo de institucionalização:

Neusa Santos Souza: Agora, o que eu acho é que há muitas formas de se institucionalizar. Eu acho que os grupos de estudos, que fazem parte fundamentalmente da minha trajetória, são um modo de institucionalização. Só que, como costume dizer, é um modo tênue de pertencimento. É uma forma tênue de ligação aos pares e que é fundada, sobretudo, no desejo de trabalhar, sem que nada exterior, no sentido de um aparato burocrático para além da vontade, do desejo das pessoas decida de sua formação. E há uma característica visível que constato nos grupos: eles se fazem e se desfazem em muito pouco tempo. Isto é próprio da vida dos grupos: nascer, crescer, ficar algum tempo e morrer... E renascer de outro modo. O que não sei é se as instituições com um aparato burocrático muito pesado se dão ao luxo, querem pagar o preço dessa transformação contínua, dessa ameaça contínua de morrer e, enfim, da promessa de renascer.

Marta Rezende: E nesse sentido que você acha que haveria uma tendência à cristalização nessas instituições?

Neusa Santos Souza: Ah, sim, eu acho, eu acho... Elas não querem morrer. (SOUZA, 1990, p. 42).

Além dessa tendência à cristalização e o medo de se refazerem, Neusa Santos Souza sinaliza que o próprio Freud e seus discípulos, ao apostarem na institucionalização da psicanálise, na sua permanência e na conquista de outros espaços, sabiam que um preço disso poderia ser certa perda de vigor da própria psicanálise. Uma “perda de virulência, perda daquilo que a psicanálise tem de mais ousado, mais audacioso (...). A psicanálise poderia se tornar coisa morna, ela que tanto queimava” (SOUZA, 1990, p. 43). No mais, Neusa Santos Souza diz que havia também uma vantagem para ela nessa posição, pois sua escuta de analisantes, que estavam vinculados a essas instituições não estava contaminada com alianças políticas e fidelidades com esse ou aquele grupo. Como já vimos, isso não fazia com que Neusa Santos Souza deixasse de participar de formações, seminários nessas escolas de psicanálise:

Nesses lugares sou uma professora. Meus serviços foram contratados. E isso eu procuro fazer do melhor modo que eu posso. Eu observo uma coisa semelhante em relação à minha própria experiência anterior – fui professora universitária muito tempo – que é que existem poucos alunos que se dedicam a estudar de fato. E não encontro exceção em termos das Sociedades Psicanalíticas. Achei os alunos todos muito parecidos. (risos) Sei que alguns de fato estudam, têm questões, tentam articular a clínica com a teoria, mas esses são a minoria da minoria. A maioria dos alunos nos dá a impressão de que estão ali num certo entretenimento de ouvir do professor alguma coisa pronta, alguma coisa razoavelmente mastigada, que não só facilite o estudo do texto, mas que também dispense o trabalho maior com o texto. É uma coisa que vejo genericamente. Enfim, não encontro entre os alunos de

Psicanálise uma diferença de qualidade em relação aos alunos de universidade. (SOUZA, 1990, p. 46).

Por fim, Neusa Santos Souza diz de sua aposta em pequenos grupos e diz querer cada vez mais atividades menores: “Não tenho nenhuma simpatia pelos projetos faraônicos, essa ambição imperial. Quero cada vez mais essa coisa artesanal, de um por um, de meia dúzia.” (SOUZA, 1990, p. 49). E nos dá uma última sinalização pela escolha de afirmar esse conjunto de acasos que a levou a apostar em pequenos grupos de estudos:

O que me mantém nesse caminho é que eu vejo que o trabalho com meus pares é produtivo. É um espaço no qual eu me sinto inteiramente à vontade para falar dos meus “furos”, onde não preciso fazer “jogo de cena” para aparentar isso ou aquilo, pois afinal, numa instituição onde não se está somente com meia dúzia de amigos, não se pode mostrar “a nu”. Só os ingênuos e exibicionistas assim o fariam. Então nesse espaço dos meus pares – reafirmo, pares e amigos – só aí é que me encontro à vontade para falar dos meus problemas, das minhas questões, dos impasses que eu tenho na clínica, sem ter a preocupação de ser julgada, avaliada. Enfim, aí é onde encontro uma liberdade maior e que no meu caso está a serviço de uma maior produtividade, porque todo o esforço em relação a esses pares visa o trabalho, ou seja, o que nos liga é o trabalho. (SOUZA, 1990, p. 50).

Assim, seguindo essa aposta, Neusa Santos Souza se aproxima cada vez mais do estudo e trabalho com a obra de Lacan. Segundo Francisco Leonel Fernandes, ela foi uma personagem importante que em conjunto com um grupo de psicanalistas operaram uma mudança no cenário da psicanálise do Rio de Janeiro, que estava muito vinculada à IPA e a uma orientação Kleiniana e, a partir de uma série de grupos autônomos foi se processando uma mudança para a orientação Lacaniana.

Francisco Leonel Fernandes: É nessa transição que esses grupos nascem. Inicialmente eles têm uma organização autônoma, anárquica e é assim que a coisa vem. Na medida em que a gente foi avançando, já nos anos 90, 2000. A gente começou a se colocar essa questão das instituições. E aí um grupo importante se filiou ao Miller, Paulo, Ana Beatriz Freire, Isabel Lins, foi para o Miller. Um grupo menor, no meu caso, eu... Fundamos o Tempo Freudiano, instituições ligadas ao Melman, não gostávamos de ler o Miller. Um outro grupo já pertencia à Letra Freudiana, A Letícia Bauman. (...) Então é... Aquilo que era assim uma abertura começou a se definir em termos de pertencimentos institucionais. Ofendendo um pouco, colocando em suspensão essa iniciativa dela de fazer alguma coisa autônoma, baseada em grupos autogerida, baseada nos vínculos afetivos, no afeto. (FERNANDES, 2018).

Quando esse cenário começou a se institucionalizar, Neusa Santos Souza permaneceu em sua aposta de se manter autônoma e, a partir de grupos de estudo autogeridos, continuar apostando em uma formação independente das escolas. Ainda segundo Francisco Leonel Fernandes, isso poderia na época a ter deixado em uma posição um pouco solitária. Além

disso, ela tinha uma crítica à forma de veiculação com os intelectuais estrangeiros que se produzia nestas escolas.

Francisco Leonel Fernandes: Porque ela apostava muito nesse movimento de autonomia com relação às escolas. A Neusa tinha horror à coisa colonial. Ela via essas relações que a gente tinha com os franceses como uma relação colonial. Colonizada.

William Pereira Penna: Ela colocava nesse termo?

Francisco Leonel Fernandes: Ah, ela tinha, ela falava. A gente discutia e isso aparecia. Então é outra coisa que é importante nela. Ela buscava outro tipo de vinculação com eles que não fosse essa...

William Pereira Penna: Colonial.

Francisco Leonel Fernandes: Colonizada, entendeu? Ela buscava isso, ela apontava pra isso, para nós: a gente tem que ter uma outra relação com eles, que não passa por essa coisa de ficar submetido a eles, à última moda francesa. Temos que pensar nas coisas daqui.

William Pereira Penna: Nossa, que interessante, que remete a isso que você disse de uma saída ética.

Francisco Leonel Fernandes: É, e você tem a questão da reforma psiquiátrica que é uma questão daqui. Ela não recusaria, por exemplo, que, por exemplo, você tem que, aqui no Brasil você tem que, é... Não que exista loucura... A loucura é uma estrutura clínica né, mas aqui você tem que pensar a loucura, a questão da loucura, você tem que pensar junto do racismo, da escravidão. (...) olha mais isso está em questão, nós temos que verificar isso. Nós temos que isso é uma coisa daqui, isso não tem na França, não tem na Inglaterra, não é assim... Nos Estados Unidos se coloca de maneira diferente. (FERNANDES, 2018).

Neusa Santos Souza mantém sua independência financeira e intelectual trabalhando no consultório, primeiro alugando um espaço em Copacabana, e após um tempo organiza um consultório em sua própria residência, que nesse período se localizava de Laranjeiras no Rio de Janeiro, onde ela morava sozinha. Ela teve dois apartamentos lá, o primeiro situado na Rua General Cristovão Barcellos e o segundo na General Glicério.

Mesmo com grande reconhecimento conquistado no meio psicanalítico, sobretudo a partir da sua atuação na clínica, Neusa Santos Souza optou por não trilhar uma carreira acadêmica. Mas, segundo Ana Rocha, ela chegou a dar aula por alguns anos na universidade Gama Filho. Além disso, era frequentemente convidada para dar palestras e participar de momentos das formações ou de outros eventos das escolas de psicanálise do Rio de Janeiro. Nesse mesmo sentido, de manter uma boa relação com vários espaços instituídos, sem necessariamente se fixar a nenhum deles, há essa indicação de uma aversão de Neusa Santos Souza às burocracias e jogos de poder desses espaços. É o que nos contou Edson Saggese, que sinaliza também que ao longo do tempo ela foi construindo:

Uma afinidade cada vez maior com a psicanálise, com a produção psicanalítica, com o estudo da psicanálise, com os grupos de estudo que ela tinha que ela ensinava psicanálise. E ela sempre uma pessoa independente, e com a capacidade que ela tinha ela não se ligou assim rigidamente a nenhum grupo psicanalítico. Ela tinha um

pensamento bem independente. Bem ligado às teorias lacanianas, mas não precisamente presa a nenhum grupo, a nenhuma escola. Eu acho que pela ideia de liberdade, de independência, de não gostar de jogos de poder, nem de burocracias que as instituições têm. Eu acho que ela se manteve pela sua capacidade intelectual, tinha contato com diversas pessoas, pelo seu conhecimento dava cursos, palestras, participou de mesas de discussão. Mas nunca se ligou, se amarrou a uma instituição. Conhecia várias pessoas de várias instituições. (SAGGESE, 2018).

É interessante notar que nas publicações posteriores ao *Tornar-se Negro*, Neusa Santos Souza se autodeclara como Psicanalista e Coordenadora do Seminário da Casa Verde, tendo esses textos aspectos da teoria psicanalítica e da filosofia colocados em diálogo com sua prática clínica. Um contraste pode ser visto em *Tornar-se Negro*, onde ela se afirma como negra e discute as expectativas e os efeitos dessa posição durante a realização das entrevistas e da escrita do trabalho, como se pode ver em:

A partir do contato por telefone criou-se, em quase todos os entrevistados, uma expectativa: a de que eu fosse branca. Alguns disseram-me isso com palavras. Outros, com atitudes. A ideia que perpassava e fundava tal expectativa era a de que “negro que sobe não fala de negro” ou, em outras palavras: faz parte das estratégias de ascensão aceitar a mistificação constitutiva da ideologia da democracia racial: somos uma democracia racial, não existe problema negro, não há porque falar nisto. (SOUZA, 1983, p. 71).

Posteriormente, esse traço desapareceu de sua escrita. Seria um efeito de uma mudança em seu pensamento acerca das articulações entre psicanálise e relações raciais? Se sim, certamente não se trata de um abandono de suas posições de luta e combate ao racismo, pois em maio de 2008 ela publica uma carta ao correio da Baixada em que, de forma pungente, se coloca frente aos 120 anos da nossa falsa abolição³⁰. Além disso, algumas pessoas com quem conversei mencionaram momentos em que Neusa Santos Souza manteve suas posições de combate ao racismo inclusive sustentando o mal estar que muitas vezes aparece quando se debate a questão racial. Justamente no momento em que se estava discutindo a construção de ações afirmativas, com cotas raciais, e Neusa não abriu mão dessa defesa, mesmo que muitos de seus amigos se colocavam reticentes e/ou contrários àquela política naquele momento. Em entrevista ao Programa Espelho, parece ser a única vez em que ela mencionou publicamente os motivos dessa mudança em seus estudos e atuações. Vejamos:

Sandra Almada: Há 25 anos atrás foi lançado o livro, ao qual a senhora já fez menção e que continua sendo uma referência para pensar-se a questão da negritude, os dilemas do negro em ascensão ou aqueles ainda em situação difícil, subalterna. E nunca mais se viu a senhora nos grandes círculos de debate da questão racial. Então a minha pergunta, acho que muita gente saudosa gostaria de fazer: Porque Neusa Santos Souza, depois dessa contribuição tão bacana não apareceu mais?

³⁰ Disponível no Anexo A.

Neusa Santos Souza: Eu acho que é porque eu me detive, depois disso, no estudo de uma questão também muito marginal que é a questão dos loucos. Eu me detive em estudar e trabalhar e me desenvolver nessa direção. Então eu mergulhei fundo na questão da psicose, inclusive escrevi um livro também, sobre a psicose e me detive nisso. Quer dizer, a questão racial está aí, está presente na minha vida ela é cotidiana então eu estou confrontada com essa questão. Mas eu me recusei - e hoje é realmente uma exceção - em falar nessa questão por que eu não estou na militância cotidiana, aquela militância organizada. Então tem muita gente, muitas pessoas que estão nessa militância e eu acho que é hora de elas falarem, mesmo por que de direito elas tem muito mais razão de falar do que eu. Não porque eu não tenha alguma coisa a falar, mas como eu não estou na militância cotidiana seria exposição da minha imagem em nome talvez de uma vaidade, em nome de um passado, onde eu estive realmente nessa militância orgânica. Então não vejo muita razão de ser para que eu aceite o convite já que no cotidiano eu não estou mergulhada nesse trabalho. (SOUZA, 2008).

De fato, como dissemos anteriormente, nesse momento Neusa Santos Souza estava muito mais ligada ao trabalho com pacientes psicóticos, com a sua atividade como analista, seus grupos de estudo e uma vinculação cada vez maior à orientação lacaniana em psicanálise. Dessa forma, parece que ela também estava recolocando a forma de lidar com a questão racial enquanto psicanalista:

Lázaro Ramos: (...) Quais são os principais problemas emocionais e angústias da população negra?

Neusa Santos Souza: Olhe só, a primeira questão é que é assim um pouco difícil, hoje, eu falar nos mesmos termos que eu falei do meu livro *Tornar-se Negro*. Talvez naquela época eu pensasse que do ponto de vista da psicanálise se pudesse fazer uma análise em alguma medida do social. Ou seja, a partir da psicanálise se falar em termos genéricos. Então quando você me pergunta quais são os principais problemas, é digamos assim, do negro em ascensão, do negro no Brasil, é como se houvesse uma categoria maciça “o negro no Brasil”. Talvez, eu acho que nem mesmo para a sociologia existe isso, mas enfim, mas falando, digamos assim, rapidamente em termos sociais talvez se possa dizer “o negro no Brasil”. Mas do ponto de vista analítico fica difícil, do ponto de vista da psicanálise que é a minha prática, que é meu mergulho, que é meu cotidiano, é difícil falar isso. Aliás, é mesmo impossível falar isso. Por quê? Por que para a psicanálise só se fala de um por um, só se fala da absoluta singularidade. Então, quer dizer, o que eu posso digamos assim, pensar, é a partir de cada um que fala dessas questões a partir de uma elaboração singular dessas próprias questões. Então, eu não posso falar de generalidades, infelizmente talvez eu não possa satisfazer e responder positivamente essa questão porque a questão analítica, a questão da psicanálise é de como cada sujeito em particular, no caso, cada negro em particular, vai elaborar suas próprias questões. Então não tem uma resposta geral, entende?

Lázaro Ramos: Então hoje em dia você acha que é mais necessário individualizar mesmo? Independente da cor da pele?

Neusa Santos Souza: Assim, eu acho que para a psicanálise só existe esse caminho. Por que a rigor para você pensar você tem que fazer uma certa concessão de generalização. Até se pode fazer isso, mas quando você faz isso você justamente vai falar de generalidades. Em termos mais radicais, você vai falar de trivialidades. Quando realmente você quer dizer alguma coisa realmente incisiva, você parte do caso por caso, do um por um.

(...)

Sandra Almada: Então você não republicaria?

Neusa Santos Souza: Eu não republicaria. É um livro que está aí, é para ser usado, mas eu já estou em outro momento. Eu vejo a psicanálise um pouco diferente do que

eu veria, talvez. Talvez naquele outro momento eu pudesse achar, como achei, não é. Isso que você falou um pouco de aplicar a psicanálise a essa questão. Hoje eu tenho grandes restrições à ideia de psicanálise aplicada. Eu acho que a psicanálise, o que ela tem de importante a dizer, o que ela tem de forte, ela concerne ao singular, ao individual. Eu acho que a contribuição assim, radical dela, é singular. Daí talvez a minha dificuldade e minha insistência em não aceitar os convites para falar da questão racial, da questão racial a partir da psicanálise porque eu acho realmente, quase que assim, inconsistente essa articulação. Eu sei que se faz, eu sei que se pensa, mas sinceramente eu acho, eu não assino embaixo.

Lázaro Ramos: A senhora acha então que na sociedade que vivemos hoje é necessário se pensar assim?

Neusa Santos Souza: Assim como?

Lázaro Ramos: Na individualização? E acha que existe essa tendência?

Neusa Santos Souza: Quando se trata de psicanálise.

Lázaro Ramos: Quando se trata de...

Neusa Santos Souza: Quando se trata de política, quando se trata de... Quando se trata enfim, sobretudo de política, da luta política, aí não, aí é o coletivo.

Lázaro Ramos: Ok...

Neusa Santos Souza: Não é? Então, digamos assim. Do ponto, a minha questão é a seguinte: eu acho que como cidadã, sem o adjetivo psicanalista, seria muito mais fácil digamos assim, eu talvez conversar sobre as questões raciais. O problema é quando me solicitam do lugar de psicanalista para falar disso. Entende? (SOUZA, 2008).

Uma reorganização dos limites entre o que seria da ordem do indivíduo e que seria do coletivo parece estar operando aí. Estaria Neusa reafirmando a dicotomia entre indivíduo x sociedade, indivíduo x coletivo? Cabendo assim à psicanálise cuidar do que seria do indivíduo e da política o que seria da ordem do racismo, da sociedade? Como isso de fato toma corpo em seu pensamento? Neusa fala nesse trecho que à psicanálise concerne o que seria singular, o caso a caso. Mas o que ela entendia como singular? Teria diferença do que se entende enquanto indivíduo? São perguntas que infelizmente não podemos responder a fundo, dada à escassez de fontes e a sua morte prematura. No entanto, a entrevista segue e ela a partir do lugar de cidadã, dá uma resposta sobre seu entendimento do Racismo a Lázaro Ramos.

Lázaro Ramos: Então falando de questões políticas, o que é que...

(Todos Riem)

Neusa Santos Souza: Como cidadã...

Lázaro Ramos: Como cidadã, enquanto política... O que a senhora acha que mudou?

Neusa Santos Souza: Ah, eu acho que mudou muita coisa. Mudou para melhor. Eu acho que os movimentos negros eles podem festejar. Os movimentos negros e nós como negros de modo geral, conquistamos muita coisa. Tem muito a conquistar, tem muito porvir. Por exemplo: o fato de o negro hoje se colocar como uma questão candente, ele é uma questão, ele fala de si, ele coloca a sociedade inteira para falar de si. Isso é um avanço. Então é uma das coisas que eu acho que tem valor digamos assim, do que eu escrevi, que eu continuo assinando embaixo, é o fato de que esse livro foi escrito a partir de histórias de vidas de negros. Quer dizer, as pessoas, sobretudo falaram. Eu falei a partir do que elas falaram. Então isso é interessante, digamos assim. Naquela época se falava em dar a voz. Hoje não cabe mais isso. Hoje cada um de nós toma a voz, levanta a voz. Isso é um avanço fabuloso. E, sobretudo eu que sou psicanalista fico muito contente com essa coisa de que o outro possa falar. Meu trabalho é, sobretudo isso: criar condições para que cada um afirme sua fala. Então em termos coletivos, a partir dos movimentos negros, da luta negra, o

negro conquistou isso. Isso é festa, isso é para festejar. Agora tem muito mais. (SOUZA, 2008).

Possuir um discurso sobre si mesmo. Colocar em questão o racismo, tomar a voz. Parece ser a avaliação do avanço de quem vivenciou desde cedo, na Bahia, a experiência de se haver com o racismo e foi arduamente conquistando um lugar e um reconhecimento pela sua fala e em especial, pela sua escuta. Além disso, Neusa sabia que se tem muito mais a conquistar, que as desigualdades raciais estavam presentes e podemos acrescentar que ainda hoje estão. Sobre a mudança de perspectiva com relação à sua própria enunciação, Neusa continua:

Lázaro Ramos: (...) Quando foi que a senhora virou essa chave?

Neusa Santos Souza: Eu acho que na medida em que eu fui mergulhando na psicanálise eu fui vendo o que ela é capaz, o que ela pode, os limites dela. Então eu acho isso, que talvez num primeiro momento, um pouco ingênua, eu achasse que a psicanálise pode mais do que ela pode. Não é? Talvez eu achasse que ela pudesse interferir, ou mesmo ler, questões que se passam em outros campos. Hoje eu não acho. É certo que nem todo psicanalista pensa assim, obviamente. Mas eu acho isso. Eu acho que ela é cada vez mais forte, cada vez mais radical, quando ela se centra nos seus limites. Que são os limites da relação entre o sujeito e o outro. Então, todos os impasses, todas as possibilidades, entre o sujeito e o outro, aí sim, aí concerne à psicanálise. (SOUZA, 2008).

A entrevista se dá de forma descontraída, alegre e Neusa Santos Souza se posiciona de forma firme e segura. Durante a construção da pesquisa me deparei com a atribuição desse afastamento de Neusa Santos Souza da militância negra como o motivo de seu falecimento precoce. No entanto, essa afirmação me parece demasiadamente simplista e não possuo subsídios para endossá-la. Não conheci Neusa Santos Souza em vida e tive pouco acesso a falas da própria autora dizendo sobre esse afastamento. Por outro lado a condição de seu falecimento também não é muito evidente e muitos dos seus amigos que foram por mim entrevistados também atestam a sua surpresa e desconhecimento do que poderia tê-la levado a cometer suicídio. Considero que não é o meu papel como pesquisador fazer tal tipo de avaliação sobre os possíveis motivos de sua morte. Penso que é mais prudente e interessante não prejudicar essa opção que Neusa Santos Souza faz, e acompanhá-la ao pensar as potencialidades e questões dessa deriva em seu trabalho, alheia ao aprisionamento de nossa homenageada ao seu livro *Tornar-se Negro* ou às cristalizações de que ela, como negra, só deveria discutir e tratar da questão racial.

A vida também passa por outros pontos e as pessoas negras podem e devem viver outras experiências que não só discutir e falar sobre essa temática se assim o desejarem. Grada Kilomba (2010) nos traz importantes contribuições nesse sentido, quando questiona as

possibilidades de fala dos grupos minoritários. “Quem pode falar, o que acontece quando nós falamos? Sobre o que nos é permitido falar?” (KILOMBA, 2010, p. 172). Mulheres negras devem falar somente sobre a condição de serem mulheres negras? Por que não falar sobre psicose, como fez nossa autora? Como a fala de uma psiquiatra e psicanalista como Neusa Santos Souza é recebida em meios majoritariamente brancos? Como então pensar essa atuação dela no âmbito da clínica das psicoses descolada de uma afirmação de si e de sua negritude que lhe é inerente? Nesse sentido é possível afirmar que uma psicanalista negra como Neusa Santos Souza tenha que lidar com a questão racial simplesmente por existir e “estar fora do lugar” que lhe é esperado. Ela mesma o diz nessa entrevista: “a questão racial está aí, está presente, na minha vida ela é cotidiana então eu estou confrontada com essa questão” (SOUZA, 2008).

Sobre essa mudança de direção em seu trabalho, as entrevistas me deram também algumas outras pistas. Para Francisco Leonel Fernandes, o que aconteceu foi uma saída no campo da ética que Neusa Santos Souza construiu:

Francisco Leonel Fernandes: (...) Porque não é um abandono, não foi um abandono da questão do negro. Porque é, para ela era muito claro isso. Ela sendo negra, não é ela que abandona essa questão. Essa questão não abandonava ela. Então não tem essa de você sendo negro “ah, não é minha questão”. É má-fé. Isso ela tinha clareza. O que ela não queria que isso se encaminhasse na perspectiva da culpa. Do alibi. Isso ela e ela ficou procurando alternativas a isso. Ou seja, ela buscava um caminho de dignidade, um caminho ético. É isso que eu diria para você. Ela na verdade, ela não abandonou a questão por que não se abandona uma questão. To dizendo isso agora, isso é uma chave talvez para você, de trabalho. Que ela saiu do campo político para jogar com essa questão no plano ético. Essa é a virada que ela faz. Não abandonou. A questão tava lá posta. E ela tentou uma saída ética, questão da dignidade, a questão do... Uma série de questões nesse sentido entendeu? Mais isso que propriamente um “superei”.

(...)

William Pereira Penna: Até que ele comentou isso também de na época que o debate das cotas estava começando, que ela era muito firme nos posicionamentos de não abrir mão dessa questão. Porque muita gente diz isso, que ela abandonou o *Tornar-se Negro*, mas ela continuou se posicionando e isso não parou.

Francisco Leonel Fernandes: É, e com clareza. Ela não titubeava.

William Pereira Penna: Sim.

Francisco Leonel Fernandes: É que a questão dela não era mais uma questão política. Ela tentava pensar em termos éticos. Mas era decidida. (FERNANDES, 2018).

Além disso, o que Jurandir Freire Costa relata é de uma tentativa dela de não identificação e de não restrição de toda sua carreira profissional a unicamente o seu trabalho com o *Tornar-se Negro*.

Jurandir Freire Costa: Agora, nesse momento, eu também fui me afastando dela porque ela foi se aproximando cada vez mais da escola Lacaniana. (...) Mas eu então

fui perdendo o contato porque a gente saiu do Pedro II que era o lugar que convivía e do ponto de vista de psicanálise aí eu fui para um lugar e ela foi para o outro. Eu entrei no Instituto de Medicina Social quando eu já era antes, mas tinha saído nesse intervalo, que eu estava lá no Pedro II, eu voltei para o Instituto e aí investi direto no estudo de Psiquiatria Cultural, foi onde eu fiz a tese sobre o homoerotismo, homossexualidade masculina, fiz uma tese sobre amor romântico, escrevi a tese sobre corporeidade do espetáculo, tudo que eu tava já tentando ver se eu fazia uma psicanálise aplicada mais próximo do contexto cultural e os lacanianos eram muito avessos a isso, não é?

William Pereira Penna: Sim... à própria ideia de uma psicanálise aplicada.

Jurandir Freire Costa: É isso tudo que eles diziam psicanálise em extensão era qualquer coisa que era meio desprezada, né? Pelos próprios, pela própria base conceitual da universalidade, etc. Dos anos 80 para cá é que de fato eles começaram a dar uma guinada e aí você vê uma quantidade de estudos sobre cultura gigantescos. Do lado de cá nesse período e intervalo, não. Os estudos eram sobretudo com base sobre literatura, filosofia, quer dizer: grandes questões, né? Quer dizer, muito pouco sobre digamos o imaginário cultural. E aí eu também fui me afastando, quer dizer, da Neusa. Encontrava ela, mas, nos amigos. E nas conversas com os amigos, eu perguntei a ela uma vez por que é que ela não tinha continuado o estudo sobre raça? Ela disse que não queria ser marcada por aquilo. Entende? Que ela atravessou aquilo ali, aquilo ali é uma coisa que ela observava todo o tempo... Eu acho que a essa altura ela também tinha se desligado do movimento negro. (COSTA, 2019).

Assim, caberia entender o que essa marca produzia para ela naquele contexto? Como ela chegou a ser uma coisa a ser evitada, que fez até com que Neusa tivesse uma relação ambígua com sua própria dissertação de mestrado, dizendo que não a republicaria? Talvez por ser alvo do desprezo que Jurandir Freire Costa menciona que sofreu, por trabalhar com o que se chama “psicanálise em extensão”? No entanto, outro momento que sobressaiu nas entrevistas foi uma homenagem que o movimento negro fez para ela depois de muito tempo sem um contato intelectual e militante direto com a questão racial, Neusa Santos Souza foi coroada:

Maria Tavares: No entanto, ela me convidou e eu fui a uma homenagem que foi feita para ela lá na Lapa. Não sei se você teve registro disso, que ela foi coroada já no final já, ela recebeu uma homenagem lá na Lapa, não sei se naquele lugar lá do, tem o... O Boal. Um perto da Cecília Meireles, ela tava toda produzida, com uma roupa branca num trono lá e tinha a ver com coisas afro. E ela foi lá homenageada, coroada. Deve ser um registro interessante recuperar. Que foi talvez a única coisa que eu vi assim mais ligado né, mesmo por que eu convivi com a Neusa foi de 86 até ela falecer, mas ligada a essa questão. (TAVARES, 2018).

Uma pena não termos mais registros dessa homenagem. Além do que já foi dito, nas entrevistas ficou latente a narrativa do racismo que a própria Neusa sofreu. Ainda na entrevista para o Programa Espelho a jornalista Sandra Almada pergunta a ela um caso em que viveu com que ela responde:

Sandra Almada: No início da entrevista a senhora falou que falando como cidadã, se confronta cotidianamente com o racismo. Cita uma situação para gente.

Neusa Santos Souza: Gente é tão banal, as situações são muito banais. Por exemplo, uma vez, mais recente, eu fui a uma galeria me interessei por um quadro e enfim, fiz as perguntas habituais de quem está interessada em comprar um quadro. E resumindo a história, o galerista não entendia o que eu estava falando. Era uma questão de um embaraço cognitivo. Ele não conseguia entender por que talvez fosse tão inusitado que uma pessoa negra, anônima, interessada em comprar um quadro, é alguma coisa que ele não conseguia entender. Ultrapassava as possibilidades cognitivas dele. Quer dizer, eis o absurdo da situação do racismo. (SOUZA, 2008).

Sem dúvida ela continuou vivendo episódios como este que ela menciona, urante as entrevistas me contaram mais alguns. Disseram-nos que Neusa fazia questão de andar sempre muito bem vestida com vestidos e roupas africanas. O que é muito comum nos espaços negros, o extremo cuidado com a aparência, pois a qualquer “descuido” somos tratados como sub-humanos, como empregadas domésticas, ou pessoas perigosas. Segue alguns trechos onde essa confrontação de Neusa Santos Souza com o racismo era percebida por seus amigos:

Paulo Vidal: Porque Ela enfrentou coisas muito difíceis. Isso você notava, quem era amigo dela, umas coisas assim... Você para em um lugar, por exemplo, marcar de encontrar com os amigos num barzinho. Chegava lá e perguntavam vem cá, você veio aqui para quê? Era assim, né, constante. (VIDAL, 2018).

Ana Beatriz Freire: Mas a gente tinha essas discussões e ela ficava muito inflamada, ela não gostava não. Ela ficava inflamada, era a hora que ficava inflamada e de fato dava exemplos de racismo. Eu mesmo senti uma vez eu tava com ela na praia lá em Angra. Que ela era muito elegante e na praia não dava para ver, tava de maiô. E quando ela se afastou a pessoa que tava convivendo comigo falou: "Nossa, a sua babá é tão interessante!". Eu fiquei tão chocada! (...) E eu falei não, ela é minha comadre. (FREIRE, 2018).

Maria Isabel Lins: O que eu me lembro bem de um fato que ela contou. Telefonaram para ela pedindo uma hora. Ah doutora Neusa, gostaria de marcar uma hora. Ela marcou tal dia, tal hora, tal endereço. Quando a pessoa chegou, ela abriu a porta. A pessoa disse: mas eu queria falar com a doutora Neusa. Ela disse, mas a doutora Neusa sou eu. Quer dizer, nitidamente, a pessoa achou que era empregada né, por que era negra. Não podia ser a doutora Neusa. Então às vezes assim, pequenas coisas, mas ela não se, eu acho que ela evitava um pouco falar dessa questão do racismo. É óbvio que ela sentia isso na pele, né? Mas, pelo menos nas nossas conversas ela não se referia muito não. (LINS, 2018).

O fato é que para além dos casos mais explícitos, a questão racial continuou muito presente para Neusa Santos Souza, seja pela via das homenagens e esperanças frustradas dos movimentos negros de que ela retomasse esse trabalho, seja pela via do apagamento e do desprezo de parte dos meios psis sobre esse mesmo trabalho. Essa ambiguidade até hoje está presente e sinto que é dentro desta grade em que se debate o legado de Neusa Santos Souza. Há uma disputa pela sua memória: de um lado uma tentativa de se ressaltar a Neusa Santos Souza psicanalista, uma ótima clínica das psicoses e uma excelente transmissora da psicanálise, e de outro os movimentos negros que ainda hoje a citam e trabalham com seu

texto *Tornar-se Negro*. Tentarei aqui traçar um quadro mais amplo, já que encontrei com estes dois aspectos no desenrolar da pesquisa e penso que Neusa merece uma reflexão mais aprofundada, embora não busque qualquer traço de neutralidade ou totalização. Dessa forma, seguimos o desenrolar de sua trajetória, o trabalho com a psicose e os Seminários na Casa Verde.

3.5 A Psicose: um estudo lacaniano, clínica de Neusa Santos Souza e seus Seminários na Casa Verde

Muito se diz sobre a importância do trabalho de Neusa Santos Souza no campo das relações étnico-raciais, por certamente ter se constituído como uma grande referência e ter aberto muitos caminhos com o *Tornar-se Negro* para pensarmos os efeitos do racismo na constituição subjetiva das pessoas negras no Brasil. Ao lado de Virgínia Leone Bicudo, Neusa Santos Souza figura como uma das referências negras lembradas pela militância e insurgência nos espaços acadêmicos que teimam em invisibilizá-las. Ela não só transpôs barreiras étnico-raciais e de classe ascendendo socialmente e se inserindo em círculos da elite intelectual hegemonicamente brancos de Salvador e do Rio de Janeiro, a saber, a psiquiatria e a psicanálise, como constituiu um trabalho e um reconhecimento muito grande nos meios psis com o seu trabalho clínico.

De acordo com Paulo Vidal (2018), Neusa Santos Souza foi uma das primeiras pessoas a constituir intervenções em uma perspectiva não deficitária da Psicose, pois na época do lançamento de *A Psicose: Um estudo lacaniano* (1991) parecia haver uma visão pejorativa, como se a experiência da psicose estivesse fadada a um regime da falta, de déficit. Neusa estava convicta e fazia questão de marcar que os sujeitos psicóticos conseguiam inventar, criar, que os delírios não eram coisas simples e apenas manifestações desse déficit com relação aos neuróticos:

William Pereira Penna: E sobre o trabalho dela com a psicose, até o livro que você prefaciou né? Pude conversar com o Paulo e o Paulo disse que foi um trabalho muito importante também né. Que no momento, porque ele combatia de certa forma uma visão deficitária da psicose.

Francisco Leonel Fernandes: Sempre. Sempre. Por isso que eu situo sempre a questão no plano ético. Ela combatia essa objetivação do psicótico como deficitário, como coitadinho, como vítima. De ser definido pela incapacidade. Na mesma direção e ela reconhecia que eram pessoas que ainda sim tinham que ter certo cuidado específico. Que só a psicanálise poderia dar. Não que outras pessoas não pudessem dar também. Mas de uma maneira definitiva, bem substancial era a psicanálise lacaniana. Embora ela lesse outros autores como Winnicott. (FERNANDES, 2018).

Francisco Leonel Fernandes prefaciou o livro e vê nesse trabalho de Neusa uma radicalização com relação à questão do racismo em sua obra. Enquanto, para ele, o racismo seria uma exclusão do ponto de vista da cultura a psicose seria a exclusão de uma ordem mais radical ainda:

Francisco Leonel Fernandes: (...) E a psicose diz respeito a uma exclusão radical. Em qualquer cultura é uma estrutura expelida do laço social. Ela questionava muito isso, pensava muito. Que laço social a gente pode existir na psicose? Que laço é esse, o quê que a gente pode construir com ele? Então o psicótico para ela era mais, era uma radicalização da questão, mais... não é uma atenuação, não é uma superação fazendo o jogo com o racismo, a questão do negro. Era mais radical. Colocava a questão. Era mais radical, a questão da exclusão, da segregação era mais e dessa exigência da gente encontrar um caminho que não seja isso que você tá falando, pelo negativo, vitimizando, objetivando, é deficitário... É essas coisas todas. Ela queria que fosse... Nesse sentido ela foi mais Deleuzeana que Lacaniana, num certo aspecto.

William Pereira Penna: Como assim?

Francisco Leonel Fernandes: No sentido do que se tratava era mais assim, encontrar uma afirmação. Embora o Lacan tenha isso também, mas... Essa noção de forclusão é uma noção que pode ser difícil de evitar um entendimento negativo, normativo. Ela discutia isso (...). Mas enfim, ela ficou transitando nessas referências e a perspectiva dela era essa. (FERNANDES, 2018).

Sobre essa afirmação da psicose não como um déficit, Maria Isabel Lins corrobora. E vai mais além: o trabalho dela é tão importante que não daria para falar, se tratando de psicanálise, sobre a questão da psicose sem falar de Neusa Santos Souza:

William Pereira Penna: Maria Isabel você tem mais alguma coisa que você acha que é importante marcar, dizer, a respeito da Neusa, da trajetória, do pensamento, das coisas que ela produziu...

Maria Isabel Lins: Olha, eu acho que assim... É eu acho que eu considero que o houve assim de mais importante no pensamento de Neusa, né, sobretudo no que tange a psicose, foi não somente saber transmitir o que é que Lacan, o que é que Freud entendiam da psicose, falavam da psicose, o que era de fato a psicose, que estrutura é essa né? Assim como essa marca que de o psicótico não é um deficiente subjetivo, ele é um sujeito que tem uma incidência, que tem uma relação com a linguagem diferente do neurótico, né? Isso é muito importante, quer dizer, o que eu tava dizendo de início: como ela conseguiu transmitir para a sociedade psicanalítica lato sensu, como ela conseguiu transmitir tudo isso, tudo que diz respeito à psicose, né? Correspondendo ou em consonância com essa máxima Lacaniana de não ceder sobre a psicose, isso ela enfrentou, ela se dedicou, ela estudou e ela sem dúvida deixou uma marca muito grande para quem entre nós analistas continua a se dedicar a psicose, né? Não dá pra você se referir, a nenhum estudo psicanalítico sobre a psicose, sem falar de Neusa. (LINS, 2018).

Nesse sentido, Maria Tavares adiciona alguns aspectos da transmissão e da perspectiva de Neusa Santos Souza sobre a psicose. Não só ela não significaria um déficit, com relação à neurose, bem como as pessoas neuróticas teriam muito que aprender com a psicose:

Maria Tavares: Embora ela fosse veementemente Lacaniana e os estudos dela de Lacan e tudo, é, que fala das questões da estrutura né, psicótico, neurótico e perverso, então ela era uma pessoa que tinha muito essa ideia de que o psicótico não era um ser tão diferente assim. Que na verdade nós também tínhamos muitas questões próximas da psicose. Se você olhar uma pessoa de perto, todo mundo pode ta sujeito, de repente ter um rompimento, uma ruptura. Essa é uma característica muito forte da Neusa. O psicótico não era esse ET, esse ser completamente diferente de nós, neuróticos. E a gente podia aprender muita coisa com o psicótico. O psicótico tinha muito para ensinar. E que o psicótico não era menos. Isso era uma coisa muito forte nela. O psicótico não era menos, ele não era um deficitário, ele não tinha um déficit. Pelo contrário, ele tinha coisas extremamente ricas e muito a nos dizer a nós neuróticos, então talvez a gente pudesse aprender muito com eles. Certamente a gente podia aprender muito com eles. E ela com a clínica dela de psicanálise, ela tinha pacientes psicóticos. (...) Mas se eu tivesse que destacar, uma questão é isso: quer dizer, psicótico, ele tem muito a nos dizer e não tem nenhum déficit, a psicose não é um a menos.

William Pereira Penna: E tem uma proximidade com...

Maria Tavares: Uma proximidade com o Neurótico embora ela como boa Lacaniana que era, tinha questões de estrutura, quer dizer, não é psicótico quem quer só quem pode. Isso ela com certeza tinham essa orientação. Um neurótico não vai virar psicótico. Não. Mas que a psicose ilumina a nós neuróticos, nos ensina. (TAVARES, 2018).

É justamente no hospital da Casa Verde, situado em Botafogo, no Rio de Janeiro, local onde Neusa Santos Souza vai desenvolver sua atividade de transmissão de psicanálise coordenando seminários regulares durante os últimos 10 anos de sua vida. A Casa Verde – Núcleo de Assistência em Saúde Mental funciona até os dias atuais e como consta em seu site³¹:

A Casa Verde – Núcleo de Assistência em Saúde Mental iniciou suas atividades em 1994. Ao longo desses anos, construímos uma instituição que oferece uma série de dispositivos de tratamento no campo da saúde mental, tratamento este que é caracterizado pelos cuidados singulares no contexto de cada sujeito. Assim, apesar dos diversos dispositivos oferecidos possuírem uma área de atuação específica, eles formam uma rede de cuidados mais ampla.

Essa rede, atualmente, é composta pelos serviços de **Espaço Diário de Assistência, Assistência à Dependência Química, Atendimentos e Consultas, Acompanhamento Terapêutico e Lazer Assistido.**

Além da assistência propriamente dita, também trabalhamos na área de **Ensino e Pesquisa**. Oferecemos estágio supervisionado nas áreas de Psicologia, Serviço Social e Medicina (Psiquiatria), além de cursos, supervisões e consultorias. Acesse nossos cursos e artigos.

A clínica da saúde mental atende a sujeitos singulares, com problemáticas distintas, que solicitam tratamentos diferenciados. É com isso em mente que oferecemos essa rede de cuidados àqueles que nos procuram (grifos nossos).

Foi neste espaço que Neusa Santos Souza fez sua rede e sua articulação institucional a partir da década de 1990. Desde o início, durante a fundação do Núcleo, os sócios e a equipe contaram com seu apoio teórico e afetivo. O que nos leva a pensar que já nessa época ela tinha se consolidado como psicanalista reconhecida no Rio de Janeiro. Como a própria Neusa

³¹ Disponível em: <http://www.nucleocasaverde.com.br/>. Acesso em setembro de 2018.

Santos Souza afirmou, lá era um local que atendia principalmente pacientes graves. Vidal (2018) nos disse que se procurava produzir um espaço inspirado na experiência de La Borde na França e produzir práticas insurgentes no campo da saúde mental. Maria Tavares foi uma das fundadoras da Casa Verde e nos conta mais sobre o seu surgimento e a participação de Neusa Santos Souza nesse contexto:

Maria Tavares: E aí a gente... Eu fui fazer um estágio na clínica de La Borde na França no final de 88, início de 89. E aí conhecemos a clínica de La Borde, que tinha uma visão que aí já era também a época da reforma psiquiátrica. Do fim dos manicômios, tudo isso. (...) quando a gente voltou, eu e o grupo de residentes da época, já não éramos residentes, mas tínhamos alguns colegas residentes, Otávio Serpa, Júlio Vertzman, Ricardo Vaz... (...) e outros, pensamos que a gente podia tentar criar aqui no Brasil, aqui no Rio, um espaço para pacientes psicóticos graves, que a gente na verdade inicialmente pensou até que seria um lugar de internação mesmo. Depois por uma série de questões, internação era hospital, precisava de um monte de coisa que a gente não teve condição, a gente acabou optando por fazer um hospital dia que foi a Casa Verde. Com o objetivo realmente de cuidar de pessoas com quadro psicótico grave e a Neusa ela entra aí. Porque a Neusa já era uma pessoa que tinha essa... esse viés, essa veia. Ela gostava de estudar a questão da Psicose, ela tem um livro né, sobre a psicose, um estudo lacaniano. É, e aí nós fomos fazer grupo de estudo com ela. Já não sei se foi logo depois da residência, se foi antes, a gente faz um grupo de estudo com ela. Eu já não lembro mais se era semanal, semanal não era não, não sei se era mensal, se quinzenal. Era um grupo de estudo justamente para estudar as questões de referência da psicose. (TAVARES, 2018).

E é desse grupo de estudo que os seminários vão surgir:

Maria Tavares: A partir desse grupo de estudo, a Neusa começou então a fazer o seminário na Casa Verde. (...) eu acho que foram mais de 10 anos de seminário. Era na sexta feira de manhã, eu também não tenho certeza se era uma vez por mês ou se era de 15 em 15 dias (...) e basicamente o tema do seminário era psicose. Então estudando os textos de Freud sobre psicose, seminários do Lacan sobre psicose, a Neusa tinha essa característica de ser uma pessoa muito estudiosa, ela estudava muito. Gostava muito de literatura também. Ela tinha um fichário que ela escrevia as frases que ela achava interessante, ela ia colocando nesse fichário. (TAVARES, 2018).

Maria Isabel Lins, Lucia Mariano e muitas outras pessoas participavam desse seminário. De acordo com Lucia Mariano (2019), Neusa Santos Souza sempre trazia alguma conexão com a arte, a literatura e o teatro principalmente, para pensar os seminários. Um aspecto muito marcante deles era a conexão sempre fortalecida com a clínica. Além disso, Lúcia Mariano nos disse que eles eram produzidos a portas abertas na Casa Verde, sendo que os pacientes do Hospital Dia entravam, participavam e também tomavam a palavra durante os encontros. Maria Isabel Lins tem alguns relatos de como Neusa Santos Souza conduzia essa atividade:

Maria Isabel Lins: Eram uns seminários bem interessantes, né. Ela não somente desenvolvia bem a teoria sobre a psicose, como levava vários fragmentos, vários casos clínicos, era uma audiência bastante grande, discutíamos bastante e cada vez mais fomos os nossos laços foram se estreitando e assim continuamos até infelizmente a morte dela. (LINS, 2018).

Maria Isabel Lins: Olhe, ela levava sempre fragmentos clínicos, outras pessoas levavam, havia uma valorização muito grande da produção inclusive psicótica. Não é? Quer dizer, o delírio, que é uma enfim, que é uma criação bem elaborada, né? É não é enfim uma coisa assim completamente como se diz, uma coisa doida. É uma coisa que tem uma lógica. Assim como a fantasia para a neurose, o delírio tem uma lógica que ela valorizava, ela valorizava muito. Essa diferença com relação ao tempo, que é. Essa diferença que o neurótico e o psicótico fazem do tempo, que é outro. Numa ou outra estrutura, é... Ela enfim, ela insistia muito, quer dizer. É diferente, mas não é um melhor do que o outro, não é um menos que o outro. Não existe essa coisa do déficit de fato. Isso era incalçavelmente, ela fazia questão de trazer isso para os estudantes. (LINS, 2018).

Além destes relatos, a própria Neusa Santos Souza (1999), em seu artigo *O sujeito suposto saber: uma objeção à transferência na psicose?*, comenta o caso de Marcos, um paciente que propôs uma nova oficina, o que lhe permite então traçar algumas considerações sobre o seu trabalho:

A seu modo, quase sempre de viés, o sujeito pede ao analista que o ajude a integrar em seu discurso, em seu sistema de significação, essa coisa estranha que surgiu no real. Essa coisa que é do sujeito, mas da qual ele jamais se apossou, essa coisa está bem aí, em sua frente e enfrentando-o, falando sem parar, obrigando-o a pensar, acoçando aquele que, aturdido e tomado pela urgência de fazer alguma coisa com isso, pede socorro ao analista. Esse é o cotidiano do trabalho com pacientes psicóticos, em qualquer lugar onde haja analista. Foi assim que surgiu a Oficina de Vozes da Casa Verde, um hospital-dia para pacientes graves – psicóticos ou não – estruturado em torno de oficinas em equipe terapêutica e os pacientes inventam os dias em seu curso e suas vicissitudes.

Havia muitas e variadas oficinas na Casa Verde, mas para Marcos faltava uma: uma Oficina de Vozes. Não, não se tratava de organizar um coral, mas sim de criar um espaço e um tempo reservados em que se pudesse falar do estranho – um estranho que se ouve, que se impõe como voz, “as vozes” – para se fazer alguma coisa com isso. E o que fazer com isso, em suas mais diversas possibilidades, concerne ao campo da significação, campo onde se encontra todo sujeito – neurótico ou psicótico – que se dirige ao analista. (SOUZA, 1999, p. 114).

A oficina de ouvidores de vozes tomou corpo e foi levada também para o IPUB-UFRJ, onde um grupo de ouvidores se estabilizou e acontece até os dias de hoje: “(...) o Otávio começou com ela o grupo de vozes, esse de ouvidores de vozes começou com a Neusa. Eles faziam um grupo lá na Casa Verde, com as pessoas que ouviam vozes, né.” (MARIA TAVARES, 2018). Além disso, Neusa Santos Souza participava de almoços promovidos pela Casa Verde, que eram:

(...) periodicamente almoços temáticos com seus pacientes, acompanhados de amigos e parentes. Num mês era almoço mexicano, noutro indiano, africano ou

italiano. E na partilha de momentos em torno da fome, e também fome de afeto, de paladar e de cultura, os pacientes e pessoas queridas guardavam momentos felizes.

Nessa homenagem Alfredo Herkenhoff afirma que era Neusa quem organizava os almoços temáticos, mas em entrevista com Maria Tavares fiquei sabendo que em verdade ela poderia estar junto dessa organização, mas não era uma iniciativa sua.

Até o fim de sua vida, Neusa deu este seminário em que alguns psicanalistas já formados ou em formação estavam presentes junto a estagiários da Casa Verde e outras pessoas interessadas. Essa atividade durou ininterruptamente, até os últimos anos, quando por uma depressão grave Neusa Santos Souza chegou a interromper os seminários por um semestre, o que até então nunca tinha acontecido (TAVARES, 2018). As condições da piora de sua saúde mental, através de algumas depressões que ao fim a levaram a tirar a sua própria vida e o impacto que isso causou nas pessoas que ficaram, tangenciaram praticamente todos os encontros que tive para produzir essa pesquisa. Optei por não adentrar muito nessa temática por considerar ela arriscada e pouco produtiva para minha pesquisa e para a própria memória de Neusa Santos Souza. Não intenciono produzir uma tentativa de explicação para sua morte prematura. Quero falar de sua vida, de suas produções, do que ela pôde fazer em sua existência. Buscar, assim como ela fez em toda sua produção intelectual, a afirmação da vida.

3.6 Outros trabalhos, artigos e livros de Neusa Santos Souza

Pela alta produtividade de seu trabalho, aliada ao caráter autônomo de sua produção e articulação aos mais variados grupos em toda sua vida, é bastante possível que Neusa Santos Souza tenha produzido muitas outras atuações marcantes e importantes que seriam dignas de serem mencionadas nessa pesquisa. Porém, pela condição da escassez de fontes e registros acerca de sua vida e obra temo que muito do que ela fez possa ter se perdido. No entanto, a partir de mais pesquisas acredito que este esquecimento pode ser parcialmente combatido. Com o que pude inventariar nas sociedades de psicanálise do Rio de Janeiro, nas bibliotecas públicas das universidades e em bases de dados disponíveis na internet, pode-se notar que a partir dos anos de 1990, Neusa Santos Souza produz uma série de livros, artigos e capítulos de livros, sempre aliada a uma visão lacaniana das psicoses e da teoria e prática psicanalítica de uma forma geral:

Os livros *A ciência e a verdade - Um comentário* (1996), escrito em conjunto com Ana Beatriz Freire e Francisco Leonel Fernandes, e *O objeto da angústia* (2005), que Neusa

Santos Souza organizou com Maria Silvia G. F. Hanna. Falaremos um pouco sobre eles a seguir.

Neusa Santos Souza publicou alguns artigos: o primeiro nasceu de um grupo de trabalho sobre as psicoses com Francisco Leonel Fernandes, Nestor Lima Vaz e Sérgio Rezende: *A Forclusão, um Caso de Grandeza Negativa* (1994), publicado na sessão Clinicando do Boletim de Novidades; o *Sexualidade e Morte na Psicose* (1995) também publicado no Boletim de Novidades; o escrito em conjunto com Ana Beatriz Freire e Francisco Leonel Fernandes e publicado no SPCRJ, *Lendo “A ciência e a verdade”* (1998); *O sujeito suposto saber: Uma objeção à transferência na psicose?* (1999), publicado na revista Ágora do programa de pós-graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da UFRJ; *O Eu e o Sujeito: Ressentimento, culpa e responsabilidade* (2002), publicado no Caderno de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro;

Alguns capítulos de livros: *A Palavra na Psicose* (1991), presente no livro “Psicanálise, Ofício Impossível?” Organizado por Joel Birman e Marcelo Marques Damião; *O estrangeiro: nossa condição* (1998), presente no livro “O estrangeiro” organizado por Caterina Koltai e finalmente, *A clínica analítica com pacientes psicóticos é possível?* (2001), presente no livro “Psicanálise e Psiquiatria: controvérsias e convergências”, organizado por Antônio Quinet.

Além disso, temos uma conferência dela pronunciada na Letra Freudiana em *Transferência e Direção de Cura na Psicose* (1994), publicada na sessão Clinicando do Boletim de Novidades; uma entrevista intitulada *Só e Bem Acompanhada* (1990), publicada na revista Cadernos de Psicanálise; o artigo de periódico *A questão do dinheiro na psicanálise* (1989), publicado na Agenda de Psicanálise e disponível na biblioteca da SBPRJ e, por fim, o artigo de periódico *Teoria e clínica da psicose* (1997), publicado na revista Latusa.

3.6.1 A ciência e a verdade: um comentário

A ciência e a verdade: um comentário (1996) é um livro escrito a seis mãos. No momento de sua escrita, Neusa Santos Souza construiu um grupo de estudo em conjunto com Francisco Leonel Fernandes e Ana Beatriz Freire, que resultou na escrita desse livro. Neusa já estava completamente imersa no trabalho autônomo da sua clínica e no estudo das psicoses, gozando de grande prestígio de seus pares psicanalistas. Ana Beatriz Freire nos conta um pouco de como esse grupo surgiu e de como se tornou livro:

Ana Beatriz Freire: (...) nessa ocasião que eu voltei de Paris, do doutorado, foi quando a gente propôs de fazer esse grupo de estudo uma espécie de Cartel, eu o Francisco e ela. Eu estava muito afiada por que tinha feito a tese de doutorado sobre a relação da psicanálise com a ciência e a gente estudou a ciência e a verdade, que é um texto do Lacan, e aí o Francisco também era muito lógico, conhecia muito a matemática, ela era muito clínica... foi muito frutífero, tanto que deu origem àquele livro. Eu tinha publicado, o Carlos Eduardo Leal propôs publicar minha tese de doutorado, que se chamou por que os planetas não falam, que é uma frase do Lacan. Que é a minha tese de doutorado e ele tava ávido, ele na época coordenava a parte, o setor de psicanálise e estava ávido por outros livros e aí a gente resolveu escrever os três. Cada um, eu peguei uma parte sobre Descartes, que eu tinha estudado muito para minha tese de doutorado, a *Weltanschauung* que eu comparei com a ciência e a verdade e sobre a causalidade, que foram três temas que eu trabalhei mais na minha tese de doutorado. Ela por sua vez fez a parte mais clínica e o Francisco a parte mais lógica. Eu sempre achei ela muito clínica, sempre achei ela muito sensível para a psicose, aprendi muito com ela. Ela era uma pessoa que centrava muita coisa e era muito admirada. (FREIRE, 2018).

Francisco Leonel Fernandes também conta sobre o processo de produção do livro que durou alguns anos e, que na época, foi feito a partir do estudo da obra de Lacan ao mesmo tempo em que eles a traduziram:

Francisco Leonel Fernandes: Esse livro foi escrito por, era um grupo, um grupo de trabalho, era ela, Ana Beatriz Freire e eu. Ficamos anos traduzindo e trabalhando esse texto, um texto *Ciência e Verdade* do Lacan.

William Pereira Penna: Esse texto gerou o livro e também outras publicações né?

Francisco Leonel Fernandes: Mil e um. Muitas outras. Eu não tirei muito rendimento daquilo não. (...) mas ela produziu bastante, muito. Foi um trabalho bacana, a gente pegou todas as referências. Você conhece o livro? Já deu uma olhada?

William Pereira Penna: Sim.

Francisco Leonel Fernandes: É datado né. Naquela época, o que a gente fez ali era difícil fazer. A gente pegou todas as referências do Lacan, estudou todas as referências, discutiu todas as referências. Traduziu... Foi uma tradução feita em trabalho. Não foi uma tradução já pronta, foi traduzindo no curso do trabalho. Foi um trabalho de anos. Ficamos anos discutindo Lacan. (FERNANDES, 2018).

A parte mais clínica que Ana Beatriz Freire se referiu como a participação de Neusa Santos Souza no livro é bastante interessante, pois ela articula Lacan com Heidegger, Espinosa e Santo Agostinho, de forma que diz também uma aproximação de Neusa com esses autores e de uma imersão no estudo da filosofia, que ela fazia a partir do próprio estudo, mas também da participação de cursos de Roberto Machado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ.

3.6.2 A elaboração de O Objeto da Angústia

A história de construção desse trabalho é diferente da anterior, pois nesse Neusa não só participa escrevendo uma parte do livro como fica também como organizadora deste em

conjunto com a também psicanalista Maria Silvia Hanna. Quem conta sobre esse processo mais detalhadamente é Lúcia Mariano (2019), que também escreveu um capítulo no livro e foi supervisionada por Neusa Santos Souza durante um tempo de sua atividade clínica. Além disso, Lúcia acompanhou durante muitos anos os seminários dela na Casa Verde.

Segundo ela, o livro nasceu do convite que Maria Silvia Hanna fez à Neusa Santos Souza para que coordenassem o processo de escrita do livro. Naquele momento, havia acabado de ocorrer o lançamento em Paris do Seminário 10 de Lacan sobre a Angústia. E sabia-se que em breve ele seria lançado aqui no Brasil. De alguma forma, alguns grupos de estudo de pessoas próximas à Neusa Santos Souza, Maria Silvia Hanna e Lúcia Mariano estavam discutindo a temática da angústia, mesmo que lateralmente. Ocorreu à Maria Silvia Hanna então de fazer um grupo de pessoas que elas conheciam para lançar um livro sobre esse seminário.

A partir de então, fizeram durante um ano reuniões mensais – no fim do processo chegaram a ser quinzenais – para debater e trabalhar os textos de cada um. Neusa Santos Souza foi a primeira a levar o seu texto. Segundo Lucia Mariano, ao fim todas as pessoas apresentavam seus textos, todos faziam pontuações, que eram retrabalhadas, até que se chegasse a esse resultado final. O lançamento dele ocorreu no bar Belmonte, no bairro do Humaitá.

3.6.3 Grupos de estudo e outros trabalhos

Como disse anteriormente, é bastante provável que tenham ocorrido muitas outras atuações de Neusa Santos Souza que não chegaram ao conhecimento e registro público e à minha busca ao longo dessa pesquisa. Porém, ainda assim acho importante trazer algumas outras menções que ocorreram ao longo das entrevistas que realizei.

A primeira é de um grupo de estudo que ela fez com Maria Isabel Lins, Romildo Rego Barros do Rosário e Carlos Augusto César. Além disso, uma pista também de um momento específico em que a própria Maria Isabel Lins foi sua supervisora de alguns casos:

Maria Isabel Lins: Depois tivemos alguns grupos, não posso nem dizer que eram cartéis, alguns grupos de estudos ao qual ela fez parte, formado por ela, Romildo Rego Barros do Rosário, Carlos Augusto César e eu, que estudamos um tempo juntos.

William Pereira Penna: Aham. E nessa época vocês estudavam o quê?

Maria Isabel Lins: Nós estudávamos Lacan. Os seminários do Lacan. Isso nos idos de 90, os anos 90 por aí. E continuamos enfim, sempre falando da psicanálise, enfim, sempre falando. E numa certa época ela me pediu para vir conversar sobre os

casos clínicos, me pediu para ser como uma supervisora, né? Para ela. Por que na época eu tinha de fato mais experiência, já tinha mais anos de atendimento do que ela. (LINS, 2018).

Além dessa atuação, outra que foi mencionada foi a de Neusa Santos Souza participar da Oficina de Psicanálise da UFF e influenciar um grupo de psicanalistas ligados a essa instituição.

Francisco Leonel Fernandes: A Neusa frequentou muito aqui.

William Pereira Penna: Aqui na UFF?

Francisco Leonel Fernandes: Tínhamos aqui um dispositivo chamado Oficina de Psicanálise. Que ela participou bastante desse dispositivo. Vinha sempre, trazia suas contribuições.

William Pereira Penna: E como era esse dispositivo?

Francisco Leonel Fernandes: Era assim: uma vez por semana, ou por mês, não me lembro bem. A gente apresentava uma discussão. Um caso, um artigo, um texto, e a gente discutia. Era aberto. Tinha aluno, tinha. Foi importante aqui para UFF, para o grupo aqui.

William Pereira Penna: Que grupo?

Francisco Leonel Fernandes: O grupo dos analistas aqui na época. Paulo, Letícia, Ângela Bernardes, todo mundo. Todos os psicanalistas que estavam aqui. (FERNANDES, 2018).

O que nos remonta ao esquecimento das atuações da própria Neusa Santos Souza, já discutido no primeiro capítulo, principalmente da minha surpresa de ao estar no mesmo espaço onde agora fico sabendo que ela também circulou e influenciou algumas pessoas que até hoje estão presentes nesse mesmo ambiente.

4 CAPÍTULO III: PSICOLOGIA, RACISMO E O LEGADO DE NEUSA SANTOS SOUZA

“Vocês fizeram um quilombo!”

(Amauri Mendes Pereira, sobre o referido encontro.)

4.1 Os encontros do Encontro

Durante o processo de construção da dissertação me aproximei e comecei a fazer parte do Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-indígena-brasileira, o *Kitembo*. Além de frequentar o grupo, participar da construção de atividades e eventos, fui me aproximando do professor Abrahão de Oliveira Santos e do grupo de orientação da pós-graduação, o que acabou culminando na co-orientação dele e do grupo deste trabalho. Como tive a oportunidade de dizer no primeiro capítulo, a proposta do *Kitembo* vai além de construir atividades estritamente acadêmicas (o que não quer dizer que elas não sejam importantes). O laboratório aposta em construir uma relação mais igualitária com os saberes africanos e indígenas, e com os mais diversos movimentos sociais e atividades culturais ligadas a estes saberes. Além disso, pude salientar que *Kitembo* é um nkisse do candomblé angola e para essa tradição, ele é o próprio tempo, o vento que movimenta a bandeira branca presente nos terreiros desta nação do candomblé e que indica bons caminhos para o povo negro.

Em um encontro desse grupo de orientação, em agosto de 2018, me indicaram que conversasse com Maria da Conceição Nascimento e Luciene Lacerda, psicólogas negras e militantes nas pautas da questão racial na psicologia há algum tempo. A indicação era para que eu pudesse dialogar com elas sobre algumas pistas para a continuidade da pesquisa sobre a trajetória de Neusa Santos Souza. Esperançoso para obter mais informações sobre a vida e a obra dela, logo segui esta pista e na semana seguinte à orientação marquei um encontro com Maria da Conceição Nascimento, que atualmente cursa o doutorado no PPGP da UFF e também faz parte do *Kitembo*. Encontramos-nos no prédio da Psicologia da UFF, e logo ela comentou de sua surpresa ao receber a minha mensagem, pois depois de um encontro com a sua orientadora, Cristina Rauter, havia acabado de pensar na realização de um evento sobre Neusa Santos Souza, marcando os 10 anos de seu falecimento e os 35 anos do lançamento de seu livro *Tornar-se Negro*. Que confluência maravilhosa! A partir daquele momento, comecei a construir uma parceria com ela que se tornou fundamental para a construção do evento e desta dissertação.

Elaboramos rapidamente algumas ideias sobre como poderíamos fazer essa homenagem para Neusa Santos Souza, e a partir de então começamos a nos encontrar quase que semanalmente no consultório de Maria da Conceição Nascimento no centro de Niterói – RJ. Aos poucos, a ideia foi ganhando mais corpo e contorno com a participação de mais psicólogas negras na organização, como Tainara Cardoso, Carina Cruz e, posteriormente, Alline Pereira. A equipe e a proposta foram crescendo, e nesse aquilombamento, íamos passando ótimos momentos juntos, animados com o trabalho que estávamos construindo. A proposta foi prontamente acolhida e fortalecida pela Coordenação do PPGP, na figura de Luiza Oliveira, que também se tornou uma organizadora, em conjunto com o Coordenador do *Kitembo*, Abrahão de Oliveira Santos. Sem que tivéssemos previsto antes, a ideia do encontro foi ganhando cada vez mais força e adeptos, angariando o apoio do *Laboratório Pesquisar-Com*, ligado à UFF e coordenado por Márcia Moraes, bem como de entidades e organizações como a *África em Nós*, a Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(os) de Relações Raciais e Subjetividades (a ANPSINEP), o Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP-RJ) e o *Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana* (PPFH) da UERJ.

O meu co-orientador, Abrahão de Oliveira Santos, apoiou a iniciativa e indicou que ela poderia também constar como uma parte da minha dissertação, como uma forma de registrar e refletir sobre a construção do evento e tudo que ele disparasse para pensar na pesquisa. A indicação foi aceita pela equipe organizadora e depois de muitos encontros e de muito trabalho, conseguimos fechar uma proposta para o Encontro, convidar os palestrantes e divulgá-la. Divulgação que também nos surpreendeu pela rápida resposta e pelo volume de pessoas que se interessaram, o que sinaliza a importância e o grande interesse por mais informações de nossa homenagem. Fechamos uma programação de um dia inteiro de atividades, e, no dia 07 de Dezembro de 2018 realizamos o encontro como o planejado e divulgado. A divulgação final do encontro ficou assim:

Imagem 3 – Divulgação do evento *Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza*



Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza

Data: 07 de Dezembro de 2018
Local: Auditório do Bloco P - ICHF - UFF - Campus do Gragoatá.

PROGRAMAÇÃO

08h - Credenciamento

09h - MESA DE ABERTURA

10h - MESA-REDONDA:
 35 Anos do livro "Tornar-se negro": Psicologia, Saúde Mental e Racismo.
 • Jurandir Freire Costa - Psicanalista, professor titular do IMS (UERJ)
 • Regina Marques - Psicanalista, professora da UFRB
 • Abrahão de Oliveira Santos - Coordenador do Laboratório Kitembo e professor da UFF

14h - MESA-REDONDA:
 É preciso saber de onde se veio para saber para onde se vai: Neusa Santos Souza e memórias insurgentes dos movimentos negros.
 • Amauri Pereira Mendes - Professor da UFRRJ
 • Janete Santos Ribeiro, Professora de História na EJA/ISERJ, Ativista antirracista desde os anos 80 do século XX.
 • Iolanda de Oliveira - Professora da FEUFF

16h - RODA DE CONVERSA:
 A trajetória e o pensamento de Neusa Santos Souza.
 • Celso de Moraes Vergne - SES/RJ e convidados.

18h - Lançamento dos livros das professoras Lia Vainer Schucman e Regina Marques de Souza Oliveira

18h:30h - Encerramento

CONTATO
 fb.com/memoriasneusasantos
 memoriasneusasantos@gmail.com

Realização
 KITEMBO Laboratório de Estudos de Saúde Mental e Cultura Afro-brasileira
 Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF
 (Design por @paulojama)

Apoio
 Artimização Nacional de Pesquisadoras Negras (anp) / Pesquisadoras (anp)
 AFRICA EM
 CRP-RJ
 CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO DE JANEIRO
 Laboratório PesquisasCom

Acessibilidade
 ppfh
 Acessível em Libras
 Língua Brasileira de Sinais

Fonte: Elaborado pelos organizadores do evento.

Foi um grande momento para a minha pesquisa, mas principalmente para o fortalecimento e a construção de uma memória coletiva de Neusa Santos Souza. O encontro foi muito potente, contando com discussões riquíssimas e com mais de 100 pessoas presentes ao longo de todo o dia. Para mim, ele funcionou como um jeito de ampliar a conversa e a discussão sobre a vida e a obra de Neusa Santos Souza, fazendo com que a minha pesquisa não ficasse restrita ao âmbito dos dois grupos de orientação que participo e aos meus círculos de amizade. Além disso, ele fortaleceu em muito para mim a discussão e o sentido de resolutividade que a pesquisa deveria ter, construindo em conjunto com a equipe organizadora, os apoiadores do evento, os palestrantes, os convidados e todos os participantes,

um quilombo. Continuamos assim, sem maiores pretensões ou esforços conscientes, a luta quilombista dos nossos ancestrais. Luta essa que, como discutido no primeiro capítulo desta dissertação, se relaciona diretamente à perspectiva do povo banto, um dos maiores povos que foram sequestrados e trazidos para o Brasil. Passemos então para a discussão mais direta do que foi esse evento e o que se produziu nele e a partir dele.

4.2 Construção de uma memória coletiva: novas informações e discussões a partir do evento Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza

Como consta no cartaz, o encontro contou com uma mesa de abertura, duas mesas redondas, uma roda de conversa e lançamento de livros no final. Comentarei brevemente o que aconteceu em alguns momentos que pudemos registrar em forma de vídeo e que está disponível no canal do *Kitembo* no Youtube³². O que se desenrolará não é uma transcrição das falas, nem uma tentativa de dar conta do que foi esse evento. É sim uma descrição de alguns pontos que me tocaram das mesas redondas e um breve diálogo que tracei com elas. Espero com isso de alguma maneira complementar o exercício de construção de memória e de discussão da obra de Neusa Santos Souza feito no capítulo anterior.

4.2.1 Mesa de Abertura

Esta mesa foi mediada por Maria da Conceição Nascimento, organizadora do evento e doutoranda do PPGP, que abriu o evento convidando as representantes Luiza Rodrigues de Oliveira (Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UFF), Paula Land Curi (Coordenadora do Curso de Graduação em Psicologia - UFF) e Cristine Monteiro Mattar (Chefe de Departamento de Psicologia – UFF).

Maria da Conceição Nascimento dá início ao evento com uma fala emocionada e pungente, afirmando que lembrar de Neusa Santos Souza é também lembrar da luta da população negra nessa país. Ela homenageia a psicóloga, psicanalista e militante negra que atuava no Pará, Willivane Ferreira de Melo³³ e o professor Carlos Baum³⁴ da Universidade

³² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eS2B_d9pX08&t=2932s e <https://www.youtube.com/watch?v=xowDzqd0rF0&t=3s>. Acesso em Março de 2019. Acesso em Março de 2019.

³³ Mais informações em: <https://site.cfp.org.br/nota-de-pesar-willivane-melo/>. Acesso em Março de 2019.

³⁴ Mais informações em: <http://www.crprs.org.br/comunicacao/noticias/em-nota-de-pesar-cprs-lamenta-morte-dos-professor-carlos-alberto-baum-da-silva-4286>. Acesso em Março de 2019.

Federal do Rio Grande do Sul que foi o primeiro a entrar por ações afirmativas naquela universidade, ambos haviam falecido recentemente. Nas palavras dela:

Fazer memória de Neusa Santos Souza é também fazer memória de Virgínia Bicudo, Teresa de Banguela, Zumbi dos Palmares, de Dandara, de Maria Carolina de Jesus, Maria Firmina dos Reis. É também fazer memória das lutas de Canudos, da luta dos Malês, da luta de João Candido e de tantos outros... (NASCIMENTO, 2018).

Luiza Rodrigues de Oliveira continua, expressando a sua alegria de estar no evento, alegria no sentido freireano, que propicia a transformação. Transformação que vem sendo produzida no PPGP e na realidade da universidade a partir do aumento da presença de pessoas negras neste espaço. Ressalta que transformação não é queda de qualidade, como algumas falas no próprio PPGP insinuaram e menciona a recusa de algumas forças presentes neste programa de se falar sobre o racismo e de negar essa discussão, tida como problemática ou desnecessária. Luiza Rodrigues de Oliveira destaca a importância de Neusa Santos Souza e de como ela entrou em contato com a obra da psicanalista somente quando ela já era professora de psicologia. Foi justamente na orientação do trabalho de conclusão de curso de Tainara Cardoso³⁵ (uma das organizadoras do evento) que ela conheceu o livro *Tornar-se Negro*, o que lhe causou grande impacto e transformação. Neusa Santos Souza, segundo ela, nos convoca e nos instiga a pensar sobre o racismo. A coordenadora do PPGP finalizou sua fala lendo uma carta de uma colega de Carlos Baum, homenageando-o e politizando o racismo de sua universidade e as condições de seu falecimento.

A coordenadora do curso de graduação em psicologia da UFF, Paula Land Curi, agradeceu o convite para estar na mesa de abertura e disse que ocupar este lugar da coordenação a colocava implicada com a questão racial e com a tentativa de que a transformação em vigor no PPGP não pare na pós e vá também para a graduação. Sinaliza a importância do evento como uma forma de resistência ao atual governo, que explicitamente clama pela intensificação do genocídio da população negra e diz da importância de, a partir da memória de Neusa Santos Souza, colocar em pauta o racismo e reafirmar o compromisso ético e político da psicologia.

Já a chefe de departamento de psicologia da UFF, Cristine Mattar, abre sua fala mencionando que o lugar de fala naquele evento não era o dela e agradecendo a generosidade dos organizadores por abrirem a possibilidade dela estar ao lado dessa luta e dessas

³⁵ A monografia “Psicologia e racismo: Ressignificando a profissão no país onde bandido bom é bandido negro” defendida no curso de psicologia da UFF em 2017 conta com uma sessão inteira sobre o trabalho de Neusa Santos Souza.

discussões. Ela continua com uma análise do lugar dela enquanto branca e reconhecendo o próprio racismo e a sua própria transformação ao longo do tempo a partir do que vêm acontecendo no PPGP. Comenta que a sua geração havia feito a crítica ao sujeito psicológico interiorizado e às práticas conservadoras na psicologia, mas que ela esqueceu de fatores essenciais, como o racismo, o capacitismo e o machismo em suas análises. Assim, o sujeito psicológico, segundo ela, ainda é branco, de classe média, situado geograficamente e economicamente. Assim, ela diz que a crítica de sua geração é insuficiente e que aos poucos se têm ampliado essa discussão no PPGP, mas com muitos embates, resistências, violências e racismo. Segundo ela, as próprias ausências no evento remetem a esse preconceito. Finaliza dizendo de sua vontade de vir para aprender e também para escutar, de sua aposta de falar menos, nesse evento em especial.

4.2.2 35 anos de *Tornar-se Negro: Psicologia, Saúde Mental e Racismo*

Esta mesa contou com a mediação de Tainara Cardoso e com a presença de Jurandir Freire Costa, psicanalista e professor titular do IMS – UERJ, Regina Marques, psicanalista e professora da UFRB e Abrahão de Oliveira Santos, coordenador do Laboratório *Kitembo* e professor da UFF.

Jurandir Freire Costa inicia sua fala agradecendo a chance concedida pelos colegas para participar dessa discussão. Acrescenta um dado biográfico, de como conheceu Neusa Santos Souza, que foi a partir da publicação de seu livro *História da Psiquiatria*, que ela leu e fez com que ela o chamasse para ler a dissertação dela e para fazer um prefácio. Segundo Jurandir Freire Costa, o livro *Tornar-se Negro* mantém a sua atualidade e, para ele, a melhor forma de prestar homenagem a Neusa Santos Souza é dar continuidade à reflexão dela. Isso se faz mais relevante ainda no momento político em que vivemos em que se constrói um projeto de governo que visa o ataque a qualquer dimensão emancipatória da cultura brasileira. Então ele se pergunta: como poderia ser a continuidade do trabalho da Neusa Santos Souza? Em que direção e de qual maneira?

Jurandir Freire Costa segue o sentido do livro *Tornar-se Negro*, ao partir do relato das pessoas negras que a própria Neusa Santos Souza entrevistou. De acordo com ele, um dos méritos dela foi discutir e estudar as pessoas negras em ascensão no Brasil, o que ainda hoje é um desafio, pela pouca quantidade de pessoas que vivem essa experiência. Outro mérito foi o de falar de subjetividades singulares no momento em que as críticas de Foucault, Deleuze, Guattari, Basaglia entre outros, ainda estavam ganhando força no Brasil. Segundo ele, fazer o

que ela fez foi um desafio dentro da psicanálise e da psicologia, pois existia naquela época e ainda existe uma tensão para sempre se pensar o universal abstrato que é universalizado e cristalizado a partir de uma imagem das subjetividades da metrópole euroamericana.

Assim, Jurandir Freire Costa escolheu três momentos do texto de Neusa Santos Souza, três citações de entrevistas com três mulheres negras que apresentam suas percepções de si: 1) “Sinto o problema racial como uma ferida que não cicatriza nunca.”, uma saída depressiva de acordo com ele; 2) “Não sabia meu lugar, negra não era. Negro era sujo, burro e favelado e ela não era”, uma saída pela negação de si e de sua negritude e 3) “Quando pequena falava sozinha, tinha amigos invisíveis. Tinha dificuldade de me sentir, me reconhecer, me achava feia e me identificava como negra diferente. Utilizava pregador no nariz para ele ficar menos chato. Tinha medo de mim no espelho, crises de pavor, não podia me olhar com medo de reviver essa situação”, uma espécie de alucinação negativa, um grande vazio de identidade.

Essas percepções de si dialogam com mecanismos que ele tinha percebido e apresentado no prefácio que Neusa Santos Souza leu e concordou que fosse publicado em conjunto com sua obra. O primeiro deles seria o da Imposição do Ideal do Branco ao Negro. Um Ideal fetichizado, da brancura que ganha vida própria e que jamais o concreto é capaz de tocar esse fetiche da brancura. Esse ideal imposto ao negro violentaria o corpo negro, que ajudaria a produzir uma relação persecutória da pessoa negra com o próprio corpo, o que acarretaria em uma tensão para o pensamento muito grande.

Jurandir Freire Costa considera que desde a publicação do livro muita coisa mudou, e mudou para melhor. Outras direções intelectuais foram abertas e desdobradas. Ele cita Frantz Fanon, que diz que na experiência negra em sociedades racistas o corpo se torna um peso, um peso de uma maldição, um simulacro do nada e da precariedade. Pensando sobre esse sentido do nada e da precariedade, o palestrante articula com a discussão que Deleuze vai propor sobre o delírio e o seu conteúdo racista: “há sempre um negro, um chinês, um ariano no delírio racista.” Assim, o delírio se movimenta a partir da ideia de raça. Os mundos euroamericanos produziram essas figuras, o negro e a raça – a partir de sua loucura codificada. A loucura institucionalizada do branco que cria o fetiche da brancura. Dessa forma, o racismo faz com que no lugar de uma identidade positiva, as pessoas negras tenham uma identidade negativa: sendo elas pessoas brancas com déficit da brancura.

No entanto, a partir da leitura de Achille Mbembe, ele sustenta que é possível positivar a negritude e disputar o estatuto de humanidade, de ser humano. Positivando assim o que era negativado: a negritude e o negro. Nessa perspectiva, reivindicar o estatuto do ser humano – convocar o termo negro, não significa aceitar o racismo, mas sim fazer um apelo racial a

partir desse termo desconstruindo-o. Esta manobra de linguagem consiste em dizer para a ideologia racista que não há um só significante e um sentido para ser negro e que essas construções têm uma história, um contexto e outros sentidos possíveis. O dismantelamento da ideologia racial seria possível a partir da evidenciação histórica de como foi a despossessão da história do negro com a criação da figura do negro e da África, construindo assim uma identidade aberta, onde se possa experienciar e entender como Neusa Santos Souza afirmou: que ninguém é negro, se torna; e que ninguém é branco, se torna.

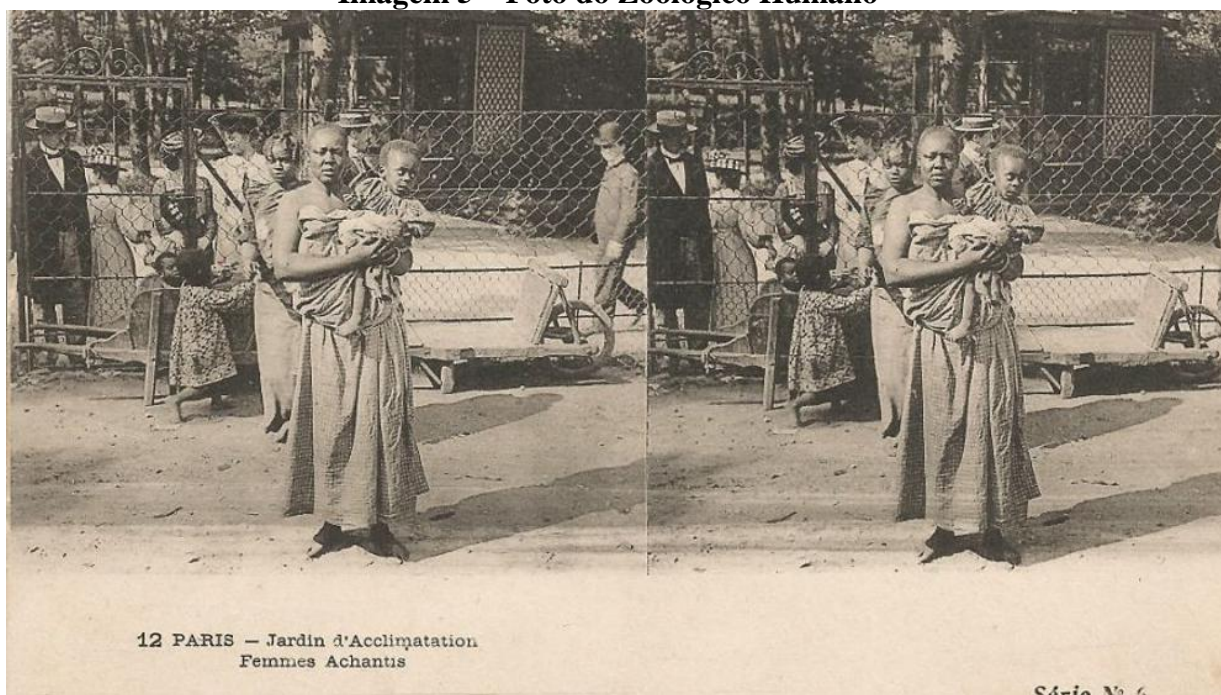
Regina Marques começa falando de sua experiência de se sentir acolhida enquanto intelectual e militante negra pela luta que vêm se construindo na UFF, pelo que vem sendo feito em um trabalho de enfrentamento necessário à psicologia. Parte em sua fala de algumas imagens do final do século XIX e início do XX, que demonstram um zoológico humano em Paris onde se expõe aos domingos os corpos das mulheres, homens e crianças negras e também de uma imagem clássica no campo da história da psicologia, que é a imagem de Charcot nos estudos sobre a histeria.

Imagem 4 – Foto do Zoológico Humano



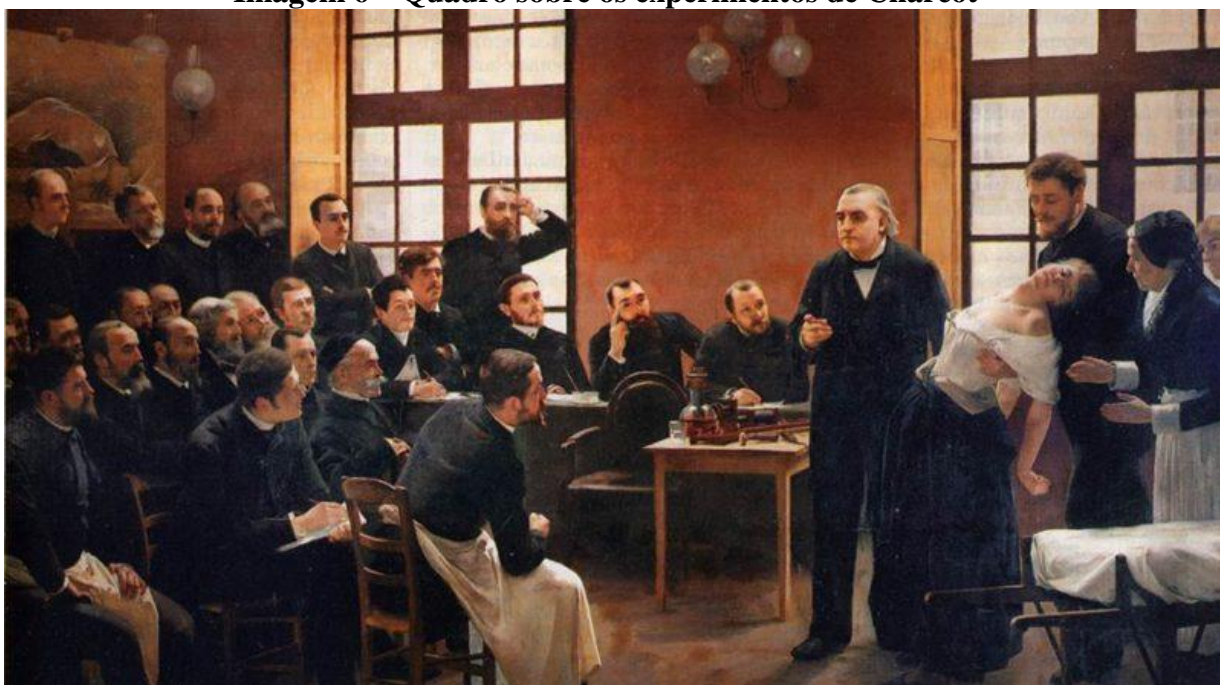
Fonte: GENTE PRETA, 2017.

Imagem 5 – Foto do Zoológico Humano



Fonte: BBC, 2011.

Imagem 6 – Quadro sobre os experimentos de Charcot



Fonte: PSICOATIVO, 2016.

A partir destas imagens, Regina Marques vai discutindo os enredos e os mecanismos de poder que circundam esses corpos. Ela pontua a similaridade entre as duas imagens que, embora tenham aspectos e distribuições de violências distintas, reproduzem um esquema

similar, de objetificação e exposição de determinados corpos aos olhos europeus brancos e masculinizados. O aprisionamento dos corpos africanos no zoológico parisiense faz com que estes sejam alvo dos prazeres da curiosidade e da arrogância do olhar dos transeuntes brancos e do guarda disposto a aumentar ainda mais a incidência da violência sobre esses corpos caso seja necessário. Segundo ela, esse olhar do transeunte está muito próximo do olhar médico que enfoca o corpo da mulher histérica e que aponta para a própria forma hegemônica de produção de conhecimento da ciência psicológica que se transplantou para outros lugares geográficos distintos da Europa.

Segundo ela, Neusa Santos Souza vai discutir em seu trabalho, a partir de uma epistemologia psicológica, a especificidade dessa marca, dos enredos das pessoas que são desassistidas de humanidade. Sustenta que o trabalho de Neusa tem uma fortaleza impactante, pois a partir das vozes dos seus entrevistados ela dá forma a toda a violência do campo psicoemocional de todas essas populações, além disso, o trabalho dela não fica restrito à subjetividade negra, mas aponta para a forma de sociabilidade que se dá entre negros e brancos.

Assim, Regina Marques discute como o pensamento de Neusa Santos Souza não foi amplamente divulgado, mas que teve uma visibilidade também pelo prefácio de Jurandir Freire Costa, um dos psicanalistas mais importantes do Brasil. No entanto, sua obra foi recebida com grande entusiasmo e impacto nos movimentos negros e secundariamente, influenciou estes nas lutas que provocaram mudanças para todo o conjunto da sociedade brasileira, a partir das lutas das mulheres negras por reformas no SUS e da implementação das cotas raciais e sociais.

Regina Marques discute os efeitos do colonialismo, que foi a base do extermínio e escravização de povos indígenas e negros, acarretando na fundação da sociedade brasileira. Para ela, é muito importante que o profissional de saúde atente-se para estes efeitos em suas práticas e para a sua própria posição no meio delas. Repara ainda que Neusa Santos Souza fez isso ao se olhar e também ao olhar para os seus entrevistados e, a partir disso, exerceu um pensamento transformador.

Nossa palestrante seguiu sua fala dialogando com Amadou Hampaté Bâ. Pois ele, falando da multiplicidade da África, ainda mantém alguns pontos em comuns dentro dela, como o respeito sagrado à mãe, a reverência ao ancestral e o apego e importância da vida comunitária. Elementos importantes que, segundo Regina Marques, atravessam a obra de Neusa Santos Souza. Em uma perspectiva transgeracional da diáspora que perpassa o Atlântico e chega a vários lugares do mundo, o transformando de diversas maneiras importantes. Para

ela, Neusa Santos Souza esta apresentando a força do discurso e a luta para ter a sua corporeidade existente, presente, afirmada, enquanto valor da condição da humanidade, tendo em vista que esta corporeidade também faz parte dessa humanidade. Assim, pensando com Amadou, deveríamos praticar a reverência a essa ancestral Neusa Santos Souza que criou um modo de pensar a psicanálise que até então era inexistente no contexto brasileiro e também no contexto internacional. Regina Marques finaliza sua fala com estas belas palavras:

O legado de Neusa pertence a todos nós, negros, brancos e não negros. Mas o legado de Neusa Santos Souza para nós negros é efetivamente um compromisso e tarefa singular por que nos afeta diretamente e prescindir dele é enveredar-se no caminho da não existência e comungar com o extermínio tácito de nossos corpos físicos e psíquicos, corpos negros. Os corpos negros insubmissos, os corpos dos pobres no território da Bahia, grande nação negra de onde vem e nasce Neusa Santos Souza. Corpos multilados, genocídios de jovens não brancos presentes nas ruas das cidades dos grandes centros urbanos do Brasil, como Rio de Janeiro ou São Paulo. Corpos negros da diáspora do mundo todo. (...) Salve Neusa, *Griot* da liberdade. Salve Neusa, pelo rigor da sabedoria de parte de nosso legado de sofrimento e glória.

Abrahão de Oliveira Santos foi o último a falar. O professor da UFF e coordenador do Laboratório *Kitembo* abre pedindo licença aos ancestrais, à Dandara, à Zumbi, à Neusa Santos Souza, a Kavungo e Dandalunda, enfim, a toda uma tradição de resistência e de luta. Retoma a fala da Paula Land Curi, que na mesa de abertura disse que seria importante que as mudanças na Pós Graduação não ficassem somente lá. Abrahão diz querer entender essa fala como um convite à conversa, conversa à qual está aberto e que pode ajudar a mobilizar dentro do curso de graduação para que se possa começar a alterar a grade curricular do curso. Comenta que sua fala vai na direção da de Jurandir Freire Costa e de Regina Marques, que é a de perguntar o que podemos fazer para dar continuidade ao trabalho de Neusa Santos Souza. Afirma que estaríamos passando de um momento em que impera uma espécie de não se ver, para um em que se pode ver-se e dar-se a ver e finalmente, para um momento de experimentação de um certo fazer na UFF.

Abrahão comenta das condições de seu encontro com o livro *Tornar-se Negro* e com o prefácio de Jurandir Freire Costa, de como já na sua adolescência foi se dando conta de que era negro a partir de algumas violências sofridas e que o encontro com o livro foi importante para dar forma e conteúdo a esse sofrimento antes inominado. Conta também de seu encontro com outros livros de Jurandir Freire Costa, *Ordem Médica e Norma Familiar* e *História da Psiquiatria no Brasil*, onde o seu companheiro de mesa discute as estratégias médicas e psicológicas de controle da população brasileira e adoção do corpo branco como modelo de virtude física e moral e o corpo negro como lugar do vício e da negatividade. Ele conta

também de alguns encontros importantes, com as obras de Clóvis Moura, Florestan Fernandes e Kabengele Munanga, por exemplo, todos eles de alguma forma esquecidos pelo pensamento universitário. Este esquecimento aponta para outras práticas, como as lutas nos quilombos e demais movimentos negros, dos quais a psicologia nada sabe. Foi em meio a esses encontros que, após algum tempo, se deu conta do que seria *Tornar-se Negro*:

É deixar de pensar a partir do referencial branco. Do modo universal do pensamento, da substância de expressão que informa um único modo possível de expressão na variedade de modos de vida, os quais devem todos se traduzir na racionalidade dos povos europeus. Isso não me parece nada óbvio. É uma luta pela pluralidade dos saberes.

Continua produzindo o pensamento a partir da narrativa de encontros seus e da história negra, incluindo o *Kitembo*, o quilombo acadêmico que produziu o evento. Afirma que mais do que a exclusão social, na história brasileira o que temos de mais problemático é o extermínio étnico-racial de corpos e dos inúmeros saberes dos povos não brancos. Assim, a psicologia que devemos elaborar tem que partir da condição insurgente da população negra e combater a afonia e condição marginal que se quer submeter ao povo negro. Assim como Neusa Santos Souza propõe, o *Kitembo* trabalha por produzir um conhecimento do negro sobre o negro. Entendendo que o processo de tornar-se negro contém também uma paixão alegre, ao perceber-se vivo, combativo e solidário com um futuro e uma psicologia a serem construídos. Relembra a fala de Makota Valdina no primeiro encontro *Kitembo* em que ela dizia que estamos aqui e agora nos curando, a partir de uma memória ancestral de resistência. Cura que advém na luta pelo direito à memória, pelo direito de conduzir-se a si mesmo, pois de acordo com Cecílio Xucuru: “quem demarca terra indígena são os índios”.

Abraão de Oliveira Santos defende um conceito de identidade entendida como condição para que a luta prossiga. Como retomada do sentido de co-pertencimento. Como a possibilidade de, como Paulo Freire assinalou, assumir-se a si mesmo. Como Achille Mbembe e Fanon defendem uma identidade negra aberta, que nada tem a ver com o retorno do mesmo ou exclusão da diferença, mas uma tensão de abertura para a mudança de si e do mundo. A partir da obra de Jurandir Freire Costa, sabemos como os saberes psi participaram das estratégias de sujeição da população não branca. A Psicologia é uma das áreas estratégicas para o combate do racismo, por poder lutar contra os processos de construção do Ego inflado dos brancos e do Ego deprimido dos negros. Apesar disso, ela pouco tem contribuído na luta e na discussão da questão racial e é isso que o *Kitembo* tem trabalhado para construir.

Como Abrahão de Oliveira Santos afirma, “É esse o sentido de nosso coletivo acadêmico, o sentido dessa clareira que se abre na UFF e na psicologia. Guiados por passos que vem de longe, afirmamos uma história de construção, de copertencimento e solidariedade.”.

4.2.3 É preciso saber de onde se veio para saber para onde se vai: Neusa Santos Souza e memórias insurgentes dos movimentos negros

Essa mesa foi mediada por mim e contou com a presença de Amauri Mendes (Professor da UFRRJ), Janete Santos Ribeiro (Professora de História na EJA/ISERJ, Ativista antirracista desde os anos 80) e Iolanda de Oliveira (Professora da FEUFF).

Janete Santos Ribeiro foi a primeira pessoa a falar, agradecendo por estar no evento e convidando a todas e todos a cantarem junto com ela uma música. Em uma espécie de jogral com os participantes do evento, ela foi acompanhada por eles cantando as seguintes palavras: “Sani bonami, ayo ayo”. Que significa uma pergunta: “Vocês estão bem?”, que ela aprendeu com um escritor Rogério Barbosa de Andrade que trouxe essa canção da etnia Xhosa, a mesma de Nelson Mandela na África do Sul. Janete Santos Ribeiro conta que essa canção tem sido a sua forma de iniciar as suas falas e de saudar a ancestralidade e a todos que vieram antes de nós.

Janete Santos Ribeiro conta da sua leitura de *Tornar-se Negro* em 1984, e de como essa leitura a ajudou a tornar-se negra em sua juventude. Com uma fala poética, criativa e contundente, ela reflete sobre o seu lugar, entendendo as mulheres negras como força motriz e matriz de si e do mundo. Reflete sobre a escrita e sobre as suas conexões enquanto mulher negra escritora, poeta e sensível. Pontua sobre o debate da mesa anterior, e do incômodo que teve ao perceber a forma como a branquitude se expressou em um espaço negro e de homenagem a uma mulher negra. Essa fala foi aplaudida pela mesa e por grande parte da plateia, o que diz que esse incômodo não foi somente de nossa palestrante.

Conta de como foi a recepção da notícia do falecimento de Neusa Santos Souza para ela e de como ela foi se dando conta de algumas conexões nessa recepção entre ela e sua amiga Azoílda Loreto da Trindade, que possivelmente foi aluna de Neusa Santos Souza na Universidade Gama Filho. No cemitério, na despedida de Neusa Santos Souza, ela contou poucas pessoas negras presentes, entre eles, Julio Tavares e representantes do coletivo negro da UERJ, o Denegrir. Revisita os impactos causados nela e na comunidade negra e militante daquele momento. Disse que Azoílda Loreto da Trindade ficou transtornada com o

falecimento de Neusa Santos Souza. Com Kátia Costa Silva, Azoílda Loreto da Trindade propôs um encontro para conversar sobre o livro e as lembranças de Neusa Santos Souza além de cuidarem-se e falarem sobre a sua morte. O primeiro aconteceu logo na semana seguinte, onde várias mulheres negras escreveram qual foi o impacto dessa morte para elas. Desde então, o encontro se tornou anual (é realizado sempre no dia 6 de janeiro) e leva o nome de *Encontro das Rainhas Magas*.

Conta que a partir da leitura do livro de Neusa Santos Souza, deixou de ter os pesadelos terríveis que tinha com a ascensão social. De que ele foi decisivo em seu processo de ascensão, de tornar-se professora e ter outras posições no mercado de trabalho. Janete Santos Ribeiro cursava graduação em matemática e estava se aproximando do movimento negro quando dessa leitura, momento em que se dava conta dos lugares reservados a mulheres negras e das violências sofridas durante o seu processo acadêmico e escolar. Processo em que nossa palestrante a partir da atuação no movimento negro carioca, decidiu mudar de curso para História.

Amauri Mendes Pereira foi o segundo a falar. Disse que a proposta dele era trazer muitas memórias. Entende, entretanto, que a memória é construída e que ficou o dia anterior inteiro lembrando-se do que foi o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN) em 1983. De alguns equívocos dessa tentativa de rememoração, como, por exemplo, o fato dele não se lembrar da presença de Iolanda Oliveira no lançamento do livro, mas depois ao conversar com ela saber que ela lá esteve. Assim, Amauri Mendes conta que o essencial era lembrar de todo um clima que envolvia a todos naquele momento específico da história dos movimentos negros cariocas e brasileiros.

Ele conta que estava com Iedo Ferreira no IPCN, ainda com muitos problemas de manutenção, de modo que toda vez que chegavam ao instituto tinham que varrer e limpar o local para que alguma atividade pudesse acontecer. Foi assim que chegou uma jovem, pediu licença e sentou em uma cadeira, enquanto eles ainda ocupados com a limpeza e manutenção do espaço, não tiveram muito tempo para atendê-la, o que Amauri Mendes conta que era muito frequente, o caso de pessoas chegarem e esperarem um pouco lá. Depois de alguns dez minutos Cecília de Oliveira entrou e a jovem que estava aguardando, Neusa Santos Souza, tirou um livro da bolsa e disse a eles que ela tinha ali um livro e que queria lançar ele ali. Amauri e Cecília folhearam o livro e se espantaram, com aquela jovem, formada médica e psiquiatra e que escreveu um livro *Tornar-se Negro*. Amauri Mendes Pereira conta que a única coisa que perguntou a ela foi: “Tornar-se mulher?”, aquela frase de Simone de Beauvoir, né? Ela perguntou se ele tinha lido o livro, ele disse que não, mas que sabia por alto

do que se tratava. E Neusa Santos Souza diz que lhe explicaria, levanta e começa a falar, e Amauri Mendes Pereira nos conta que tudo mudou, o semblante, o jeito de se posicionar... o que os deixou ainda mais perplexos, pois quem costumava fazer aquilo eram eles, do IPCN.

Amauri Mendes conta que naquela época o movimento negro era muito menor e existiam poucas pessoas que falavam abertamente sobre o racismo daquele jeito que Neusa Santos Souza tinha feito. Conta ainda que a Neusa Santos Souza daquela época já tinha um viés teórico muito forte em sua fala, o que a diferenciava da maior parte do movimento negro, que produzia mais panfletos e manifestos para a militância e que não estava tão presente nos estudos sobre relações raciais e pesquisas acadêmicas como é hoje. Conta que esqueceram até que tinham que lançar o livro daqui a dois ou três meses e começaram a chamar ela para conversar com outras pessoas. Disse lembrar perfeitamente de chamar Eustáquio José Rodrigues para vir encontrar com aquela moça, pois ele queria muito estudar psicologia e racismo. Ela começou a falar, ele ficou emocionado, embasbacado com a psicologia que estava estudando e que nada tinha a ver com essa discussão que Neusa Santos Souza fazia de forma tão enérgica. E em torno de cinco a seis semanas de mobilização permanente de pessoas que vinham ao IPCN para ouvir aquela moça falar sobre psicologia e racismo.

Uma discussão importante nesse momento em que as pessoas iam ouvir Neusa Santos Souza falar sobre o seu livro foi quando Pedrina de Deus, uma das principais articuladoras do movimento de mulheres negras, disse que os homens estavam colocando as mulheres no lugar de limpar o salão e de fazer café para eles e que, assim, eles estavam fazendo com elas justamente o que os brancos faziam com todas as pessoas negras. Amauri Mendes conta ainda que em um momento em que todos estavam reunidos no salão do IPCN, Pedrina de Deus diz que elas iriam subir e ficar lá em cima: agora seria a vez só das mulheres negras. E que Neusa Santos Souza consentiu com um sorriso e disse que esperava por isso. Ao que parece essa conversa foi marcante, pois mesmo depois, ninguém contou o que se passou e Pedrina de Deus disse a Amauri Mendes Pereira que todos precisariam ouvir o que Neusa Santos Souza tem a dizer, pois era preciso que cada um cuida-se de si, mas que todo mundo pudesse cuidar uns dos outros.

Outro ponto importante de sua fala foi o relato sobre o acontecimento da venda do *Tornar-se Negro* na rua. Nove pessoas do IPCN iam aos sábados aos calçadões do subúrbio do Rio de Janeiro e de Niterói para vender o livro em uma banca de madeira, sendo inclusive algumas vezes confundidos pela polícia como ambulantes. Os livros da Graal esgotaram e a venda foi um sucesso que a editora não imaginava que poderia acontecer. Amauri Mendes

Pereira conta que o livro tomou as ruas, que ele é importante e relevante até hoje e que deve ter mais reconhecimento para além dos movimentos negros.

Amauri Mendes Pereira diz que não tem como agradecer à organização do evento, por ter feito essa homenagem 35 anos depois desses acontecimentos. Diz que o dia anterior foi muito especial para ele, pois ele não conseguiu fazer outra coisa a não ser lembrar-se daqueles momentos. Ele finaliza emocionado, com uma emoção que atingiu a todos nós, com essas lindas e inspiradoras palavras:

Essa radicalidade de Neusa, a convicção que ela tinha de ter paciência de ouvir aquele grupo ali meio aflorado, sem saber sequer como manter aquela casa aberta. E dizer: Não, é aqui. Meu lugar é aqui. O lugar desse livro é aqui. O lugar desse pensamento é aqui. Aqui no meio negro. No meio negro de luta. Nós fizemos como se fosse isso. Neusa é grande como todos nós juntos. Neusa é imensa e nós não temos mais limites. Mas é preciso fazer isso e fazer do jeito que der pra fazer. Muito axé para todos nós!

Iolanda de Oliveira agradece pela possibilidade de estar na mesa com Amauri Mendes Pereira e a jovem Janete Santos Ribeiro. Tece alguns comentários sobre a sua trajetória de participação em eventos abertos do IPCN e do Grupo de Trabalho André Rebouças, o GTAR, embora estivesse mais vinculada a uma militância acadêmica. Iolanda de Oliveira diz que a obra *Tornar-se Negro* mudou a sua vida. Entende que é uma obra que não deve ficar somente no movimento negro, mas também na universidade, apesar de sua surpresa ao perceber que a psicologia não tratava da questão racial. No entanto, ela conta que a leitura dessa obra acompanhou toda a sua trajetória acadêmica, desde a sua graduação em pedagogia. Iolanda de Oliveira reafirma a necessidade da leitura do *Tornar-se Negro* ser amplamente difundida na universidade, e não só na psicologia, mas em várias áreas do conhecimento, também não ficando restrita apenas aos estudantes negros. Comenta que tem trabalhado com a obra de Neusa Santos Souza em conjunto com a de Frantz Fanon.

As memórias do lançamento do livro de Neusa Santos Souza fizeram com que ela incluísse a discussão da psicanalista em seus cursos do *Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira*, PENESB. Fizeram também com que ela se atentasse para a importância das questões da subjetividade de todas as populações. Comenta que percebe a partir do trabalho de docente e coordenadora do PENESB que todo o conhecimento produz efeitos na subjetividade dos estudantes, especialmente quando se debate a questão racial, carregada quase sempre de uma carga emotiva muito grande para estudantes negros e não negros.

Ela considera que os estudantes negros que entram no curso com alguma consciência racial acabam confirmando e aprofundando as suas análises e constatando a situação de opressão em que seu grupo se encontra; que estudantes negros que não tinham até então esta consciência acabam ao longo do curso tornando-se negros e os estudantes brancos muitas vezes entram em processos de culpabilização. Ela comenta que alguns cursistas costumam pedir algum tempo para cuidarem de si durante o curso e que a obra de Neusa Santos Souza tornou-se um clássico que ajuda a pensar ainda hoje sobre muitos comportamentos relativos à questão racial.

Finaliza refletindo que o livro *Tornar-se Negro* permanece infelizmente sendo um livro atual. Infelizmente, pois isso significa dizer que o racismo pouco ou nada mudou e ainda produz muito impacto nas vidas das pessoas, sobretudo as negras.

4.2.4 Roda de Conversa: A trajetória e o pensamento de Neusa Santos Souza

Após a segunda mesa, o espaço foi reconfigurado e foi feita uma roda em frente às cadeiras do auditório. A Roda de Conversa foi mediada pelo Psicólogo e trabalhador do SES/RJ, Celso de Moraes Vergne, e contou com convidados como Ana Rocha, Edson Saggese, Paulo Vidal e Sandra Martins.

Foi reproduzida a entrevista que a própria Neusa Santos Souza concedeu a Lázaro Ramos e Sandra Almada no programa Espelho e, a partir dela, os convidados contaram um pouco de suas relações com Neusa Santos Souza e depois se abriu para um debate mais amplo. Foi um momento muito interessante, pois muitas pessoas nunca tinham entrado em contato com essa entrevista dela e penso que as imagens e as falas de Neusa Santos Souza por si só têm um poder de impacto muito grande e trazem uma riqueza excepcional para a reflexão. Muitas pessoas ficaram emocionadas ao vê-la no vídeo, e depois disso se sucedeu um rico debate sobre o seu conteúdo.

Não reproduzirei aqui grande parte do debate, pois ele dialoga em muito com as entrevistas que realizei com os convidados para a roda de conversa. Porém, tivemos algumas novidades a partir da fala de Sandra Martins. A jornalista, pesquisadora e curadora da exposição sobre o *Grupo de Trabalho André Rebouças* na UFF nos trouxe a informação de que Neusa Santos Souza também chegou a apresentar seu livro em uma das semanas promovidas por esse grupo. Também pudemos exibir algumas fotos que Ana Rocha generosamente compartilhou de seu acervo pessoal conosco durante o evento:

Imagem 7 – Fotografia com Ana Rocha, à esquerda, e Neusa Santos Souza, à direita (1)



Fonte: Acervo Pessoal de Ana Rocha.

Imagem 8 – Fotografia com Ana Rocha, à esquerda, e Neusa Santos Souza, à direita (2)



Fonte: Acervo Pessoal de Ana Rocha.

Imagem 9 – Fotografia com Neusa Santos Souza sorrindo, ao centro



Fonte: Acervo Pessoal de Ana Rocha.

Outro ponto importante dessa roda de conversa foi o momento em que se discutiu a fala polêmica e ambígua de Neusa Santos Souza sobre a sua obra e a sua mudança de posição com relação a alguns aspectos dela. Isso marcou bastante a plateia que em certo momento tentou debater e elaborar melhor o significado disso. Sem chegar a uma conclusão definitiva, uma fala importante foi a de Márcia Moraes, professora de Psicologia da UFF, que sinalizou que em momento algum na entrevista Neusa Santos Souza faz uma defesa da individualidade, e sim da singularidade. O que poderia ser uma grande diferença, dependendo da forma como ela poderia definir melhor esses termos e/ou essa problemática. Porém, penso que a questão continua em aberto, pois não dá para concluir muitas coisas sem mais elementos que a própria Neusa Santos Souza teria que nos dar sobre o seu pensamento. O que nos coloca em uma posição difícil de ficar construindo suposições para o que ela realmente queria dizer.

Mesmo assim, foi um momento muito rico, com muitos outros debates e nuances que uma descrição e discussão minha poderia ir até a exaustão. Mas outro momento importante foi quando houve uma confrontação da posição da fala de alguns palestrantes que, ao falarem de Neusa Santos Souza como seus amigos, se posicionaram de forma reticente sobre o debate do racismo, o que gerou alguns questionamentos mais contundentes e acalorados. Uma participante da roda de conversa perguntou às convidadas e convidados sobre quais práticas de combate ao racismo e ao esquecimento que a própria amiga deles sofreu eles faziam em suas vidas. O que eles faziam para mudar isso? Um silêncio constrangedor se impôs sobre o auditório e logo depois algumas tentativas de responder essa questão foram feitas. Respostas dúbias que iam na direção de uma defesa da democracia racial, ou na reafirmação dos laços de amizade e de proximidade com a Neusa Santos Souza intensificaram mais ainda o incômodo de grande parte dos participantes da roda de conversa com essa posição. Esse tipo de incômodo e de embate é característico da discussão da questão racial em alguns lugares, mas surpreende que após um dia inteiro de debate e de discussão intensa num evento organizado em torno dessa temática, ainda é possível que falas como as acima mencionadas ecoem. Porém, em outro sentido pode-se pensar que o resultado da roda de conversa foi positivo, pois efetivamente aconteceu um debate de ideias e posições a partir da mediação e instigação de Celso Vergne.

4.2.5 Lançamento dos Livros

Por fim, para encerrar o evento, houve o lançamento de livros das professoras Lia Vainer Schucman e Regina Marques de Souza Oliveira que os apresentaram de maneira breve.

Os livros apresentados por Regina Marques de Souza Oliveira foram *Cenários da Saúde da População negra no Brasil* e *Dilemas da raça: empoderamento e resistência*, sendo o primeiro organizado por ela e o último também, mas em conjunto com Reinaldo José de Oliveira. Já o livro lançado por Lia Vainer Schucman foi o fruto de seu pós-doutorado: *Relações inter-raciais: Tensões entre cor e amor*.

5 CONCLUSÃO

Durante a construção desse trabalho estive profundamente inspirado e tocado com a dissertação de mestrado de Neusa Santos Souza, que depois se tornou o livro *Tornar-se Negro*. Um dos pontos mais importantes dessa obra pungente, atual e intensa pode ser pensado a partir dessa questão: como as pessoas negras podem construir uma identidade positiva para si quando todo um mundo é construído no sentido da sua destruição?

Talvez pudéssemos pensar essa dissertação a partir de uma forma de colocar o problema de maneira parecida. Como escrever uma memória positiva de Neusa Santos Souza, quando há todo um esforço epistemicida para o seu apagamento nas práticas psis?

Esse processo, como Neusa Santos Souza nos mostrou de forma belíssima, têm de ser construído autonomamente, ativamente, com as ferramentas que temos à nossa disposição. É de suma importância não cair em um denunciismo puro desse apagamento. Não só aceitar o ideal branco como referência universal para então constatar que não nos igualamos a ele. É preciso afirmar o vir a ser negra e negro em nossas potencialidades, em suas possibilidades de reconstrução de uma experiência estraçalhada pela violência racista. No primeiro capítulo pude situar alguns mecanismos dessa ação epistemicida de apagamento da obra e da vida de Neusa Santos Souza nas práticas psis. Além disso, ao mesmo tempo em que buscava entender esses mecanismos, buscava entender a mim mesmo e o momento que estávamos vivendo no programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Foi a partir desses movimentos que pude me aproximar da *escrevivência* de Conceição Evaristo, por dizer de uma forma de escrita que reflete as experiências sempre coletivas da população afrobrasileira. Essa análise aterrada fez com que deslocamentos importantes fossem sentidos e produzidos na forma de construção dessa pesquisa, que deixou de apresentar, estudar e elaborar somente os problemas de um Outro objetificado, mas de falar de mim também e do encontro que tive com todas as outras pessoas, entidades, entes e seres ao longo do trabalho.

Certamente, algumas coisas nos aproximam das experiências de Neusa Santos Souza, mas muitas também nos distanciam. O avanço das políticas de ações afirmativas nas universidades públicas abriu algumas possibilidades de nos aquilombarmos nesses espaços e poder fazer algumas das travessias nele de forma menos isolada e solitária. Ao mesmo tempo, a própria obra e militância de Neusa Santos Souza - como as de muitas outras pessoas negras que passaram antes de nós por esses espaços - abre caminhos para nós, pois podemos nos referenciar nelas com orgulho e com muitas ferramentas que elas produziram e deixaram para nós.

Assim, devemos ouvir a consideração sábia de Frantz Fanon (2005), em *Os Condenados da Terra*, quando ele diz que devemos abandonar o hábito de minimizar a ação de nossos antepassados. Devemos sim, valorizá-los e entender que eles combateram com as armas que tinham e como puderam. Fanon ainda nos diz que é preciso entender nas experiências deles mais do que uma suposta ausência de heroísmo, é importante considerar que eles viveram em uma situação fundamentalmente diferente da nossa. Como ele mesmo diz: É preciso que mais do que um colonizado diga: “isso não pode mais continuar” (FANON, 2005, p. 240). É indispensável entender que para travarmos nossos combates de hoje, por mais duros e áridos que eles nos pareçam, foi necessário que muitos outros antes de nós travassem muitas outras lutas. E que luta Neusa Santos Souza pôde travar!

A vida de Neusa Santos Souza poderia ser forçosamente encaixada em uma série de categorias prontas como as de grande analista, militante, médica, psiquiatra, lacaniana... Mas o mais interessante foi a forma singular, bela e intensa com a qual se articulou com cada um desses quadros de referência sem se deixar totalizar por nenhum deles. No segundo capítulo, pudemos saber um pouco mais sobre sua trajetória. Neusa Santos Souza, nascida em Cachoeira (BA), pôde cursar medicina na Universidade Federal da Bahia durante o fim da década de 1960 até meados da de 1970. Encontrou-se com a psicanálise logo no início do curso e se formou Psiquiatra. Em um período ainda no final da ditadura militar brasileira e anterior à reforma psiquiátrica, construiu práticas insurgentes nesse campo até se mudar para o Rio de Janeiro, onde passou direto para o Mestrado do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro sem passar pela residência, como era esperado naquela época. No Rio de Janeiro, esteve em articulação íntima com o movimento negro organizado em torno do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN) e também com o Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (IBRAPSI). Enquanto isso, produzia a sua obra mais conhecida: a dissertação *Tornar-se Negro*, que logo depois virou livro e tornou-se uma referência até os dias atuais para os movimentos negros. Após isso, Neusa Santos Souza foi trabalhar no “Engenho de Dentro” e formulou em conjunto com uma série de psiquiatras militantes, uma das primeiras experiências da reforma psiquiátrica brasileira, que logo depois se intensificou e ganhou contornos nacionais. Neusa ainda teve uma ação importante junto aos psicanalistas do Rio de Janeiro, no estudo e reorientação da psicanálise que estava se abrindo para o referencial lacaniano e deixando de estar tão vinculada às instituições psicanalíticas inglesas. Neusa Santos Souza, no entanto, sempre teve ressalvas quanto a se filiar a um grupo e/ou instituição. Entendia que a relação com os intelectuais europeus tinha de ser outra, para além de ficarem submetidos à última moda francesa ou

inglesa. Não podemos também deixar de mencionar o seu trabalho intenso, rigoroso e forte com a questão da Psicose. Neusa Santos Souza construiu uma perspectiva própria de entendimento das psicoses e do seu lugar que não estava associado a nenhum déficit em relação às neuroses. Ela se dedicou durante décadas de sua vida ao estudo, transmissão e atendimentos psicanalíticos de pacientes psicóticos.

Essa busca por Neusa Santos Souza procurou criar não uma imagem de um cânone idealizado, mas acompanhar uma trajetória de vida de uma pessoa com experiências complexas, singulares e estritamente articuladas ao seu tempo, como não poderia deixar de ser. No entanto, longe de ser conclusiva, essa dissertação aponta para a necessidade de que mais estudos sejam feitos sobre a sua vida e obra. Penso que seria importante entender mais precisamente qual é o seu legado para a psicanálise, principalmente a lacaniana. Isso seria de grande valia, já que por não pertencer a esse campo, pouco pude aproveitar da rica produção dela mais diretamente sobre a sua clínica e seu estudo e transmissão sobre as psicoses.

Entendo que o evento *Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza*, registrado e discutido no terceiro capítulo dessa dissertação, foi um grande disparador e intensificador do debate para outros trabalhos que dialoguem com o trabalho dela. Que outros efeitos, eventos e textos sejam produzidos! Essa experiência foi uma oportunidade ímpar de inserir na própria dissertação um dos efeitos dela, o que ressaltou o seu caráter resolutivo, não só para mim e para a instituição universitária, mas para toda uma comunidade que se interessa pelo legado de Neusa Santos Souza e pelas discussões em torno de sua obra. Foi com muita alegria que percebi que construímos juntos um quilombo, onde nossos laços ancestrais foram revigorados e nossas memórias puderam ser partilhadas, construídas e fortalecidas.

Hoje, mais do que uma pessoa biografada, Neusa Santos Souza representa um fenômeno coletivo de esperança de construção de outra psicologia. Uma psicologia que seja atenta à população negra - e à toda população brasileira. É preciso reformular nossa sensibilidade, nosso olhar e formas de cuidar, estando atento a quem somos, nossas experiências que são distintas das europeias ou estadunidenses. Entender que a história dessa terra chamada Brasil e o seu presente comportam processos de subjetivação intimamente produzidos e fortalecidos pelo racismo à brasileira, ao qual no exercício das nossas práticas psis não podemos nos esquivar. A aposta é que o “fenômeno Neusa Santos Souza” se prolifere mais ainda e que aspectos dele que acompanham toda essa dissertação possam ter outros desfechos e produzir outros efeitos. O que pude fazer nesse trabalho foi com o intuito que ele possa atuar como mais um alimento para essa proliferação necessária.

Com essa conclusão, que se trata de uma pesquisa que poderia se desenrolar por toda uma vida, me reoriento para a sabedoria ancestral. É com ela e graças a ela que posso estar aqui para marcar e entender que a nossa perspectiva opera pela circularidade e por isso, nunca temos um fim. Assim como Neusa Santos Souza não teve. De acordo com a fala de Antônio Bispo dos Santos³⁶ no prêmio que ele recebeu de “Mestre das Periferias” em agosto de 2018:

“Nós somos o começo, o meio, e o começo. E por isso nós existiremos para sempre, porque para nós não existe um fim. Sorrindo nas tristezas para comemorar a vinda das alegrias, nós somos a gira da gira na gira.”

³⁶ A matéria que registrou o evento e essa fala de Antônio Bispo dos Santos está disponível em: <<https://rioonwatch.org.br/?p=35610>>. Acesso em: Maio de 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, V. M. Jovens negros questionam a Psicologia. In: GONÇALVES, M. A.; FILHO, J. R. A.; CUNHA, C.C.; PORTUGAL, F. T. (Orgs.) **Psicologia, direitos humanos e movimentos sociais: capturas e insurgência na cidade**. Florianópolis, Abrapso, 2017.

ANI, M. **Yurugu: Uma crítica africano-centrada do pensamento e comportamento cultural Europeu**. Trenton: África World Press, 1994. Tradução livre: Esta Hora Real. Publicado em: 7 ago. 2015. Disponível em: <<https://estahorareall.wordpress.com/2015/08/07/dr-marimba-ani-yurugu-uma-critica-africano-centrada-do-pensamento-e-comportamento-cultural-europeu/>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

ANZALDÚA, G. Falando em Línguas: Uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, UFSC, v.8 n.1, 2000.

BASSO, J. G. **Agenor Miranda Rocha: Professor e Sacerdote da tradição Nagô-Kêtu no Brasil**. Disponível em: <<https://anpedsudeste2014.files.wordpress.com/2015/07/jorge-garcia-basso.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2018.

BBC. **Exposição relembra shows étnicos com humanos 'exóticos' na Europa**. Publicado em: 2 dez. 2011. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111201_galeria_shows_etnicos_df>. Acesso em: 28 nov. 2018.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, I; BENTO, M. A.S. (Orgs). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BORDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRASIL. Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 29 ago. 2012. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm> Acesso em: 16 Out. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRITO, M. C. E. **Poemas Malungos: Cânticos Irmãos**. 2011. 178f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/7741/1/Tese_Dout.Concei%C3%A7%C3%A3oEvaristo_def.pdf>. Acesso em: 16 jul, 2018.

CARDOSO, A. A. **Um rio de memórias, experiências e vivências: Guerrilha do Araguaia**. 2018. 149f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/2018_d_AureaAlvesCardoso.pdf>. Acesso em: 23 ago, 2018.

CARNEIRO, A. S. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. 2005. 339f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2018.

CARTA CAPITAL. **Terapeutas em choque**. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/881/terapeutas-em-choque>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

CASA VERDE. **Assistência**. Disponível em: <<http://www.nucleocasaverde.com.br/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

COIMBRA, C. **Guardiães da Ordem: Uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

COLLINS, P.H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**. v.31 n.1. 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogos**. Brasília: CFP, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Nota de pesar: Willivane Melo**. Publicado em: 6 dez. 2018. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/nota-de- pesar-willivane-melo/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Em nota de pesar, CRPRS lamenta morte dos professor Carlos Alberto Baum da Silva**. Publicado em: 8 nov. 2018. Disponível em: <<http://www.crprs.org.br/comunicacao/noticias/em-nota-de- pesar-cprs-lamenta-morte-dos-professor-carlos-alberto-baum-da-silva-4286>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

COUTINHO, D.; SABACK, E. O Histórico da Psiquiatria na Bahia. **Gazeta Médica da Bahia**, p. 210-218, 2007.

COSTA, J. F. Entrevista concedida a Benilton Bezerra. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1023-1033, 2014.

COSTA, J. F. **Entrevista sobre a trajetória de Neusa Santos Souza**. 2019. Entrevista concedida a William Pereira Penna.

DOMINGUES, P. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v.12, n.23, pp.100-122, 2007.

ENCONTRO DE FILOSOFIA, HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA DA PSICOLOGIA, 2017, Fortaleza. Psicologia entre a margem e o escopo: Serviriam os fundamentos psicológicos aos ideais políticos? Fortaleza: Unifor. 2017.

EVARISTO, C. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. B. & SCHNEIDER, L. (Orgs.) **Mulheres no Mundo: Etnia, Marginalidade e Diáspora**, João Pessoa, UFPB: Ideia/Editora Universitária, 2005.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017c.

FANON, F. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2006.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FERNANDES, F. L. **Entrevista sobre a trajetória de Neusa Santos Souza**. 2018. Concedida a William Pereira Penna.

FÓRUM GRITA BAIXADA. **Direito à memória e justiça racial**. 2018. Disponível em: <<https://forumgritabaixada.org.br/direito-a-memoria-e-justica-racial>>. Acesso em: 14 mai. 2019.

FREIRE, A. B.; FERNANDES, F. L. F.; SOUZA, N. S. **A Ciência e a Verdade: Um Comentário**. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

FREIRE, A. B. **Entrevista sobre a trajetória de Neusa Santos Souza**. 2018. Concedida a William Pereira Penna.

GENTE PRETA. **Zoológicos humanos II**. Publicado em: 21 nov. 2017. Disponível em: <<http://gente-preta.blogspot.com/2017/11/zoologicos-humanos-ii.html>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

GONZALEZ, L. **Primavera para as rosas negras**. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: ZERBO, J.K (org.). **História geral da África: metodologia e pré-história da África**. vol I. Brasília: MEC/Unesco, 2010.

HANNA, M. S. G. F. & SOUZA, N. S. **O Objeto da Angústia**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. Intelectuais Negras. **Estudos feministas**, v.3, n. 2, 1995.

IPEAFRO. **Acervo Digital: Afrodiáspora vol. 6 e 7**. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/publicacoes-do-ipeafro/afrodiasspora-vol-6-e-7/>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

ITAÚ CULTURAL. **Ocupação Conceição Evaristo: Escrevivência**. 2016. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Circulo do Livro, 1960.

KILOMBA, G. A máscara. In: **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Munster: Unrast Verlag, 2010. 2ª. ed.

KITEMBO LABORATÓRIO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS. **Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza: Primeira Parte**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eS2B_d9pX08&t=2932s>. Acesso em: 15 mar. 2019.

KITEMBO LABORATÓRIO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS. **Psicologia, Racismo e o Legado de Neusa Santos Souza: Segunda Parte**. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xowDzqd0rF0&t=3s>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

LEVI, G. Usos da biografia. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LINS, M. I. **Entrevista sobre a trajetória de Neusa Santos Souza**. 2018. Concedida a William Pereira Penna.

LUZ, M. A. **Neusa Santos Souza: um Encontro, uma Homenagem**. 2011. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos2015/?pg=noticias&cod_canal=71&cod_noticia=17513>. Acesso em: 27 mar. 2018.

MACHADO, B. A. “Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014.

MAPA DA VIOLÊNCIA 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil. Julio Jacobo Waiselfisz. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPPIR/PR, 2012.

MARIANO, L. **Entrevista sobre a trajetória de Neusa Santos Souza**. 2019. Concedida a William Pereira Penna.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGUEL, I. há graus de racismo? In: **Revista Òkótó**. Publicado em: 12 ago. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/revistaokoto/h%C3%A1-graus-de-racismo-e4f700dd536e>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

PITTA, ANA. **Entrevista de Drª Ana Pitta ao Projeto Memória da Reforma Psiquiátrica**. Publicado em 17 dez. 2015. 30h32min. son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pr0coKBOiHY&t=617s>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

NASCIMENTO, A. **Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, B. M. Por uma história do homem negro. In: RATTS, A. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006a.

NASCIMENTO, B. M. Negro e racismo. In: RATTS, A. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006b.

NASCIMENTO, B. M. *Kilombo* e memória comunitária: Um estudo de caso. In: RATTS, A. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006c.

NASCIMENTO, B. M. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, A. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006d.

NASCIMENTO, T. C. **Psicologia e racismo: Ressignificando a profissão no país onde bandido bom é bandido negro**. 2017. 53f. Monografia (Graduação) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <https://issuu.com/tainaracardoso.psi/docs/psicologia_e_racismo_reassignificand>. Acesso em: 09 set. 2018.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

NOBLES, W. Sakhu Sheti: Retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.) **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Coleção Sankofa. São Paulo: Selo Negro Edições, 2009. v. 4., p. 277-297.

OLIVEIRA, E. D. **Filosofia da ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira**. 2005. 353f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36895/1/2005_tese_edoliveira.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019

OYĚWÙMÍ, O. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In: OYĚWÙMÍ, O. **The invention of women: making an African sense of western gender discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

PAULON, S. M. A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-Intervenção. **Psicologia & sociedade**, v. 17, n. 3, 2005.

PSICOATIVO. **O que Freud aprendeu com Charcot?** Publicado em: abr. 2016. Disponível em: <<https://psicoativo.com/2016/04/o-que-freud-aprendeu-com-charcot.html>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

RATTS, A. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

RATTS A. & RIOS, F. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

ROCHA, A. **Entrevista sobre a trajetória de Neusa Santos Souza**. 2018. Concedida a William Pereira Penna e Cristina Rauter.

RODRIGUES, H. B. C. O Homem sem Qualidades. História oral, memória e modos de subjetivação. **Estudos em Psicologia**, UERJ/RJ, v. 2 n. 2 p. 24-46. 2004.

RODRIGUES, H. B. C. O zero e o infinito: reflexões sobre o método biográfico em pesquisa histórica. **Mnemosine**, vol. 9, n. 2, p. 271-288, 2013.

ROSA, D.; NASCIMENTO, N.; MORAES, V. A Psicologia Africana como ferramenta de mudança social da população negra-africana. In: SOLIGO, A.; BICALHO, P. P. G.; MALDONADO, H.; PORTUGAL, F. T. **VII Congresso da Alfepsi: Formação em Psicologia para a transformação psicossocial na América Latina**. Rio de Janeiro: Alfepsi, 2018. vol.1

RUGE, EDMUND. **Prêmio ‘Mestre das Periferias’ Reconhece Marielle, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Ailton Krenak**. Publicado em 17 ago. 2018. Disponível em: <<https://rioonwatch.org.br/?p=35610>>. Acesso em: 7 mai. 2019.

SAGESSE, E. **Entrevista sobre a trajetória de Neusa Santos Souza**. 2018. Concedida a William Pereira Penna.

SANTOS, A. O. Saúde mental da população negra: uma perspectiva não institucional. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 10, n.24, p. 241-259, fev. 2018.

SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI, 2015.

SANTOS, A. O.; SCHUCMAN, L. V. & MARTINS, H. V. Breve Histórico do Pensamento Psicológico Brasileiro Sobre Relações Étnico-Raciais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 166-175, 2012.

SINDYPSI. **10 psicólogas negras que lutam por um mundo livre do racismo**. Publicado em: 27 ago. 2018. Disponível em: <<https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/22746/10-psicologas-negras-que-lutam-por-um-mundo-livre-do-racismo>>. Acesso em: 3 jun. 2019.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUZA, N. S. **A Psicose: um estudo Lacaniano**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SOUZA, N. S. A questão do dinheiro na psicanálise. In: SOUZA, N. S. **Agenda de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Xanon, 1989. p. 242-45.

SOUZA, N. S. O Sujeito Suposto Saber: Uma objeção à transferência na Psicose? **Ágora, Estudos em Teoria Psicanalítica**, v.2 n.1 p. 109-119. 1999.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, N. S. O Eu e o Sujeito: Ressentimento, culpa e responsabilidade. **Cadernos de psicanálise - Circulo Psicanalítico do Rio de Janeiro**, n.15, p. 59-76, mai. 2002.

SOUZA, N. S. Só e bem acompanhada. **Cadernos de Psicanálise**, ano 8, n.11, 1990.

Entrevista concedida a Adriana Salgado, Cristina Duba, Inês Lamy e Marta Resende.

SOUZA, N. S. **Trilogia da Mente**. Programa Espelho. Entrevista concedida a Lázaro Ramos e Sandra Almada. Rio de Janeiro: Canal Brasil, 2008. Programa de TV. Transmitido em: 4 ago. 2008.

SOUZA, N. S. Teoria e clínica da psicose. **Latusa**, Rio de Janeiro, n.1, p. 154-156, ago, 1997.

SOUZA, N. S. Transferência e direção da cura na psicose. **Boletim de Novidades**, n. 57, p. 36-43, jan. 1994.

SOUZA, N. S. A Forclusão, um caso de grandeza negativa. **Boletim de Novidades**, n. 59, p. 43-53, mar. 1994.

SOUZA, N. S. Sexualidade e morte na psicose. **Boletim de Novidades**, n. 72, p. 51-59, abr. 1995.

SOUZA, N. S. O eu e o sujeito: ressentimento, culpa e responsabilidade. **Cadernos de Psicanálise - CPRJ**, n. 15, p. 59-74, dez. 2002.

TAVARES, M. **Entrevista sobre a trajetória de Neusa Santos Souza**. 2018. Concedida a William Pereira Penna.

TRAPP, R.F. **Intelectuais Negros no Brasil: Uma proposta de Análise a partir de Eduardo de Oliveira e Oliveira**. Texto apresentado no 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015. Disponível em: <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos7/rafael%20petry%20trapp.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

VIDAL, P. **Entrevista sobre a trajetória de Neusa Santos Souza**. 2018. Concedida a William Pereira Penna e Maria da Conceição Nascimento.

WEST, C. O Dilema do Intelectual Negro. In: WEST, C. **The Cornel West reader**. New York: Basic Civitas Books, 1999.

ANEXO A – Especial de Neusa Santos Souza para o Correio da Baixada

Contra o racismo: com muito orgulho e amor:

Neusa Santos Souza, em 13 de maio de 2008.

Comemoramos hoje 120 anos de abolição da escravidão negra no Brasil. Abolição da escravidão quer dizer aqui fim de um sistema cruel e injusto que trata os negros como coisa, objeto de compra e venda, negócio lucrativo para servir à ambição sem fim dos poderosos. Abolição da escravidão quer dizer aqui fim da humilhação, do desrespeito, da injustiça. Abolição da escravidão quer dizer libertação.

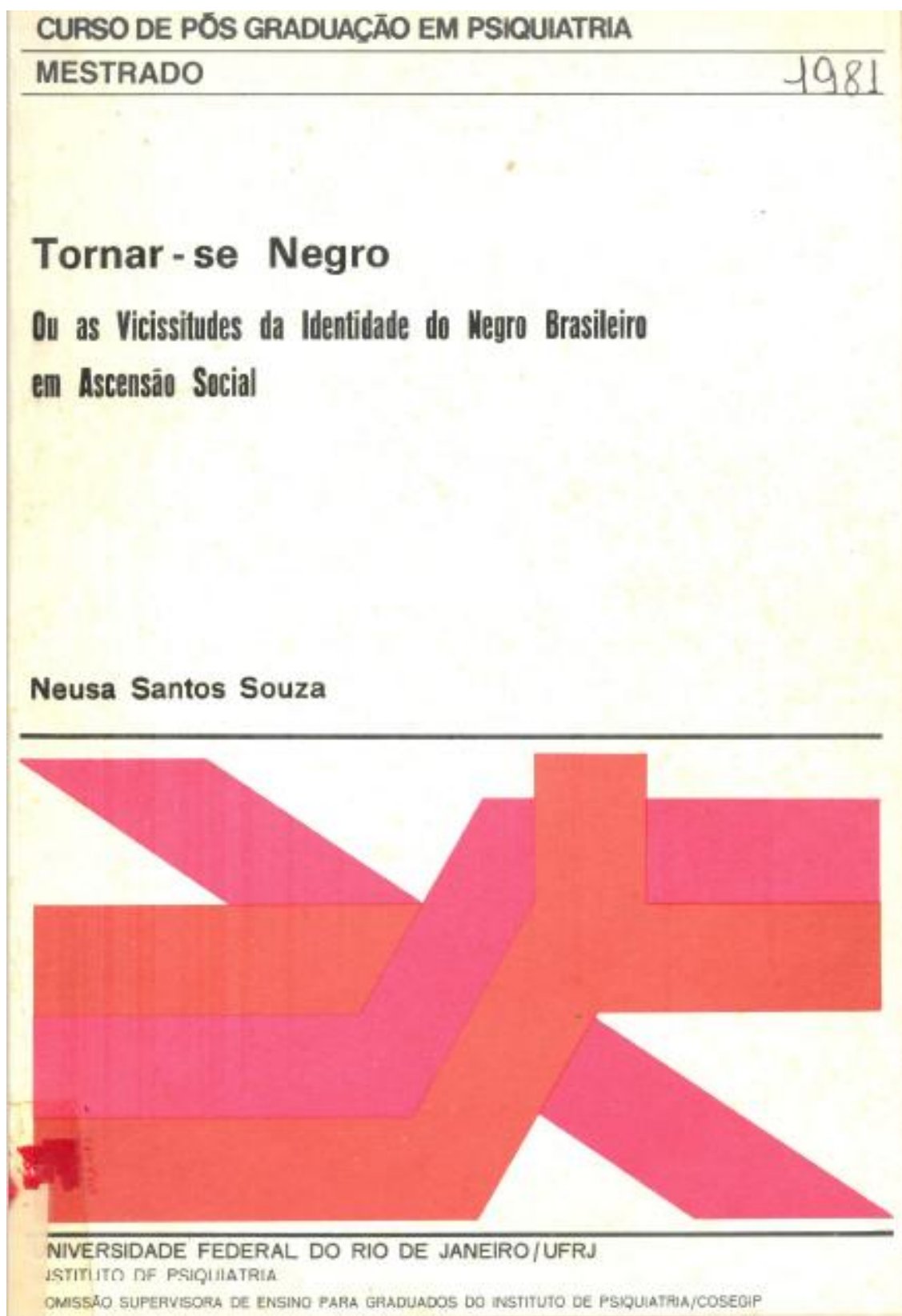
Mas será que acabamos mesmo com a injustiça, com a humilhação e com o desrespeito com que o conjunto da sociedade brasileira ainda nos trata? Será que acabamos com a falta de amor-próprio que nos foi transmitido desde muito cedo nas nossas vidas? Será que já nos libertamos do sentimento de que somos menores, cidadãos de segunda categoria? Será que gostamos mesmo da nossa pele, do nosso cabelo, do nosso nariz, da nossa boca, do nosso corpo, do nosso jeito de ser? Será que nesses 120 de abolição conquistamos o direito de entrar e sair dos lugares como qualquer cidadão digno que somos? Ou estamos quase sempre preocupados com o olhar de desconfiança e reprovação que vem dos outros?

Cento e vinte anos de abolição quer dizer 120 de luta dos negros que, no Brasil, dia a dia, convivem com o preconceito e a discriminação racial. 120 de abolição quer dizer 120 de luta contra o racismo desse país que é nosso e que ajudamos a construir: não só com o trabalho, mas, sobretudo, com a cultura transmitida por nossos ancestrais e transformada e enriquecida por cada um de nós. 120 de abolição quer dizer 120 anos de luta contra todos os setores da sociedade e da vida cotidiana: nos espaços públicos e nos espaços privados; na Câmara, no Senado, nos sindicatos, no local de trabalho, nas escolas, nas universidades, no campo, na praça e em nossas casas. 120 de abolição quer dizer 120 de luta contra qualquer lugar em que houver um negro que ainda sofra preconceito e discriminação raciais. Nesses 120 anos, tivemos muitas vitórias, conquistamos muitas coisas, especialmente um amor por nós mesmos, uma alegria, um orgulho de sermos o que somos: brasileiros negros – negros de muitos tons de cor de pele, efeito da mistura, que é uma bela marca da sociedade brasileira.

Nesses 120 anos tivemos muitas conquistas e temos muito mais a conquistar. Nesses 120 anos vencemos muitas batalhas e temos muito mais a batalhar.

Nesses 120 anos comemoramos muitas vitórias e temos muito mais a comemorar.

A escravidão acabou, mas a nossa luta continua!

ANEXO B – Recortes da dissertação original de Neusa Santos Souza

Neusa Santos Souza

TORNAR-SE NEGRO

ou

AS VICISSITUDES DA IDENTIDADE DO NEGRO BRASILEIRO
EM ASCENSÃO SOCIAL

Não circula

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psiquiatria. Curso de Pós-Graduação - Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PROFESSOR ORIENTADOR: José Otávio de Freitas Junior

CO-ORIENTADOR: Gregório Franklin Barenblitt

INSTITUTO DE PSIQUIATRIA - UFRJ
BIBLIOTECA

RIO DE JANEIRO
1981

.i.

TORNAR-SE NEGRO
OU
AS VICISSITUDES DA IDENTIDADE DO NEGRO BRASILEIRO
EM ASCENSÃO SOCIAL

Neusa Santos Souza

TESE SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS REQUI-
SITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE.

Aprovada por:



Prof. ADOLPHO HOIRISCH
Presidente da Banca



Prof. WALDEREDO ISMAEL DE OLIVEIRA



Prof. WILLIAM ASMAR

Rio de Janeiro, RJ - BRASIL
Junho de 1981